

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

MARCOLINA ALVES PEREIRA SILVA

**GRIÔS E CONGADA TENSIONANDO A CULTURA ESCOLAR: UM
ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA DE MACHADO-MG.**

ALFENAS/MG

2019

MARCOLINA ALVES PEREIRA SILVA

**GRIÔS E CONGADA TENSIONANDO A CULTURA ESCOLAR: UM ESTUDO
DE CASO EM UMA ESCOLA DE MACHADO-MG.**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para
obtenção do título de Mestre em Educação pela
Universidade Federal de Alfenas/UNIFAL-MG.
Orientador: Luís Antônio Groppo.

**ALFENAS/MG
2019**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas

Silva, Marcolina Alves Pereira.
S586g Griôs e congada tensionando a cultura escolar: um estudo de caso em
uma escola de Machado-MG. / Marcolina Alves Pereira Santos –
Alfenas/MG, 2019.
127 f.: il. –

Orientador: Luis Antonio Groppo.
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de
Alfenas, 2019.
Bibliografia.

1. Cultura Popular. 2. Congadas. 3. Currículo. 4. Memória. 5. Educação.
I. Groppo, Luis Antonio. II. Título.

CDD-371

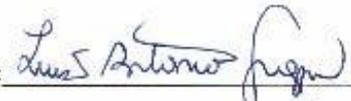
MARCOLINA ALVES PEREIRA SILVA

“GRIÓS E CONGADA TENSIONANDO A CULTURA ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA DE MACHADO-MG”

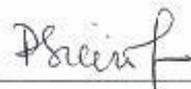
A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Fundamentos da Educação e Práticas Educacionais.

Aprovado em: 29/04/2019

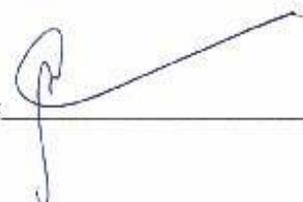
Prof. Dr. Luis Antonio Groppo
Instituição: Universidade Federal de Alfenas –
UNIFAL-MG

Assinatura: 

Profa. Dra. Renata Sieiro Fernandes
Instituição: Centro Universitário Salesiano de São
Paulo – UNISAL-SP

Assinatura: 

Prof. Dr. André Luiz Sena Mariano
Instituição: Universidade Federal de Alfenas –
UNIFAL-MG

Assinatura: 

Dedico este trabalho aos meus amados filhos Cecília Pereira, Samuel Aureliano Pereira Silva e a meu esposo Sidney. As irmãs e irmãos amados de minha vida: Maria José, Maria Lúcia, Maria de Fátima, Rachel, Elvira, Júnior, Tadeu, Luís Antônio, Renato e Rodrigo. Em especial dedico este trabalho a meus pais José Benedito Pereira e Judith Aureliana Alves Pereira.

AGRADECIMENTOS

A Universidade Federal de Alfenas-UNIFAL pela oportunidade oferecida.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil." (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ao Prof. Dr. Luís Antônio Groppo, orientador, pela dedicação, carinho, conhecimentos transmitidos e confiança depositada na realização deste trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação, em especial ao Prof^o. Dr. André Senna Mariano, pelo olhar carinhoso e atencioso a mim dispensado.

À professora Dalila Da Cruz Silva e à Diretora da Escola Estadual Iracema Rodrigues Jussara Maria da Silva pelo apoio, carinho e acolhimento.

A Congada da Escola Estadual Iracema Rodrigues.

(Música de Congada da Escola Estadual Iracema Rodrigues.)

(Autores: Dirce Alves da Silva /Pedagoga e Daniel Moreira/Capitão do Terno de Congo do Boi)

Oh! Iracema, Iracema.
Com sua Congada, a se apresentar.
Oh! Iracema quem mandou te chamar?
Oh! Iracema quem mandou te chamar?
Foi São Bendito.
Que foi nos procurar.
Foi São Benedito.
Que foi nos procurar.
Oh! Iracema, Iracema.
Oh! Iracema, Iracema.
Com sua Congada, a se apresentar.
Com sua Congada, a se apresentar.
Oh! Iracema quem mandou te chamar?
Oh! Iracema quem mandou te chamar?
Foi a Senhora do Rosário que quer nos abençoar. Oh!
Iracema, Iracema.
Com sua Congada, a se apresentar.
Oh! São Bendito.
Santo padroeiro.
Proteja nossa escola.
E o mundo inteiro.
Oh! Iracema, Iracema.
E a nossa Congada a se apresentar
É o Boi, meu boi.
É o Boi, nosso boi.
É o Boi.

(Letra cedida pela direção da escola em agosto de 2018.)

RESUMO

Essa dissertação traz reflexões sobre a Cultura Popular adentrando o espaço escolar. A manifestação cultural Afro-brasileira, no tempo presente impressa no folguedo das congadas, ao adentrar o espaço da escola por meio da cultura impregnada nos corpos e nas subjetividades dos estudantes, propõe uma investigação situacional, um estudo de caso instrumental da ocupação pelo saber popular do espaço escolar. Para tanto, tem por objeto de pesquisa o percurso de formação de um Terno de Congo e um Bumba-meu - boi dentro do espaço escolar pelas turmas do Projeto Escola de Tempo Integral. Traz, como pano de fundo, a Escola Estadual Iracema Rodrigues da cidade de Machado-MG. O projeto educacional desenvolvido na escola possibilitou analisar o relevante impacto desse riquíssimo arcabouço cultural ao ocupar o espaço escolar: agregou saberes e gerou impactos no currículo da escola, inovou a prática educacional e recriou nos sujeitos frequentadores do espaço escolar os sentimentos de valorização da sua cultura afrodescendente, os sentimentos de pertencimento àquele espaço escolar e também motivação para frequentar mais, e de maneira mais significativa para estes sujeitos, o espaço da escola. Apesar da pesquisa ter constatado importantes avanços nessa ocupação pela cultura popular do currículo escolar, também encontrou alguns limites, como a resistência de alguns sujeitos da escola e os impactos positivos mais restritos àqueles estudantes que participaram do projeto.

Palavras-chave: Cultura popular. Congada. Currículo. Memória. Educação. Identidade.

ABSTRACT

This dissertation brings reflections on the Popular Culture entering the school space. The Afro-Brazilian cultural manifestation, in the present time printed in the folguedo of the congadas, when entering the school space through the culture impregnated in the bodies and the subjectivities of the students, proposes a situational investigation, an instrumental case study of the occupation by the popular knowledge of school space. In order to do so, the object of research is the training course of a Congo Suit and a Bumba-mi-boi within the school space by the classes of the School Project of Integral Time. It brings, as a background, the Iracema Rodrigues State School of the city of Machado-MG. The educational project developed at the school made it possible to analyze the relevant impact of this very rich cultural framework when it occupied the school space: it added knowledge and generated impacts in the school curriculum, innovated the educational practice and recreated in the subjects attending the school space the feelings of appreciation of its culture afrodescendant, the feelings of belonging to that school space and also motivation to attend more, and in a more significant way for these subjects, the space of the school. Although the research found important advances in this occupation by the popular culture of the school curriculum, it also found some limits, such as the resistance of some subjects of the school and the positive impacts more restricted to those students who participated in the project.

Keywords: Popular culture. Congada. Curriculum. Memory. Education. Identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1-	Mapa. Localização Geográfica da cidade de Machado-MG.....	28
Figura 2-	Fotografia do Andor de São Bendito	34
Figura 3-	Fotografia do Andor de Santa Efigênia.....	34
Figura 4-	Fotografia do Andor de Santa Terezinha	35
Figura 5-	Fotografia da Guarda de Honra de São Benedito	37
Figura 6-	Fotografia da Subida do Reinado: a Rainha e o Rei Congo	38
Figura 7-	Fotografia do Cortejo: Os Reis e Rainhas do Congo	39
Figura 8-	Fotografia do Terno dos Caiapós.	40
Figura 9-	Fotografia dos alunos que formam o Terno de Congo da Escola Estadual Iracema Rodrigues	42
Figura 10-	Fotografia do Terno de São Bendito	43
Figura 11-	Fotografia do Mastro de São Benedito	47
Figura 12-	Fotografia da Escola Estadual Iracema Rodrigues (1941)	49
Figura 13-	Fotografia da Escola Estadual Iracema Rodrigues (2006)	52
Figura 14-	Fotografia do Boi Bumbá do Terno de congo da Escola	53
Figura 15-	Fotografia dos alunos participantes do Projeto Congada.....	57
Figura 16-	Fotografia do Tripa do Boi	64
Figura 17-	Fotografia dos Mestres Congadeiros – Os Griôs	69
Figura 18-	Fotografia do Terno de São Bendito.....	120
Figura 19-	Fotografia de ornamentação do Boi Bumbá	120
Figura 20-	Fotografia dos estudantes que compõe o Terno de Congo da Escola Estadual Iracema Rodrigues	121
Figura 21-	Fotografia da oficina de Vestimenta do Boi Bumbá.....	121
Figura 22-	Fotografia do Boi Bumbá.....	122
Figura 23-	Fotografia dos alunos do Projeto Educacional (Ano:2008)	122
Figura 24-	Fotografia do Boi em performance pela cidade	123
Figura 25-	Fotografia: Saudação ao Mastro de São Benedito	123
Figura 26-	Fotografia do Terno de Congo da Escola.....	124
Figura 27-	Fotografia da visita dos componentes do Terno da escola a Igreja de São Bendito. Agosto/2018	124

Figura 28-	Fotografia do Terno de Congo dos Caiapós.....	125
Figura 29-	Fotografia da performance do Terno de Congo do Boi no espaço escolar..	125
Figura 30-	Fotografia do Boi Bumbá.....	126
Figura 31-	Fotografia do Capitão do Terno de Congo da Escola	126
Figura 32-	Fotografia dos Dançantes do Terno de Congo da Escola	127
Figura 33-	Fotografia do Boi Bumbá.....	127

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	A CIDADE DE MACHADO E SUA TRADIÇÃO AFRODESCENDENTE.....	28
	A Cidade de Machado-MG.....	28
	A Congada.....	30
2.3	A Festa de São Benedito em Machado-MG.....	41
2.4	A Escola Estadual Iracema Rodrigues e o Projeto Escola de Tempo Integral	49
3	O PROJETO GRIÔS E CONGADA NA ESCOLA ESTADUAL IRACEMA RODRIGUES.....	57
	O Nascimento do Projeto Griôs e Congada na Escola Estadual Iracema Rodrigues	57
	A Cultura Popular no Espaço Escolar	65
	A Construção do Boi Bumbá no pátio da escola.....	72
4	OUTRO OLHAR SOBRE O CURRÍCULO DA ESCOLA ESTADUAL IRACEMA RODRIGUES	76
	O trabalho com a diversidade na Escola Estadual Iracema Rodrigues.	82
	Impactos socioculturais do Terno de Congo do Boi na Escola Estadual Iracema Rodrigues	84
	Tensões socioculturais apresentadas nas narrativas dos atores envolvidos no Projeto educacional.	
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
	REFERÊNCIAS	112
	ANEXOS.....	115

1 INTRODUÇÃO

*Esse boi é meu,
Esse boi é meu,
Ninguém mata esse boi,
Esse boi é meu.*
COSTA, 2014, [p.98].

A presente dissertação tem como tema central a cultura popular tensionando o currículo oficial.

Segundo Simon e Giroux (1994, p. 96), “a cultura popular representa não só um contraditório terreno de luta, mas também um importante espaço pedagógico onde são levantadas relevantes questões sobre os elementos que organizam a base da subjetividade e da experiência do aluno”.

Este terreno de luta torna-se cada vez mais produtivo e acirrado, quando nele estão presentes sujeitos populares repletos de saberes populares.

Em vista disso, esta pesquisa tem o intuito de apresentar e analisar o percurso do Projeto Griôs e Congada, desenvolvido na Escola Estadual Iracema Rodrigues na cidade de Machado-MG. Buscamos refletir sobre os impactos que este projeto vem trazendo ao espaço escolar como prática educativa e inovadora.

Esse projeto educacional teve início em 2007 com os alunos do Projeto Escola de Tempo Integral, idealizado pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, perfazendo um recorte temporal em ação de dez anos.

Surgiu da necessidade de validar o saber das classes populares¹, dos sujeitos presentes no espaço escolar, filhos, netos e bisnetos de congadeiros.

Souza (2002, p. 109) nos esclarece que:

especificamente, estamos, portanto, diante do problema do tratamento a ser dado, na prática pedagógica escolar, aos conhecimentos, atitudes frente ao que é proposto como a cultura de prestígio pela escola. E mais: valores e habilidades, com os quais os alunos chegam à sala de aula, com que finalidades são trabalhados esses conteúdos básicos de aprendizagem? Eles têm finalidades sócio-educativas ou apenas instrucionais, ou ainda, instrucionais-educativas?

¹ Saber das classes populares: “Um saber da comunidade torna-se o saber das frações (classes, grupos, povos, tribos) subalternas da sociedade desigual. Em um primeiro longínquo sentido, as formas – imersas ou não em outras práticas sociais, através das quais o saber das classes populares ou das comunidades sem classes é transferido entre grupos ou pessoas, são a sua educação popular” (BRANDÃO, 1986, p. 26).

A intenção desta pesquisa é saber tanto se o Projeto Griôs e Congada, que adentrou o espaço escolar de uma escola pública de ensino por meio da realização de um projeto educacional, realizou inserções no currículo oficial² de conhecimentos e saberes populares, precisamente o conhecimento do Terno de Congo do Boi e dos contadores de história do Projeto Griôs e Congada.

O problema de pesquisa levantado pretende refletir e investigar sobre a incorporação da cultura popular numa instituição pública de ensino como relevante elemento para repensar o processo de escolarização, como uma possível forma de enriquecimento da política cultural. Busca analisar até que ponto os saberes populares que o Projeto Griôs e Congadas trouxe para o interior da escola teriam tensionado a proposta curricular vigente.

Também, a pesquisa deseja saber se, neste período de tempo, ocorreram articulações entre os saberes produzidos pelo projeto e as demais disciplinas ensinadas por outros professores da rede, sem hierarquias e discriminações. Ou seja, se o Projeto Griôs e Congada agregaram valores ao currículo da escola, enriqueceu discussões, inovou e gerou conhecimentos.

Desejamos que esta pesquisa instigue reflexões sobre um projeto educacional que foi capaz de ouvir os saberes originados na cultura popular, na cultura de populações excluídas, dando sentido e significado a eles.

Optamos por apresentar aqui na introdução, como um provocar de ideias, memórias de minha formação docente. As experiências e as vivências passadas podem dialogar com o presente, possibilitando novas construções, ricas, elaboradas e históricas.

Ao nos colocarmos como sujeitos de uma história e memória, balizamos nossa intencionalidade e subjetividade no processo de realização desta pesquisa, reportando-nos como mediadores críticos de experiências que fizeram o passado, que elucidam o presente e que nos levam a refletir sobre o cotidiano de práticas docentes.

Conforme Bosi (1994, p. 54), “a memória do indivíduo depende de seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”. Esta pesquisa está ligada ao meu percurso como professora e gestora, bem como aos processos culturais vividos por mim e por meus familiares.

² Currículo oficial:- “[...] determina que conteúdos serão abordados e, ao estabelecer níveis e tipos de exigências para os graus sucessivos, ordena o tempo escolar, proporcionando os elementos daquilo que entenderemos como desenvolvimento escolar e daquilo em que consiste o progresso dos sujeitos durante a escolaridade” (SACRISTÁN,2013, p.18).

Tive uma infância simples e maravilhosa, pois, desde muito cedo, presenciei processos culturais vividos em festas populares presentes em Machado, minha cidade.

Na casa onde nasci e cresci, existe uma horta grande. Belas jabuticabeiras fazem parte do patrimônio familiar. Assim brincávamos ao redor delas. Éramos onze irmãos. Acompanhávamos desde a primeira florada esbranquiçada até o aparecer das frutas. Em nossa família, o gostar de árvores tornou-se um hábito. Crescemos com elas.

Brincava também com meus primos e primas numa charmosa pracinha da cidade, passeava pelas ladeiras de Machado, ouvindo, no mês de agosto, o som e o batuque das congadas.

Minha mãe era negra, lavadeira, quitandeira, amante do carnaval e das congadas. Meu avô materno tocava banjo, sanfona e era apaixonado por Ternos de Congo.

Meu pai nos colocava em cima de seus pés e andava dançando conosco pela casa, ouvindo numa vitrola velha, em discos de vinil, músicas de Adoniran Barbosa.

Meu avô paterno era guarda de honra da tradicional festa de São Benedito da cidade de Machado. Ele possuía uma espada da Guarda de Honra, instrumento para proteção do mastro da tradicional festa de São Benedito, a qual ocorre há mais de cem anos todo o mês de agosto na cidade.

Meu tio José era o presidente de uma escola de samba, apreciador destas manifestações culturais e trazia consigo muita musicalidade. Em suma, uma cultura rica e variada se instalava sempre em nossa casa e em nossa vida.

Machado é a cidade em que nasci que me embalou na infância e me apaixonou até os dias de hoje. Também foi em Machado que, no ano de 1967, iniciei meus estudos. Frequentei o pré-escolar na Escola Infantil Combinada Chapeuzinho Vermelho. Em 1968, ingressei na Escola Estadual D.º Pedro I, onde fiquei até concluir a 4.ª série primária.

Assim, nos anos finais do ensino fundamental fui para o Colégio Imaculada Conceição onde permaneci até concluir o magistério. Após o primeiro colegial, cursei, concomitantemente, o Técnico em Contabilidade do Colégio São José. Assim, em 1981, me formei tanto no magistério quanto no curso técnico.

Pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Machado-MG, cursando Ciências Biológicas, formei-me em 1985.

Durante o tempo da faculdade, trabalhei como monitora em uma creche da cidade da cidade de Machado, o Lar Fabiano de Cristo. Deixei a creche para trabalhar em escolas municipais e, logo em seguida, em escolas estaduais.

No ano de 1988, licenciei-me em Pedagogia, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e

Letras de Machado e, em Matemática, em 1995, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Varginha.

Durante o período em que estudava, ministrei aulas em escolas públicas da cidade de Machado.

Entre abril do ano de 2002 e julho de 2007, vivi a experiência de participar como tutora do Projeto Veredas, Formação Superior de Professores – Graduação a Distância, promovido pela Secretaria Estadual de Educação/MG em convênio com a Fundação Educacional de Machado.

No ano de 2007, participei do processo de eleição para diretor e vivi a experiência de ser Gestora Escolar por nove anos da Escola Estadual Iracema Rodrigues.

Foi por meio do contato desde muito cedo com a cultura local das congadas pelas ruas e praças da cidade de Machado que, ao estar na escola como gestora escolar, pude perceber que tanto os estudantes da Escola Estadual Iracema Rodrigues quanto os professores do Projeto Escola de Tempo Integral apreciavam a cultura das congadas.

No ano de 2016, deixei a direção e atualmente estou professora em um período escolar, ainda na Escola Estadual Iracema Rodrigues e Supervisora Pedagógica na Escola Estadual de Douradinho, distrito da cidade Machado.

Vigotski (1997, p, 106) entende que a cultura é um produto da vida social e, ao mesmo tempo, da atividade social do ser humano. Para Vigotski (1997), nosso trabalho e nossa vidas são baseados na utilização de experiências de gerações anteriores, por meio da experiência histórica. Portanto, com esses fragmentos culturais e históricos que trazem signos, significados, memórias, identidades, documentos físicos e orais, paisagens, culturas históricas, antropológicas, sociológicas e políticas, desenha-se a escrita desta dissertação. Ocupa-se da vida dos estudantes que frequentam o espaço da Escola Estadual Iracema Rodrigues e participam do Projeto Escola de Tempo Integral, onde se desenvolve o Projeto Educacional Griôs e Congada na escola.

O Projeto Griôs e Congada, elaborado na riqueza da cultura popular, ocorre paralelo ao currículo da escola.

É uma composição nova para uma escola produzida com antigos elementos. Elementos extraídos da realidade dos estudantes, que adentram o espaço escolar, por meio da manifestação do congo, extremamente importante no universo da cultura afro-brasileira.

Segundo Febvre (1985, p.249):

A História faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando eles existem. Mas

ela pode fazer-se, ela deve fazer-se sem documentos escritos, se os não houver. Com tudo o quê o engenho do historiador pode permitir- lhe utilizar para fabricar o seu mel, à falta de flores habituais. Portanto, com palavras. Com signos. Com paisagens e telhas. Com formas de cultivo e ervas daninha. Com elipses da lua e cangas de boi. Com exames de pedras por geólogos e análises de espadas de metal por químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que pertence ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e a maneira do ser homem.

Nessa perspectiva, não é apenas a vida de pessoas ilustres ou conhecidas que desperta interesse, mas, ao contrário, será exatamente na vida de pessoas comuns, que, do ponto de vista das elites, vivem ou viveram no anonimato, sem qualquer tipo de destaque ou protagonismo especial, que encontraremos elementos capazes de desvelar aspectos significativos de uma coletividade em uma determinada época ou lugar.

A partir desse contexto, o Projeto Griôs e Congada, consolidado pela Escola Estadual Iracema Rodrigues da cidade de Machado e realizado há dez anos, tem se mostrado como uma prática pedagógica repleta de significados para os sujeitos envolvidos, e para a escola como uma prática educativa a ser investigada. Prática que se delineaia criativamente, influenciada pela cultura local, pelo ambiente onde está inserida a escola e pelas tradições locais e familiares dos estudantes que dele participam.

Zorzal e Basso (2002) dizem que a conceituação da criatividade pode assumir orientações ambientalistas– aquelas influenciadas por condições do ambiente, inatistas – oriundas de herança genética, ou metafísicas – atribuídas à existência aos dons. Na investigação reflexiva dessa prática educativa, pretendemos sistematizar o que o projeto mostrou a olhos nus nestes dez anos. Descreveremos as ações do projeto, com base nos documentos arquivados na escola (o projeto, imagens, relatórios, depoimentos, entrevistas etc.) e na reflexão sobre experiências que vivenciei e observei como Gestora Escolar, colaboradora das professoras Luiza de Paula, Dalila da Cruz Silva e Fabiana de Carvalho, que, com grande sensibilidade, souberam escutar os sujeitos que adentram a escola; em questão os afrodescendentes cujas vozes têm sido muitas vezes ignoradas e marginalizadas no espaço escolar.

Essas vozes, antes marginalizadas, passaram a ser mais valorizadas em decorrência do projeto, se envolveram com a prática educacional e foram mais reconhecidas no espaço escolar. Criou-se uma outra relação com a escola, pois ocorreu a ressignificação da identidade e da identificação dos sujeitos frequentadores do projeto, especialmente graças à valorização pelo projeto das memórias ancestrais destes filhos, netos e bisnetos de congadeiros da cidade de Machado.

A festa de São Benedito é tradicional em Machado. Ela acontece há aproximadamente 98 anos, sendo que seu primeiro registro é encontrado no Livro de Tomo da Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio (REBELLO, 2006).

Para Pereira (2010, p. 54):

se a escola e os currículos, por um lado, têm sido simultaneamente palco e cartilha ideológica que geram situações nas quais os afrodescendentes são constrangidos em função de sua procedência sociocultural, por outro lado, a escola e os currículos apresentam instâncias propícias aos debates e às ações que poderão levar a superação das referidas situações de discriminação. A esse propósito, a inserção de valores que dão forma e sentido às culturas afrodescendentes contribui para gerar práticas pedagógicas que atendam não só aos interesses dos afrodescendentes, mas dos diferentes atos envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

As relações entre esses saberes populares, especialmente afrodescendentes, e a escola tomaram novo rumo a partir da alteração da Lei n.º 9.343/96 pela Lei n.º 10.639/2003, a qual estabelece as diretrizes da educação nacional para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” e intenciona oferecer uma resposta à demanda da população afrodescendente, no sentido de criar políticas de ações afirmativas, isto é, políticas de reparação, reconhecimento e valorização de sua história, de sua cultura, de sua identidade.

A Lei n.º 11.645/2008, que tornou obrigatório o estudo da cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados, e ainda o Projeto de Lei n.º 1.786/2011, de Jandira Feghali, em tramitação no congresso que institui a Política Nacional Griô para proteção e fomento à transmissão dos saberes e fazeres da tradição oral, vêm reforçar a necessidade de um olhar crítico a estas culturas.

Anteriormente ao Projeto Griôs e Congadas, trabalhava-se na Escola Estadual Iracema Rodrigues, no mês de agosto, o folclore brasileiro de um modo pouco significativo aos alunos. Essa escola, assim como tantas outras escolas públicas da cidade de Machado, que recebem contingentes de estudantes que abarcam grande diversidade cultural, se atinha às discussões pertinentes às culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras que costumam se traduzir em datas essencialmente comemorativas, sem um aporte histórico.

Quando as professoras falavam sobre folclore, nomês de agosto, em salas de aulas regulares, especificamente em projetos como o de Educação em Tempo Integral, os alunos costumavam não prestar atenção a elas e ficar cantando e/ou batucando nas carteiras. Sensíveis a essa situação, elas perceberam que eles, alegres e eufóricos, cantavam uma interessante quadrinha: “Esse boi é meu/Esse boi é meu/ Ninguém mata esse boi/Esse boi é meu”, citada

na epígrafe da Introdução.

Assim, atentas às circunstâncias de contar histórias que não são contadas, as professoras, motivadas pelo desejo dos alunos, começaram a tecer o Projeto Griôs e Congada. Mal sabiam elas que o espaço escolar seria irrigado por uma riqueza de informações, as quais não se encontram postas no currículo oficial e que precisavam sair do silêncio. É importante ressaltar que a presente pesquisa traz a experiência de uma prática construída com base na cultura popular que desafia a escola a cultivar um ensino que parte dos saberes dos seus estudantes: os saberes populares não incorporados aos saberes oficiais.

Ainda em Simon e Giroux (1994, p. 96), “situada no terreno do cotidiano, a cultura popular quando valorizada e legitimada no currículo escolar é, em consequência disso, apropriada pelos alunos e ajuda a validar suas vozes e experiências”.

Objetivamente, o Projeto Griôs e Congada recriou no espaço escolar uma experiência vivida pelos estudantes que teve por produto a criação de um terno de congo e a confecção de um Bumba meu Boi no interior da escola. Ambos, o terno de congo e o boi, são frutos da tradição congadesca da cidade de Machado, onde famílias inteiras pertencem aos Ternos de Congo e participam da tradicional festa de São Bendito, folguedo popular que data sua existência há mais de cem anos, envolvendo toda a cidade.

Hobsbawn (1997, p.14) diz que:

mais interessante, do nosso ponto de vista, é a utilização de elementos antigos na elaboração de novas tradições inventadas para fins bastante originais. Sempre se pode encontrar, no passado de qualquer sociedade, um amplo repertório destes elementos; e sempre há uma linguagem elaborada, composta de práticas e comunicações simbólicas. Às vezes, as novas tradições podiam ser prontamente enxertadas nas velhas; outras vezes, podiam ser inventadas com empréstimos fornecidos pelos depósitos bem supridos do ritual, simbolismo e princípios morais oficiais - religião e pompa, folclore e maçonaria (que, por sua vez, é uma tradição inventada mais antiga, de grande poder simbólico).

A continuidade desses ritos – a festa, o cortejo do congo, o batuque, os tambores, a religiosidade e a devoção ao santo da festa, São Benedito – se faz presente no decorrer dos anos, permitindo que esse conhecimento popular passe de geração para geração.

A questão ora retratada é de extrema importância, pois remeterá a reflexões sobre práticas que abordam, no espaço escolar, o saber popular e impactam o currículo, a rotina escolar e o corpo docente por diferirem do conhecimento produzido cientificamente.

Sérgio Martinic (1993, p. 33) vê que o saber popular é constituído “pelos conhecimentos, interpretações e sistemas de compreensão que produzem e atualizam os setores subalternos da sociedade para explicar e compreender sua experiência”.

Um projeto educacional não é elaborado e nem surge do nada, ele é uma proposta que

pretende horizontes desejáveis. Passa por processos, resultados, intenções. Antecipa problemas e cria possibilidade de abrir novos caminhos. Apresenta um planejamento, um intento, uma rotina. O Projeto Griôs, em ação dentro e fora do espaço escolar na cidade de Machado, vem recebendo, nestes dez anos, aplausos, e aprovações, mas também resistências diante de uma educação formal que atravessa uma profunda crise. O Projeto Griôs e Congada, desenvolvido na Escola Estadual Iracema Rodrigues, desafia professores e escola a se engajarem no saber cotidiano dos estudantes que adentram o espaço escolar.

Nóvoa (2007, p. 86) chama a atenção que “as tarefas do professor exigem flexibilidade, maturidade psicológica, criatividade e complexidade cognitiva, na medida em que o professor atende às características e qualidade de desenvolvimento e cultura das crianças, as suas histórias de vida e contextos sociais”.

Justifico pesquisar o percurso do Projeto Griôs e Congada, já consolidado no espaço da Escola Estadual Iracema Rodrigues, para além daquilo que ele realiza e que está visível a olho nu: as apresentações coloridas, o barulho, o batuque e a euforia dos alunos. Caracteriza-se o Projeto Griôs e Congada na riqueza de significações baseadas nos saberes e nas tradições populares das Congadas.

Pensar esse tema requer a escuta do outro, compreendê-lo, entendê-lo e, principalmente, respeitar o saber que neste outro se apresenta.

Para Freire (1996, p. 41, *grifos no original*):

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É “a outredade” do “não eu”, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade do meu eu.

Em nosso entendimento, é importante apostar no desejo de refletir e pesquisar uma prática de ensinamento escolar diferenciada do modelo dominante, conservador; uma prática que envolva verdadeiramente os sujeitos frequentadores do espaço escolar e sua cultura, a partir do conhecimento oriundo de suas experiências, pouco valorizadas pelo currículo oficial, de uma cultura popular colocada como algo inferior pelo discurso dominante e definida como o banal, o insignificante, o indigno de prestígio e legitimidade acadêmica.

A dificuldade de escolarização atinge grande parte dos sujeitos no espaço escolar. Temos uma instituição escolar que precariza o ensino, ao ver os alunos pelas lentes do preconceito racial e social, ao reproduzir uma cultura oficial – a cultura dominante. O

currículo é mantido sobre a justificativa do arianismo da aristocracia e da inferioridade da plebe. Os conteúdos propostos pelo currículo oficial estão distantes do mundo do aluno e são, verdadeiramente, recibos de uma cultura que vem de cima para baixo.

Segundo Nildecoff (1985, p. 35, grifo no original):

A cultura “oficial” – que a escola difunde - expressa então as maneiras de pensar e viver dos setores dominantes e médios, já que estes últimos tem olhos postos nos primeiros. Para defini-la de alguma maneira vamos chamá-la de “cultura burguesa”, ainda que estejamos conscientes de imprecisão do termo.

Quando um educador atua nos meios populares, queixa-se muitas vezes da incompreensão dos pais ante as atividades da escola. No fundo, esse é o momento em que ele está confrontando a existência de valores vitais distintos dos seus e que, no entanto, são compartilhados por grupos muito grandes.

É preciso compreender que os códigos presentes nos processos educativos que se valem da cultura popular diferenciam-se substancialmente daqueles presentes na cultura da elite, todavia os conhecimentos da cultura popular são fundamentais para reconhecimento dos sujeitos que carregam esses conhecimentos no espaço escolar. Esses conhecimentos surgem em práticas escolares que podem ressignificar o fazer da escola, quando se reconhece a diversidade cultural local apresentada pelos sujeitos frequentadores do espaço escolar que levam para as salas de aula suas vivências, seus “habitus” sociais manifestados por meio da música, da dança, da fala, da história de seu povo, da memória de seus ancestrais.

Gonçalves e Faria Filho (2005, p. 36) esclarecem que:

o sistema escolar é dotado de um poder criativo exercido na relação que a mesma desenvolve com a sociedade, desempenhando um papel na formação desse indivíduo na sociedade. [...] forma não só os indivíduos, mas também uma cultura que vem por sua vez penetrar, moldar, modificar a cultura da sociedade global.

É significativo retomar a história cultural dos sujeitos que movem a escola, ouvindo as suas culturas, culturas marginalizadas – a Congada –, cultura popular afro- brasileira que invade de forma significativa o território escolar. A partir desse contexto, a escola, ao incorporar novas pautas e estratégias na construção de conhecimentos, pode abrir possibilidades de impregnar o currículo oficial com um saber popular que traz aprendizagens que devem ser o ponto de partida para a organização do ensino formalizado pela escola.

A inserção de elementos da cultura afrodescendente no currículo escolar brasileiro

poderá oportunizar relevância política, uma vez que ofertará a alunos e professores a oportunidade de pensar a realidade sociocultural brasileira, e também de revisar criticamente os conteúdos ministrados. Considerando os processos de ensino-aprendizagem, é importante que os envolvidos neste contexto atentem para os valores da cultura e a forma como essa cultura poderá recriar nos sujeitos sentimentos de resistência, reconhecimento, pertencimento. São relações conflituosas que se formalizam, por vez de modo tênue, em relações de poder. Quando se fala em conhecimento, aprendizagens e poder, remete-se à questão da soberania curricular.

Silva (2006, p. 21) entende que currículo e cultura são, sobretudo, relações de poder, ao afirmar que:

se vista como prática de significação, a cultura não pode deixar de ser relação social. Vista como prática, fica fácil ver também seu caráter relacional e social. Produzimos significados, procuramos obter efeitos de sentido, no interior dos grupos sociais, em relação com outros indivíduos e com outros grupos sociais. Por meio do processo de significação construímos nossa posição de sujeito e nossa posição social, a identidade social e cultural de nosso grupo, e procuramos constituir as posições e as identidades de outros indivíduos e de outros grupos.

Cabe-nos argumentar a favor de uma ação pedagógica que considere as simbologias e os materiais do cotidiano, fornecendo bases para se repensar como as pessoas dão sentido e relevância às suas experiências e às suas vozes. É um apelo a uma política da diferença que ouça, entenda e reflita o que querem dizer os silenciados no espaço escolar.

As simbologias e os materiais do cotidiano, nesta especificidade, a congada e o boi com seus aparatos (as roupas, as danças, as cores, os tambores), são elementos por intermédio dos quais os alunos se entendem como pertencentes a uma comunidade e possuidores de uma identidade social.

Nesse sentido, identidades culturais precisam ser analisadas de forma mais ampla, pois elas se constituem como um fator potencialmente transformador, em que a cultura popular se apresenta como um terreno contraditório de luta e de relevantes questões sobre a incorporação da experiência do aluno ao currículo escolar.

Ao trazer significação aos estudantes frequentadores do espaço escolar, o Projeto Griôs e Congada apresenta sua viabilidade tanto pelas suas significações quanto pelos confrontamentos e provocações possíveis de serem causados ao currículo oficial e, principalmente, pela abundância de conhecimentos gerados: o aprendizado sociocultural, o trabalho com os valores humanos, a inserção social de jovens excluídos e marginalizados, a recriação da autoestima, o respeito pelo outro, a solidariedade, a autosuperação, os

conhecimentos afrodescendentes do Terno de Congo e outros.

A cidade de Machado possui, atualmente, dezenas de ternos de congo, que apresentam raízes profundas em tradições e culturas afro-brasileiras, cuja manutenção da tradição tem na oralidade o fato primordial de permanência dessa cultura nos clãs congadescos. Isso posto, além do pertencimento geográfico, o Congo promove o pertencimento identitário. Essa construção identitária ocorre por meio de um processo de reconhecimento e valorização da história da cultura afrodescendente.

Os estudantes do Projeto Griôs e Congada são, em sua maioria, descendentes de mestres e mestras da Congada.

Além de pensar ações que evoquem a cultura como um dado, uma herança que se transmite de geração em geração, uma produção histórica de uma cidade e de um movimento que tem origem étnica, fruto de uma prática que aborda costumes religiosos de diferentes povos, a congada também constrói, nestes territórios, hábitos a partir de sua presença. E foi com foco nessa tradição do congo da cidade de Machado que as professoras do Projeto Escola de Tempo Integral da Escola Estadual Iracema Rodrigues elaboraram o Projeto Griôs e Congada, abrindo espaço na rotina escolar para o adentrar da Cultura Popular.

Assim, analisar e compreender o Projeto Griôs e Congadas contribui para legitimar a permanência dessa cultura que é secular na cidade de Machado, onde a festa de São Benedito apresenta 104 anos de cultura e tradição, libertando e modificando um território com seus costumes sociais e culturais que se apresentam em partes profanas (o congo, a dança, as roupas coloridas) e religiosas (a devoção ao santo da festa, São Benedito, e o levantamento do mastro).

Este estudo pretende pensar o *Projeto Griôs e Congada tensionando a cultura escolar: um estudo de caso em uma escola de Machado-MG* como um elo para o enriquecimento curricular, de inovação da prática educacional e, ao mesmo tempo, um caminho de mediação com o currículo oficial.

O Projeto Griôs ocorre dentro do espaço escolar, retoma as discussões sobre o poder da cultura popular, ao ressignificar para os estudantes a história afrodescendente, promovendo a autoestima de povos culturalmente marginalizados.

Em resumo, trabalhar o reconhecimento de identidades e autoestima significa romper com um sistema de violências simbólicas e - por que não? - com as relações de poder do currículo oficial. O Projeto se configura como um espaço de inclusão, de luta e também como um convite para a elaboração de algo novo, que abarque uma rica experiência vivida pelos estudantes frequentadores do espaço escolar. Deseja abrir espaço, no interior da escola, para

reconhecer conhecimentos familiares e reviver os significados de uma cultura popular marginalizada que poderá inovar o fazer pedagógico, tensionar as relações curriculares, agregar saberes e buscar meios de incluir os valores da cultura afrodescendente ao currículo oficial. Temos um importante arcabouço para reflexões que se valerão de depoimentos da contação de história, pelo envolvimento dos mestres e das mestras congadeiros.

Para Pereira (2007, p. 53),

no que tange às culturas afro-brasileiras, sua inserção nos currículos escolares favorece o conhecimento de nossa diversidade social, ao mesmo tempo que aponta os conflitos subjacentes ao modelo educacional, que, até o momento, se recusava a considerar essas referências também como um fator constitutivo da sociedade brasileira.

Olharemos analiticamente as contribuições oriundas da cultura afrodescendente para a prática da escola. Observaremos a cultura popular em seu universo rico, diversificado, adentrando o espaço escolar e abrangendo um campo em que a oralidade e a ritualidade abrigam, como já dito, saberes dos mais significativos.

Cultura que traz signos e simbologias do congo, da corporeidade, da musicalidade, da ludicidade e da oralidade. São valores que, se realmente sentidos como parte de suas identificações pelos estudantes, podem potencializar as ações da prática educacional a serem realizadas.

Sob essa perspectiva, abarcando valores que podem se tornar potencializadores de aprendizagens, teremos por contribuições teóricas autores que se voltem para estudos, análises e reflexões relativas à cultura popular, o congo-congada-congado³, à escola e à educação.

Nas análises do processo investigativo deste estudo de caso, tocaremos em categorias importantes para as aprendizagens como memória, oralidade e identidade. Para tal tarefa, focaremos no percurso do Terno de Congo “O terno do Boi” da Escola Estadual Iracema Rodrigues da cidade de Machado, como elemento importante de manifestação da cultura popular chegando à escola e atingindo a educação como um todo. Para este estudo de caso situacional, estaremos nos balizando em autores que muito nos inspiram sobre cultura, cultura popular e cultura escolar, tais como: Carlos Rodrigues Brandão, Denys Cuhe, Dominique Juliá, Peter Burke, Roque de Barros Laraia, Sérgio Martinic, Stuart Hall. Para argumentarmos sobre o Congado, Memória, Identidade traremos os autores: Alessandro Portelli, Alfredo João Rabaçal,, Darcy Ribeiro, Ecléa Bosi, Edmilson de Almeida Pereira, Henri Bergson, Jacques Le Goff, Maria Helena Souza Patto, Marina de Mello e Souza, Mello Moraes Filho, Nilma Lino Gomes, Ricardo Moreira Rebello. Traremos como fonte de pesquisa o jornal Folha

Machadense e os exemplares da Revista Congadas (REVISTA CONGADAS, 1942, 2004, 2014).

De acordo com pesquisa realizada nas bases da Scientific Electronic Library Online (SciELO) e da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD-IBICT), não encontramos literatura que reúna Educação, Escola e Congada. Na biblioteca de dissertações da Universidade São Francisco, encontramos a publicação da dissertação de autoria de Jussara Maria da Silva: O terno mirim de congada na Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, de Machado- MG, de 1997 a 2010: educação e escolarização.

Lançando outro olhar sobre a escola no adentrar da congada no espaço escolar, visitaremos: Jhon Dewey, Juarez A. Dayrell, Leandro Jesus Basegio, Márcio Rogério de Oliveira Cano, Michel de Certau, Miguel Arroyo, Paulo Freire e Régis de Moraes.

Quando a cultura popular entra no espaço escolar, quebra-se uma rotina embebida pelo currículo oficial, em que tudo tem lugar determinado, privilegiando-se um conteúdo em detrimento do outro e desregulamentando relações de poder. Relações que se oficializam no currículo, quando determina as situações de aprendizagens expostas aos estudantes.

Esta dissertação está dividida em três capítulos.

O primeiro tem como título “A cidade de Machado e sua tradição afrodescendente”, em que apresentaremos a cidade, sua localização e sua história. Abordaremos historicamente a cultura do congo por meio da tradicional festa de São Benedito. Traremos o ritual realizado pelas congadas: o batuque dos tambores, o cortejo, as roupas, as danças desta festa tradicional que ocorre em Machado e se caracteriza como um dos maiores festejos populares e folclóricos do sul de Minas Gerais.

Localizaremos a Praça de São Benedito onde ocorrem as manifestações das congadas em Machado. Da Praça de São Benedito chegaremos à Escola Estadual Iracema Rodrigues, que se localiza nas proximidades da Praça de São Benedito. Traçaremos um breve histórico da instituição.

No segundo capítulo, intitulado “O Projeto Griôs e Congada na escola”, considerando o contexto sociológico no qual a Escola Estadual Iracema Rodrigues está inserida (em meio a uma diversidade cultural representada por mais de cem anos de tradição dos Ternos de Congo

³ “Os Congos, Congados, Congadas, são um tipo de folguedo popular segundo a maioria dos autores que com ele se têm impressionado, forma entre as expressões afro-brasileiras em que se destacam de maneira predominante tradições históricas e costumes tribais de Angola e Congo, com a predominância de traços culturais do grupo Bantu, aculturados a elementos do catolicismo catequético e ao brinquedo de Mouros e Cristãos” (RABAÇAL, 1976,p.9).

da cidade de Machado), abordaremos o adentrar da cultura popular no espaço escolar por meio de um projeto educacional que culminou na formação de um Terno de Congo: o terno do Boi.

Exploraremos a prática educacional realizada pela Escola Estadual Iracema Rodrigues, balizada na riqueza cultural afrodescendente das Congadas: portanto percorremos o nascimento do Projeto Griôs e Congada na escola.

No terceiro capítulo, Outro olhar sobre o currículo da “Escola Estadual Iracema Rodrigues”, diante da riqueza de conhecimentos trazidos ao espaço escolar pela realização do Projeto Griôs e Congada na Escola, refletiremos sobre esse Projeto como uma prática educacional inovadora, capaz de provocar sentidos, sentimentos, significados e modificações na rotina escolar.

Analisaremos fotografias, vídeos e os dados colhidos no espaço escolar, as entrevistas semiestruturadas realizadas com estudantes participantes do Projeto Griôs, com professores que compõem o Projeto Escola de Tempo Integral e demais professores da escola, com diretores e com os Griôs que são os pais, tios, avôs e avós dos estudantes. Destacaremos depoimentos a respeito de acontecimentos, inclusive conflitos, que possam ter ocorrido na escola diante do adentrar da cultura local no espaço escolar.

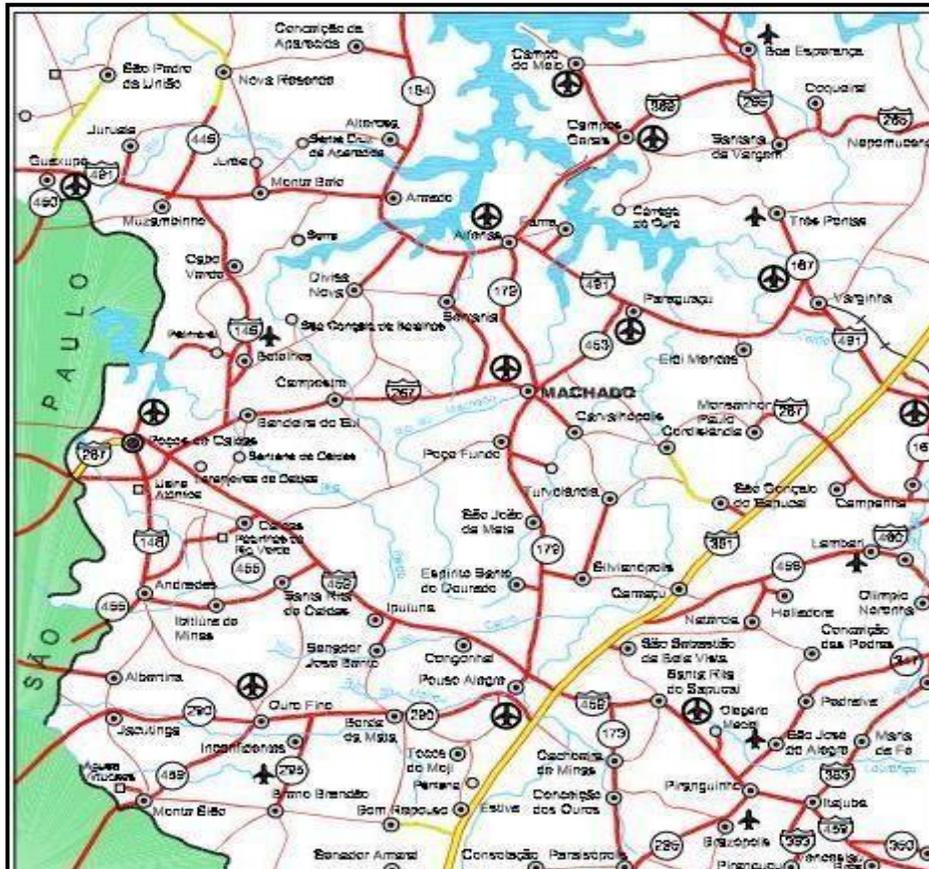
Nas Considerações Finais, debateremos se, no desdobramento do Projeto Griôs e Congada, os conhecimentos que chegaram ao espaço escolar trouxeram um novo sentido ao saber popular vindo das classes populares, propiciando a estes estudantes se tornarem construtores de seu próprio conhecimento, de sua reinvenção como sujeitos epistêmicos.

2 A CIDADE DE MACHADO E SUA TRADIÇÃO AFRODESCENDENTE

Machado trás em seu contexto histórico, a presença dos saberes afrodescendentes que se manifestam na presença da cultura do congo.

A cidade de Machado

Figura 1 – Mapa: Localização geográfica da cidade de Machado-MG.



Fonte: Disponível em <http://www.prefeituramachado.mg.gov.br/cidadehtml>. Acesso em 29 nov.2012

A história da cidade de Machado está profundamente conectada àquela referente à habitação das terras colonizadas do sul de Minas Gerais.⁴

Mas a história da cidade iniciou-se, mesmo, entre 1810 e 1815, quando o tenente Antônio José Moreira de Souza e Joaquim José dos Santos organizaram ali duas fazendas.

Os primeiros registros históricos relacionados a Machado datam de 1750, quando estas terras ainda eram apenas ponto de parada de tropeiros e boiadeiros que passavam por esta região. Como as terras eram de excelente qualidade, eles desenvolveram agricultura, pecuária e começou a ser formado um pequeno povoado. Por volta de 1816 – então princípios do século XIX – esse povoado foi colocado pelo

⁴ Esse histórico se baseia em <http://www.prefeituramachado.mg.gov.br/cidade.html>.

Tenente Antonio Moreira de Souza e por Joaquim José dos Santos sob proteção da igreja da Sacra Família, e Antônio Joaquim Pereira Magalhães doou à igreja a imagem de Santo Antônio.

Por conta disso, o povoado ficou conhecido ora por Santo Antônio de Machado, ora por Sacra Família do Machado, ou ainda, por Santo Antônio da Sacra Família do Machado. A povoação pertenceu sucessivamente aos municípios de Cabo Verde, Jacuí, Caldas e Alfenas.

Foi elevada a curato— povoação pastoreada por um cura independente —, por provisão do Governador do Bispado Revmo. D. Antônio Martiniano de Oliveira, em 05 de agosto de 1852. O curato passou à freguesia⁵ por Lei Provincial n.º 807, de 03 de julho de 1857 e, em 30 de novembro de 1880, pela Lei Provincial n.º 2.684, a freguesia foi elevada à vila⁶. O novo município era constituído pelas freguesias de Machado e Carmo da Escaramuça, desmembradas de Alfenas e São João Batista do Douradinho, fazendo parte da Comarca de Jacuí. A Lei Provincial n.º 2.766, de 13 de setembro de 1881, alterou sua denominação para Machado, nome que conserva até nossos dias (COSTA, 1976).

Atualmente, o município de Machado conta com uma população de 41.920 habitantes, conforme registro do censo do IBGE (2017). A agricultura e a pecuária são as suas principais fontes da economia, destacando-se o café. Quase todo o desenvolvimento socioeconômico do município é baseado na agricultura. A cafeicultura domina a paisagem em muitos pontos, existindo cerca de 19 milhões de pés plantados no município, que ocupa uma área de 9.500 hectares e produz uma média de 160 mil sacas de 60 kg/ano. No outro lado da economia, o leite tem tido sua produção ampliada, estando atualmente, na faixa de 50 mil litros/dia, sendo 40 mil deles do tipo “B”, índice que coloca Machado na 7.º colocação no País. Produz também milho, feijão.

Apresenta localização privilegiada por estar próxima de grandes centros: 270 km aproximadamente da cidade de São Paulo, 33 km de Alfenas, 87 km de Poços de Caldas e 69 km de Varginha, facilitando a comunicação com outras regiões e também o escoamento da sua produção agrícola.

⁵ Freguesia: “clientela, grupo de compradores. Povoação, sob aspecto eclesiástico” (FERREIRA, 2001. p.333).

⁶ Vila: “conjunto de pequenas casas que juntas formam avenidas, praças” (FERREIRA, 2001. p.711)

Por ser bastante montanhosa, a cidade é carinhosamente chamada de cidade- presépio. Realiza no mês de agosto uma das maiores e tradicionais festas folclóricas da região: a Festa de São Benedito. Uma festa religiosa conhecida pela beleza do congo, pelo respeito ao sagrado, pela devoção ao santo da festa: São Benedito. Traz em seu bojo a realização do legado afrodescendente das congadas, apresentando uma riquíssima *performance* cultural, que envolve arte, tradição, simbologias, cores e significados.

A Congada

Este trabalho visa fazer um recorte do mosaico cultural brasileiro, buscando apreender as práticas culturais e os valores africanos incluídos, mesmo sutilmente presentes, que ajudam a constituir o cenário da cultura no Brasil. Este exercício poderá nos permitir entender as nossas próprias origens culturais.

O Brasil, conforme dados de diversos estudiosos, é o país que recebeu cerca de 40% dos quase 11 milhões de africanos que vieram transportados e escravizados para as Américas entre os séculos XVI e XIX.

Para Albuquerque e Fraga Filho (2006, p.40),

os números não são precisos, mas estima-se que, entre o século XVI e meados do século XIX, mais de 11 milhões de homens, mulheres e crianças africanos foram transportados para as Américas. Esse número não inclui os que não conseguiram sobreviver ao processo violento de captura na África e aos rigores da grande travessia atlântica. A maioria dos cativos, cerca de 4 milhões, desembarcou em portos do Brasil. Por isso, nenhuma outra região americana esteve tão ligada ao continente africano por meio do tráfico como o Brasil. O dramático deslocamento forçado, por mais de três séculos, uniu para sempre o Brasil e a África.

Logo, por si só, esses números indicam as relações que foram sendo tecidas entre o Brasil e o continente africano. Ver o Brasil a partir desses fatos significa olhar para a diversidade de elementos culturais que aqui aportaram relacionados à diáspora africana e que se tornaram parte de nossa percepção de mundo e de nossas práticas cotidianas.

Apesar disso, a sociedade brasileira dispensa aos africanos e a seus descendentes um tratamento preconceituoso e marcado pela desigualdade e pela violência.

Os africanos, os indígenas e seus descendentes foram e hoje ainda são alvo de inúmeros preconceitos⁷ e discriminações⁸ que podem ser chamados de racismo⁹.

Aos olhos das elites, os aspectos referentes às culturas africanas representam o exótico, o estranho, e não são levados em conta na formação de nossas identidades, tampouco na formação de nossa sociedade.

No contexto historiográfico da constituição étnica do povo brasileiro, é clara a mestiçagem cultural ocorrida no entrelaçamento de três grandes etnias: os indígenas, os africanos e os europeus. Isso implicou o contato/troca entre as tradições culturais destes povos e a formação de uma nova etnia nacional.

Ribeiro (2015c, p. 17) entende que houve um,

[...] novo modelo de estruturação societária. Novo porque surge como uma etnia nacional, diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras, fortemente mestiçada, dinamizada por uma cultura sincrética e singularizada pela redefinição de traços culturais delas oriundas.

Assim emerge um Brasil, cujo riquíssimo arcabouço cultural influencia visivelmente a formação do povo brasileiro. Somos uma nação multicultural¹⁰: múltiplas identidades, mistura das raças e pluralidade dos sujeitos.

Para Mello e Souza (1993, p. 14), “se por um lado leram o Novo Continente através de referenciais próprios à sua cultura, acabaram, por outro, incorporando irreversivelmente elementos específicos das culturas que subjulgaram, ou procuraram subjulgar”.

Apesar disso, há um movimento reducionista que busca afirmar a identidade nacional, fixando valores que idealizam e privilegiam um grupo em detrimento do outro. Por conta disso, é crucial reconhecer as muitas e diversas culturas que dão forma à nação brasileira para termos uma sociedade politicamente justa, igualitária e que respeite o outro e suas diferenças.

Desse modo, pretendemos com este trabalho focar o mosaico cultural brasileiro

⁷ Preconceitos: “Conjunto de crenças e valores preconcebidos e apreendidos, sem razão objetiva ou refletida, que levam um indivíduo ou um grupo a nutrir opiniões a favor ou contra os membros de determinados grupos, antes de uma efetiva experiência com esses. No terreno das relações raciais, o emprego do termo normalmente se refere “ao aspecto negativo de um grupo herdar e gerar visões hostis a respeito do outro, distinguível com base em generalizações” (CASHMORE, 2000, p.58).

⁸ Discriminação: “É o nome que se dá para a conduta (ação ou omissão) que viola direitos das pessoas, com base em critérios injustificados e injustos, tais como a raça, o sexo, a idade, a opção religiosa e outros. “A discriminação é algo como a tradução prática, a exteriorização, a manifestação, a materialização do racismo, do preconceito e do estereótipo” (BRASIL, 2011, p. 56).

⁹ Racismo: “É uma ideologia que justifica a organização desigual da sociedade ao afirmar que os grupos raciais ou étnicos são inferiores ou étnicos são inferiores ou superiores, em vez de considerá-los simplesmente diferentes. “Ele opera pela atribuição de sentidos pejorativos a características peculiares de determinados padrões da diversidade humana e de significados sociais negativos aos grupos que os detêm” (CASHMORE, 2000, p.58)

¹⁰ Multicultural- “É um termo qualificativo. Descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade “original,,” (HALL, 2003, p. 50, grifo do autor).

A contribuição da presença africana na constituição do povo brasileiro pode ser percebida claramente, por exemplo, na culinária: os ingredientes, a maneira de preparar os alimentos, os sabores e os temperos; na música, na dança, na intensidade dos batuques e na variedade de estilos. Essa troca de experiências remete à sabedoria entre os grupos da sociedade brasileira.

Interessante ressaltar os batuques, praticados em diversas regiões do Brasil, principalmente naquelas onde a escravidão se instalou fortemente impulsionada pelas atividades sociais e econômicas do local. Batuques que permitiam aos africanos, desde as senzalas, reafirmarem seus laços de pertencimento ao grupo. Pereira (2007, p. 24) ensina que “o batuque consiste numa dança em que os participantes se colocam de frente uns para os outros. O ponto alto ocorre quando homens e mulheres se aproximam para o gesto da umbigada”.

Na elaboração de desfiles de escolas de samba, o samba fornece elementos significativos para a construção do carnaval brasileiro, ao evidenciar as denúncias de perseguições ocorridas contra os afrodescendentes, ao cantar as decepções do amor, as mulheres, e tantas outras circunstâncias da vida brasileira.

Na vivência religiosa dos brasileiros, a presença africana intensa, profunda e complexa reflete o entrelaçamento entre as culturas. Ao mesmo tempo em que o canto e a dança remetem aos ancestrais africanos, eles também cultuam os santos católicos. A religião traz orixás de procedência ioruba em que o sagrado é o guardião da sorte, da saúde que protege e zela pela colheita, pela chuva, pelo mar, pela afetividade.

A congada aproxima heranças africanas de origem banto dos aspectos sagrados do catolicismo. A religiosidade de matriz africana foi reinventada pelos negros, que, para realizarem seus rituais sagrados, se apropriaram dos santos pretos da igreja católica (São Benedito, Santa Ifigênia e Nossa Senhora do Rosário) e, dependendo da região, incorporaram também aspectos das culturas indígenas.

Pereira (2007) descreve a Congada como uma manifestação cultural dos negros do Brasil em reverência aos antepassados, a partir do período colonial. Caracteriza-se como uma festividade sincrética e religiosa que foi apropriada e permitida pela Igreja Católica, a fim de diminuir as tensões, promovendo e impondo o catolicismo. Araújo (1967 apud CAPRONI; REIS, 1979) sustenta essa apropriação, porém afirma que os festejos teriam sido criados pela Igreja. Em ambas as versões a permissão e o controle estão nas mãos dos brancos.

A congada é uma forma de conceber e transmitir a história, permeada de ritos religiosos e mitos que fundamentam crenças e comportamentos, pois a história pode ser guardada e transmitida de modos diferentes, em características e sociedades diversas, construindo a memória à sua própria maneira. Os sons, as danças, os batuques se misturam em meio à beleza das fardas. A bandeira com a imagem do santo, os versos, a música, são as maneiras que os congadeiros utilizam para mostrar suas manifestações: a congada como cultura popular.

Para melhor compreender esta manifestação popular da cultura das congadas, cumpre apresentar aqui, antes de focalizarmos especificamente a Festa de São Benedito em Machado, alguns estudos que auxiliarão nesta tarefa.

Para Ferreira (1987, p.86), a congada é um

folgado que ocorre, em geral, nas festas de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, santos de especial devoção dos negros. Comum em todas as regiões brasileiras em que houve trabalho escravo. Alguns estudiosos vêem também nesta folgança a influência da realeza européia, trazida pelos portugueses. Tem abrangência nacional, sendo conhecida também como congado, congo, ou terno de congo, guardo do rosário e ticumbi, entre outras denominações.

Zamith (1995), com base em Andrade (1959) e Brandão (1985), define a congada como um folgado brasileiro, de caráter religioso, apresentado em forma de cortejo, representando reis e rainhas, incluindo cantos e danças, representações teatrais e bailados. É formado por grupos denominados “ternos”, compostos predominantemente por negros, que se reúnem para louvar seus santos de devoção.

A manifestação cultural das congadas pode subsidiar estudos e pesquisas sobre a cultura popular. Poderá remeter a entendimentos sobre memórias, identidades, tradições e costumes de um povo, sendo descritas pelos folcloristas e muito observada por estudiosos e antropólogos da literatura popular. Historicamente, a congada está ligada ao catolicismo, pois, apesar de apresentar características de um fazer profano (danças e batuques), não se desvincula do religioso. É da religião católica, ainda que popularmente apropriada.

Segundo Rabaçal (1976, p.8-9),

Congos, Congados, Congadas, são o tipo de folgado popular que segundo, a maioria dos autores que com ele se tem impressionado, forma entre as expressões afrobrasileiras em que se destacam de maneira predominante tradições históricas e costumes tribais de Angola e Congo, com a predominância de traços culturais do grupo Bantu, aculturados a elementos do catolicismo catequético e ao brinquedo de Mouros e Cristãos.

Rabaçal (1993, p.97), entende a Congada como,

folgado popular cuja representação dramática, realizada nas ruas e praças públicas das cidades interioranas do país, particularmente junto aos pátios fronteiros das igrejas, é entremeada por bailados de espadas ou bastões, o que o alia, genericamente, às universais danças e espadas.

Na congada, os devotos cantam e dançam ao som dos tambores, louvando os antepassados, os deuses Zambi e Calunga (divindades banto) e os santos católicos (entre eles, Nossa Senhora do Rosário, Santa Ifigênia, São Benedito, São Jorge e Santa Terezinha). As Figuras 2 e 3 apresentam fotos de procissão, ocorrida em Machado, que mostram a devoção a São Benedito e à Santa Efigênia, respectivamente.

Figura 2 - Andor de São Benedito em cortejo pelas ruas centrais da Cidade de Machado (MG).



Fonte: Arquivo pessoal da professora Márcia de Paula – agosto, 2009.

Figura 3- Andor de Santa Efigênia em cortejo pelas ruas centrais da Cidade de Machado-MG.



Fonte: Arquivo pessoal da professora Marcolina Alves Pereira Silva – agosto 2018.

Figura 4- Andor de Santa Terezinha, saindo em cortejo da Igreja Matriz na Praça Central da Cidade de Machado (MG).



Fonte: Arquivo pessoal da professora Márcia de Paula – agosto, 2009.

Os cantos são em louvor aos santos por eles apropriados da igreja católica, mas há ainda aqueles de alegria e euforia, por vezes de dor, de lamento. Os batuques constituem formas históricas de resistência e ressignificação de crenças e valores afrodescendentes.

A música “Essa Festa” extraída da *Música de congada* (2004– Machado- MG.) retrata o gosto dos congadeiros pelo festejo e a saudade que virá. Pedem proteção aos santos para o trabalho, geralmente, realizado na colheita.

Essa festa teve boa,
teve de deixá saudade.
Essa festa teve boa,
teve de deixá saudade.
Vamos nós pedir a Deus,
A Senhora do Rosário,
ao Senhor São Benedito,
Proteção pro meu trabaio.
(Música do Terno de Congo do Rosário.2004)

A congada tem por característica o cortejo dos ternos, reis, rainhas e guardas de honra, que percorrem ruas e praças cantando,visitando igrejas e tocando músicas sagradas em homenagens aos santos. O terno é um agrupamento de pessoas participantes do congo, utilizado para identificar diferentes grupos que compõem a congada. Geralmente é composto por parentes consanguíneos ou simbólicos.

Segundo Damascena (2012, p.14),

o termo terno refere-se ao grupo de dançadores, a menor unidade ritual da congada. Os ternos de Congo festejam a santa de uma maneira muito particular, com cantos que comportam temática de louvor aos “santos pretos”, cantos que são um misto de tradição ancestral, mas carregados de improvisos que dizem respeito a eventos ocorridos no momento do cortejo e das visitas. O ritmo tocado é marcado pelas caixas que dão o tom e a marcação de cada terno. As caixas, que marcam também o vínculo com a ancestralidade, são instrumentos de percussão. Seu formato é cilíndrico, feita geralmente de folha de compensado e, tradicionalmente, com couro nas extremidades. São tocadas com baquetas geralmente recobertas nas pontas para fechar mais o som. Há também nos ternos outros instrumentos que variam de grupo para grupo. As danças e coreografias seguem o ritmo e os passos que são sempre determinados pelo capitão. O terno é composto por homens em sua maioria, sendo a presença feminina restringida aos postos de bandeirinhas e princesas. Os ternos se apresentam com fardamentos (da guarda) que são iguais para os dançadores que também tocam instrumentos como caixa, sanfona e pandeiro. A roupa se revela diferente para os componentes com patentes, como é o caso do capitão e do general. Os homens da guarda dos ternos de Congo cantam, tocam e dançam, muitas vezes simultaneamente.

Figura 5- Guarda de honra em frente à Escola Estadual Iracema Rodrigues.



Fonte: Arquivo pessoal da professora Marcolina Alves Pereira Silva – agosto, 2017.

De forma integrada ao calendário católico, a manifestação cultural da congada, dramatizando a diáspora africana no novo mundo, vem sendo registrada no Brasil desde o período colonial. Alvarenga (1960), por exemplo, conta que a primeira notícia documentada que se tem da congada no Brasil é de 1760, ocorrida por ocasião do casamento de D. Maria I, rainha de Portugal. Tinhorão (2000) recua até 1711, identificando a primeira coroação do rei Congo no interior de uma irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em Pernambuco. Tinhorão ainda relata que a coroação de reis Congos já era uma prática organizada por escravos e forros já no século XVI, em Lisboa. Para Pereira (2007), em Minas Gerais, a primeira referência à coroação do Rei Congo aparece na obra *Cultura e opulência no Brasil*, que traz relatos de Antonil entre 1705 e 1706.

A festividade da congada apresenta-se como um espaço de manutenção das tradições e da recriação dos laços identitários destruídos pelo tráfico, pela escravização.

Sociologicamente, o congado representa uma experiência das comunidades menos favorecidas, que vivem em áreas rurais e grandes periferias dos centros urbanos. Etnicamente, é formado por negros, mulatos e brancos. Religiosamente, articula-se por meio de matrizes identificadas através de metáforas da *ingoma* (que designa a presença de Zambi e Calunga, divindades bantos, e o culto aos antepassados, reconhecidos como os antigos papai, mamãe, vovô, vovó, “nego veio” de Angola) e do rosário (que indica a apropriação e a reelaboração de elementos do catolicismo – devoção à Nossa Senhora do Rosário e aos santos pretos, como

São Benedito e Santa Efigênia).

A parte religiosa da congada se apoia em três fundamentos: a coroação de reis e rainhas, o cortejo e as embaixadas, e as danças e os rituais. Os rituais de coroação de Reis Congos no Brasil apresentam apropriações ambivalentes, pois os negros, escravizados e longe de suas origens africanas, viam nos Reis Congos o elo de manutenção com as tradições culturais. Já a Igreja e também o Estado, que tinham o poder de autorizar as coroações dos Reis do Congo, usavam o evento como mecanismo de controle da população cativa.

Para Pereira, (2007, p. 107),

o Rei Congo assume papel de mediador do conhecimento permitindo, assim, que a comunidade tenha acesso aos saberes tradicionais e também manifeste seu interesse pelos saberes que lhe chegam através de outros agentes. Enquanto mediador, o rei Congo se esmera em desenvolver uma pedagogia própria, por meio do qual coloca em diálogo diferentes agentes de comunicação, isto é, ele mesmo, os ancestrais e o mundo exterior.

A coroação de reis e rainhas se mantém como ponto alto das festas de Congado. As comunidades afrodescendentes, em várias partes do Brasil, legitimam o rito da coroação no qual se destacam o prestígio dos coroados e a riqueza dos discursos. A Figura 6 mostra o Reinado, com a Rainha e o Rei pelas ruas da cidade em direção à praça de São Benedito.

Figura 6 - O Reinado: Rainha e Rei do congo, próximos à Praça de São Benedito.



Fonte: Acervo pessoal da professora Márcia de Paula – agosto, 2009.

Os cantos e as narrativas abordam relações sociais e também políticas que os Reis e as Rainhas mantêm com suas comunidades.

É de grande importância o papel dos capitães, pois eles fazem a mediação entre os devotos e a realeza. Ocorrem ainda os cortejos onde participam os ternos, reis, rainhas e

devotos que cruzam as ruas nas celebrações do congado e as embaixadas repletas de cantos, declamações, expressões rituais fixas e improvisadas apresentadas pelos capitães na chegada às casas dos Reis, ou na disputa dos ternos pela coroa. É a reconstituição do enredo sagrado dos antigos embates, antes mesmo do desembarque dos negros no Brasil. A Figura 7 ilustra um cortejo de reis, rainhas, congo e guardas de honra pelas ladeiras de cidade de Machado (MG).

Figura 7- O cortejo de reis, rainhas congo e guardas de honra pelas ladeiras de cidade de Machado (MG).



Fonte: Arquivo pessoal da professora Márcia de Paula – agosto, 2009.

Nesse novo contexto, as divergências foram retraduzidas para dar conta dos conflitos que ocorriam entre negros cristianizados e não cristianizados. Isto evidenciou uma relação estreita entre o imaginário dominante e a realidade social: contendas sociais entre brancos (chamados bons, porque eram cristãos) e negros (maus, porque não cristãos).

Nas embaixadas, o combate é retomado simbolicamente, tendo como protagonistas, de um lado, os negros cristianizados e, do outro, os não cristianizados. A vitória é em favor dos protegidos pela Nossa Senhora do Rosário, São Benedito ou Santa Efigênia, ícones católicos apropriados pelos afrodescendentes e inseridos em suas práticas culturais.

É importante ressaltar que tanto os afrodescendentes quanto os indígenas sofreram os efeitos da catequese ao longo da formação social do povo brasileiro. A religião africana foi aculturada com a católica, surgindo um sincretismo religioso. O Terno dos Caboclinhos trazem a presença indígena representada na Cultura do Congado.

Figura 8 - Terno dos Caiapós-Caboclinhos diante da Escola Iracema Rodrigues em Machado (MG).



Fonte: Arquivo Pessoal da professora Marcolina Alves Pereira Silva – agosto, 2017.

Por outro lado, o sagrado assumiu também o caráter mediador entre as origens africanas e as realidades brasileiras. Por meio dos santos pretos, os negros articularam os recursos necessários para se adaptarem à catequese cristã como meio de não perder suas heranças e suas referências históricas do sagrado trazidos do continente africano. Ou seja, como diz Matinada (2000¹¹),

a congada é um motivo de festa, antigamente era “frevo”, ela tinha uma rainha; todas as aldeias retribuíam essa rainha, então de cada aldeia formou uma congada, assim no significado de louvar essa rainha. Aí, depois os negros trazidos para o Brasil, viveram no cativeiro, então a gente não tinha quem reverenciar, a gente veio reverenciar N.S. do Rosário e São Benedito que, na época, era os devotos dos fazendeiros, que era a única imagem permitida ser usada nos quilombos, onde os negros viviam.

Neste contexto, essas manifestações e expressões culturais produzem ícones e meios de resistência de uma cultura que produz afirmações identitárias.

Em suma, a congada pode ser entendida como forma de transmitir a história, permeada de ritos religiosos e mitos, fundamentando crenças, atitudes e valores, pois a história pode ser representada, transmitida e guardada de modos diferentes.

Apresentar as conceituações de Congos, Congados e Congadas neste texto torna-se pertinente, pois pretendemos aqui analisar, compreender e refletir sobre a entrada da cultura popular do festejo das congadas no espaço escolar – Escola Estadual Iracema Rodrigues da cidade de Machado localizada no sul de Minas Gerais –, por meio de um projeto educacional aí desenvolvido, intitulado “Griôs e Congada na Escola”, que se defrontará como currículo sistêmico e predominantemente constituído.

Foi possível implementar esse projeto nessa escola dessa cidade, pois Machado tem tradições congadescas: a Festa de São Benedito e o congo de onde surgem na ancestralidade os Griôs – homens comuns que transmitem por meio de depoimentos as histórias nascidas nos Ternos de Congo, os costumes e as tradições da congada.

A Festa de São Benedito em Machado-MG

A festa de São Benedito é um festejo tradicional em Machado. Acontece há 104 anos, conforme registro encontrado no Livro de Tombo da Paróquia Sagrada Família e Santo Antonio (REBELLO 2006).

O historiador Ricardo Moreira Rebello e o jornalista José de Souza, o chamado Massa Fina, já falecido, contam que o Padre Alexandre Carvalho de Macedo doara ao escravo Tibúrcio um sítio às margens do Ribeirão Jacutinga, depois herdado por João Carvalho de Macedo, seu filho (CAPRONI; REIS, 1979).

Às margens do Ribeirão Jacutinga, área onde os negros se reuniam, foi morar Procópio de Tal, chegado da cidade de Poços de Caldas. Frequentavam esse grupo o dono do imóvel, mais conhecido por João Carvalho e Chico Moreira. Procópio fundou o primeiro terno da cidade de Machado. João Carvalho e Chico Moreira, cada um deles coordenava um cordão. Com a morte de Procópio, os dois se desentenderam, dividiram o terno e formaram outros sob a proteção de confrarias distintas: o de João Carvalho ligou-se a irmandade de São Benedito, e o de Chico Moreira, à do Rosário.

A Festa de São Benedito ocorre em agosto, e as danças de congo surgiram nas fazendas, onde era permitido aos escravos reviver folguedos dos antepassados, dançar e cantar, em datas em que se festejavam os santos católicos. A Festa de São Benedito em Machado (MG) faz parte da agenda cultural da cidade.

As manifestações da Festa de São Benedito ocorrem em dois momentos distintos. Um religioso e outro profano. O momento religioso é composto por procissões, missas diárias em louvor ao santo padroeiro; o santo de devoção dos congadeiros e proclamação dos Festeiros.

Figura 9 - Alunos do Projeto Escola de Tempo Integral da Escola Estadual Iracema Rodrigues, participantes do projeto “Grios e Congada na Escola” diante da imagem de São Benedito em momento que manifestam sua devoção:



Fonte: Arquivo da Escola Estadual Iracema Rodrigues – agosto, 2017.

A parte profana é composta por diferentes manifestações culturais, dentre as quais se destacam o espetáculo colorido dos Ternos da Congada e todos os seus personagens (o rei congo, as rainhas, as princesas, guardas de honra, ordenança do rei, capitão do mastro, capitã da bandeira, juízes e os capitães dos ternos) formadas por grupos de populares, quando a população afrodescendente se mistura aos demais participantes, que cantam e dançam, seguindo a tradição herdada de seus ancestrais.

Para Caproni e Reis (2004), a congada em Machado se apresenta bem organizada e tem seu ponto alto de apresentações durante a Festa de São Benedito. A Figura 8 mostra um Terno de Congo.

A festa de São Benedito em Machado ocorre no mês de agosto, ajustada ao final da safra de café e também da colheita do milho, da abóbora e do feijão, plantados em parceria com o fazendeiro no meio dos cafezais. Sendo assim, os congadeiros e boa parte dos habitantes do município se encontram financeiramente confortáveis para poder participar da festa e prestigiá-la com dinheiro no bolso.

Figura 10 - Terno de São Benedito do Capitão José Batista acompanhando a procissão. - 2010



Fonte: Arquivo pessoal da professora Márcia de Paula– agosto, 2016.

São várias as histórias que contam como os ternos de congo surgiram em Machado, marcando o início desta manifestação cultural das congadas em diferentes épocas, todas associadas às comemorações religiosas.

Segundo Caproni e Reis (1979, p. 11), estima-se, por meio de depoimentos (relatos orais), o ano de 1914 como o marco inicial da Festa de São Benedito no município de Machado. Sua realização coincide com o final da agenda agrícola, ou seja, após um período exaustivo de trabalho, quando os camponeses cansados do longo período da lida, podiam aproveitar os folguedos, conforme nos conta Thompson (1998, p. 52), no seu livro *Costumes em comum*:

[...] muitas semanas de trabalho pesado e dieta escassa, que eram compensadas pela expectativa (ou lembranças dessas ocasiões, quando a comida e bebida eram abundantes, floresciam os namoros e todo tipo de relação social e esquecia-se a dureza da vida). A maior parte do calendário festivo emocional situava-se nas semanas logo depois do fim da colheita.

Caproni e Reis (1979, p.23) nos relatam que:

nem sempre a festa realizou-se em agosto. Em 1938 e 1939, foi em julho. Em 1940, em setembro. Só partir de 1942 é que o evento passou a se desenrolar sempre no mês de agosto. E por que agosto? Teria isso a ver com o “Mês do Folclore”? Nada autoriza a afirmá-lo, mesmo porque havia um total desligamento entre a parte religiosa e profana da festa. E na sua maioria, as festas próprias dos negros, no Brasil, como a de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, realizam-se quase sempre no mês de maio, por causa da data da libertação da escravidão nesse país e, em outros casos, por ser maio o mês consagrado a Nossa Senhora. Cumpre ressaltar ainda que no calendário litúrgico não há data específica

para a comemoração de São Benedito. Então para elucidar o assunto foi feita uma pesquisa de opinião pública e de todas as impressões colhidas prevaleceu a de que há uma evidente relação entre essa data – agosto – é a época de maior fatura econômica do município, cuja grande renda é o café. De forma que todos estariam em boas condições para colaborar com a igreja. E os congadeiros, em sua maioria, trabalhadores nas colheitas de café, teriam igualmente melhores condições de fazer a sua festa.

No livro *Artistas e Festas Populares*, Murilo Carvalho (1977) transcreve a fábula ouvida do Rei Perpétuo Joaquim Santana sobre a origem do congado na cidade de Machado: De acordo com *Revista Congadas* (2004, p. 10),

o Congo teve um princípio muito bonito aqui em Machado. No tempo do cativo, tinha uns que gostavam de caçar de bodoque. Aconteceu que, caçando, acharam um nhambu que aparecia e sumia. Eles foram indo atrás, aí deu num rochedo de pedra e o nhambu sumiu derradeiro e eles viram ali uma Santa Preta, uma estátua, em cima da pedra, no lugar onde nhambu sumiu. Aí, eles eram três companheiros, levaram a mão na Santa, mas ela não saiu do lugar, não puderam tirar. Foram embora pra casa; chamaram outros cativos e voltaram uma porção de homens, rezando, rezando, em redor dela. Ainda não puderam tirar a Santa, ela não saiu do lugar. Voltaram pra casa e inventaram outro modo, que nem na África: um arranjou uma viola, outro uma caixa, um pandeirinho, e todos vestiram uma saia colorida, que nem na África, e voltaram. Aí chegaram e tocaram e dançaram em redor da Santa Nossa Senhora do Rosário e cantaram: Vamo Nossa Senhora. E quando viu, a Santa deitou e eles puderam trazer. Puseram em riba de uma mesa e foram rezando, dançando, admirando ela adorando de vela acesa. Eram todos gente africana, cantavam enrolando numa língua velha que era a deles. Daí nós continuamos todo o sempre com o nosso canto e a nossa dança, pra homenagear a Santa e ao São Benedito que ajudou Nossa senhora criar o Menino Jesus Argemiro e foi cozinheiro preto.

As danças eram com gingados e evoluções, e as festas eram de cunho religioso. Os santos festejados eram: Santa Cruz, Nossa Senhora do Rosário, Santa Ifigênia, São Benedito. Com o tempo essas festas realizadas nas fazendas passaram às cidades, e as danças acompanhadas de gingados e evoluções receberam o nome de Dança de Congada e Festa de Congada (CAPRONI; REIS, 1979).

Segundo Carvalho (1977), em Machado, as primeiras festas aconteceram em frente de um grande cruzeiro que existia bem no fundo da pracinha da Grama- central, próxima da igreja matriz da cidade. Ali, os ternos de congo se reuniam para os ensaios. Também naquele local foram realizadas algumas festas aos santos protetores dos negros. Porém, como os grupos de congadeiros foram aumentando, o espaço, antes tão grande, foi-se tornando pequeno. Aconteciam as procissões saindo da Igreja Matriz, no centro e terminavam na Grama com a saudação dos santos pelos congadeiros.

Hoje, os festejos acontecem na Praça de São Benedito, em frente à igreja de mesmo nome. Esta praça fica no alto de uma colina, na Avenida Santa Cruz, distante da igreja matriz e é palco central das festividades.

Na história da organização da Festa de São Benedito em Machado, criaram-se dois

ternos de início rurais, que disputavam a primazia em tudo. Eram o “Terno de João Carvalho” e o de “Chico Moreira”. Cada um trazia nome do próprio Capitão fundador.

O terno de João Carvalho – fazendeiro local – teve sua sede do outro lado do riacho Jacutinga, ribeirão que percorre a parte baixa da cidade desaguardo no Rio Machado (CAPRONI; REIS, 1997). Já o outro Terno era organizado por Chico Moreira, um escravo que tinha maneiras corteses que faziam inveja. Muitas vezes, costumava-se dizer que pessoa igual a Chico Moreira não existia, a não ser “Chico Rei”, outro preto, que viera da África, possivelmente do Congo.

Hoje todos os ternos têm o seu chefe, a quem chamam de capitão. O capitão é o responsável pela organização do terno, pelo cumprimento dos rituais durante a festa de São Benedito: horários de ensaios, escolha das roupas, das músicas, da alimentação e do alojamento dos congadeiros, enfim de todas as atividades que envolvem os ternos na participação dos festejos.

A partir do mês de maio, Machado muda sua paisagem, pois desde então cada terno se reúne na Praça de São Benedito e realiza seu ensaio. Quando chega agosto, os ensaios se intensificam aumentando o número de ternos ensaiando na praça e em suas imediações. Não há número estipulado de participantes para o terno.

Segundo a *Revista Congadas*, no artigo “A Festa de São Benedito em Machado – MG” (1979, p.11), os Ternos de Congo possuem:

composição variadíssima e vestimentas multicoloridas, com estandartes e bandeiras, assim se apresentam os grupos bailarinos, comumente chamados Ternos de Congo. Nas suas fileiras, figuram adultos e crianças, são escolhidas as moças das mesmas famílias que compõem os Ternos, as quais se vestem de roupas longas e bem rodadas e ostentam, na cabeça, enfeites, como coroas ou flores. O grupo assim organizado caminha, ao som de canções e batuques de caixas. A dança percorre as ruas da cidade, num verdadeiro ritual. Todos os Ternos escolhem uma Rainha, que deve ser um elemento que saiba dançar com agilidade e desenvoltura. Os estandartes e bandeiras são de tecidos brilhantes, com pinturas as mais variadas, destacando-se as de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e Princesa Isabel. Há outras pinturas nesses estandartes, que se apresentam fora do contexto habitual das Congadas, como o sol, a lua, certos animais, o que demonstra a grande influência de credences vindas de outros povos, misturando-se a realidade do negro.

As vestimentas dos Ternos de Congo apresentam cores variadíssimas, chamadas fardas do congado. São padronizadas, fugindo da modernidade e respeitando a tradição, inclusive nas roupas das dançarinas. Organizados e fardados, os ternos de congo caminham pelas ladeiras da cidade cumprindo seu ritual. As rainhas carregam os estandartes que trazem brilho e variadas pinturas que apresentam a arte de artistas desconhecidos, destacando-se as figuras de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia.

Os congadeiros, além da parte profana, participam com fervor da parte religiosa. Dançam segundo datas fixadas pelos calendários religiosos da comunidade. Participam em festas particulares reverenciando santos padroeiros cultuados em suas famílias.

Seguem motivos condutores para realizarem o ritual da dança.

Em Rabaçal (1993, p. 63), as congadas se apresentam segundo cinco motivos condutores:

- I. desfiles por vias e logradouros públicos, em direção à cenários religiosos, ou cortejos, cujos participantes acompanhados por grupos instrumentais entoam versos desenhando rápidos e simples passos coreográficos;
- II. a representação de lutas entre mouros e cristãos, com base em alguns casos, em episódios da história de Carlos Magno e dos Doze Pares da França;
- III. a teatralização das lutas entre um Rei do Congo e uma Rainha Ginga;
- IV. a encenação de embaixadas com encontros guerreiros;e,
- V. o desenvolvimento de Embaixadas Diplomáticas entre realezas distantes.

Os festeiros se ocupam da organização de leilões de prendas, animados pela banda de música da cidade e pelo serviço de alto-falante que se instala na praça, funcionando durante toda a festa. Ao final da tarde, o cheirinho bom da tradicional culinária aí se instala na praça: as barracas começam a fazer os churrasquinhos a assar os pernis.

O sino da igreja de São Benedito toca às 18 horas. E quando ele toca, toda a população sabe que é chegada a hora da novena. De muitos bairros da cidade de Machado se ouve o repicar do sino. Os festejos religiosos se iniciam com a novena. A reza é responsabilidade dos padres. A igreja é toda organizada para a festa. Já os festeiros organizam a festa com a ajuda da Associação dos Congadeiros. A Associação dos Congadeiros de Machado – Casa do Congadeiro “Tio Chico” –, idealizada pelo professor José Vitor da Silva e pelo Comendador Pedro Ribeiro da Silva (2004),foi fundada em 31 de agosto de 1981einaugurada em 13 de maio de 1982. O Rei e Rainha do congo, membros perpétuos organizam o reinado, o cortejo. Os festeiros saem pelas fazendas arrecadando gado, porcos, galinhas para que sejam leiloados e alguns utilizados nos preparos de quitutes para serem leiloados na barraca do bingo. Do gado arrecadado, todos os anos no primeiro sábado da festa é feito um leilão. Os fazendeiros e as pessoas de posse, em sua maioria, contribuem.

A ornamentação dos andores de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia só é feita no dia da festa, no domingo, para sair na procissão e há sempre devotos que, por promessa, se incumbem da decoração com orquídeas, que é a flor da época da festa. A decoração é singela e sempre renovada com muita criatividade.

As vestimentas dos congadeiros são confeccionadas carinhosamente e só reveladas no dia da procissão. Cada terno se apresenta no seu melhor estilo. Os devotos sempre fazem promessas, vestindo seus filhos para participar da procissão.

Na festa de São Benedito, o culto religioso e o profano existem lado a lado. A congada é a parte profana da festa de São Benedito.

O levantamento do mastro com a bandeira, conforme ilustra a Figura 11, marca o início dos festejos, e o capitão e o guardião do mastro têm a função de prepará-lo, zelar por ele, dirigir a sua fixação e também a retirada, depois da festa, guardando-o para o próximo ano.

Figura 11 - Mastro de São Benedito, pelo Capitão do Mastro e congadeiros.



Fonte: Arquivo pessoal da professora Márcia de Paula – agosto, 2009.

O mastro – uma vara de eucalipto com a figura de São Benedito – é enfeitado com fitas coloridas de cetim e flores de crepom ofertadas ao glorioso Santo pelos devotos e pessoas que fazem promessas ou por graças alcançadas. Para o capitão Sebastião Anselmo dos Santos, é o símbolo da festa, a sua subida dá início às comemorações da Festa de São Benedito. Conta-nos ainda o capitão do terno de congo de São Benedito, Sebastião Anselmo dos Santos, em depoimento cedido à professora Jussara Maria da Silva (2012, p. 48):

O mastro no meu entendimento é um símbolo também da Festa de São Benedito, agora a abertura é a Alvorada, pode ter o Mastro, mas a abertura é a Alvorada. O mastro ele é sagrado, já sai da igreja benzido tem que ser sagrado, mas aqui tem que levantar mais umas duas imagens. Na festa de São Benedito, o mastro ali ele é assim um vai ali pra fazer uma promessa, isso aí é praticamente... Uns já vão por a Mão no mastro “a promessa minha aquilo ali...” então o mastro ele é uma coisa importante, significado assim aquela origem ali já vem vindo muito antigo, muitos antigo que vem vindo com a origem do mastro. O mastro pra nós é uma cultura muito grande.

O levantamento ocorre no pátio fronteiro da igreja de São Benedito, à frente do cruzeiro, onde o próprio capitão do mastro abre uma cova para recebê-lo.

O mastro é carregado festivamente pelas ruas da cidade, nos ombros dos congadeiros e devotos de São Benedito, ao som das congadas, ao repicar dos sinos e sob foguetório.

O andor de São Benedito é disputado durante todo o trajeto, pois muitos fazem promessas de carregá-lo; outros procuram, pelo menos, tocá-lo, portanto há a troca de pessoas para carregar o santo durante todo o cortejo. A população caminha em fila ao lado do andor, e, ainda, atrás dele segue uma grande aglomeração de pessoas.

Retornando à Praça de São Benedito, ao término do cortejo, há missa campal e são nomeados os festeiros para o próximo ano. Após a bênção final, os congadeiros, retomam seus instrumentos, voltam a dançar com força total, desfilam pela Praça de São Benedito. Uns vão embora mais cedo e outros ficam. Enquanto alguns ternos param para descansar, colocando suas caixas no chão, outros continuam a tocar e assim tocam até terça-feira à noite, quando ocorre a retirada do mastro e anuncia-se o final da festa.

Paralela à festa, também se forma uma rua de comércio, por onde a população, caminhando lentamente, vai apreciando muitas barracas de camelôs vindos de outras cidades, trazendo novidades. Há uma mistura de jovens, crianças e adultos, portanto uma diversidade de pessoas que seguem os festejos.

A festa, que tem uma motivação religioso-cultural, influencia a economia da cidade, pois incentiva o turismo, o comércio e coloca em evidência a cultura popular. Traz a riqueza do Congo que são os participantes das congadas. Os trajes apresentados no congo possuem certa uniformidade com exceção do traje das chamadas Rainhas e do Rei Congo.

Os ternos circulam pela cidade, cantando ao som dos instrumentos: duas ou três violas, dois bumbos, dois surdos médio, caixa, pandeiro, reque-reque, agogô, triangulo e chocalho. Os instrumentos são enfeitados de fitas coloridas. As músicas cantadas estão ligadas ao ritual sendo uma para cada momento: canto da alvorada, canto do cruzeiro, canto de São Benedito, canto de Santa Efigênia, canto de agradecimento e canto de despedida.

Fazendo parte do ritual, as danças são apresentadas em diversos pontos da cidade, mostrando uma série de passos interessantes. Dispõe-se em quatro colunas e tantas filas quantas forem necessárias. Os capitães na primeira fila e na segunda os congos. As coreografias estão ligadas às músicas e a todo ritual. Dentre as principais estão a marcha, a contramarcha e as trocas de lugar.

Girardelli (1981, p. 33) esclarece que a,

marcha é a caminhada com o grupo ordenado, pelas ruas da cidade, em direção aos locais onde se dará alguma parte do ritual. Não é uma marcha em forma de desfile, é apenas uma caminhada. A contramarcha ocorre geralmente em algumas partes do ritual das festas.

O ritual religioso é por demais importantes nas festas da congada. É o espírito religioso que estrutura e mantém os grupos unidos. A participação tem caráter sagrado. No ritual das festas, entre os congos, encontramos credices muito interessantes, fortes e determinantes: o andor com santo São Benedito vai à frente dos outros andores – senão chove. A ladainha rezada no Cruzeiro tem que ser feita “para que tudo corra bem nas festas”. As promessas, são feitas e há pessoas que dançam nas congadas para pagar promessas. Esse rico ritual religioso é o que realmente mantém vivas as tradições.

A Escola Estadual Iracema Rodrigues e o Projeto Escola de Tempo Integral.

Figura 12 - Escola São José de La Salle (1941), atualmente Escola Estadual Iracema Rodrigues.



Fonte: Foto cedida pelo acervo da Casa da Cultura da cidade de Machado (MG)

Para apresentar a Escola Estadual Iracema Rodrigues, localizada na cidade de Machado-MG, é necessário relatar o percurso histórico do prédio, como Colégio Lassalista, administrado e mantido pelo Instituto das Escolas Cristãs, mais conhecidas como irmãos de La Salle – uma congregação de religiosos, fundada por São João Batista de La Salle.

Em 29 de fevereiro de 1940, vindos do Rio Grande do Sul, chegaram a Machado-MG os Irmãos Arnaldo Isidoro (Diretor) e Angelo Teodoro Luís para tomar posse do prédio provisório da Rua Coronel Flávio, dando à Escola o nome de Instituto São José.

Foi a pedido do machadense Dom Hugo Bressane de Araújo, então Bispo que a

Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs (Lassalistas) resolveu instalar a escola em Machado, reunindo os alunos no dia 4 de março de 1940, para as provas de seleção e o início das aulas.

A três de junho de 1940, a Comissão Pró-Construção do ginásio reuniu-se e resolveu angariar fundos para construir um novo prédio. No dia 18 de abril de 1941, lançou-se a pedra fundamental do prédio com bênção, procissão, missa e churrasco, tudo presidido pelo Bispo de Guaxupé, Dom Hugo Bressane de Araújo.

A cumieira da primeira parte foi colocada a 11 de outubro de 1941, pelo então prefeito João Vieira da Silva e, em dezembro, foi feita a mudança para o novo prédio, mesmo inacabado.

As aulas no novo prédio tiveram início em 16 de março de 1942 e contava com alunos internos, externos e semiexternos. O número de alunos crescia a cada ano e com isso também as atividades extraclasses como: esportes, natação, atividades físicas, com destaque para a Banda de música, anos depois Fanfarra e mais tarde Banda Marcial.

Em agosto de 1945, o Ginásio recebeu a honrosa visita do Governador Benedito Valadares.

No ano de 1968, os Irmãos Lassalistas assinaram convênio com o governo estadual que passaria a pagar os professores. No fim do mesmo ano, encerrou-se o internato do Ginásio.

Em 1970, o Ginásio transformou-se em escola mista, instituindo em 1972 o seu curso noturno e o 2.º grau, mudando o nome para Colégio São José e, em 1972, para Centro Educacional São José.

A partir deste ponto, ano de 1970, trago as modificações ocorridas quanto ao histórico da Escola Estadual Iracema Rodrigues, segundo Regimento Interno da Escola Estadual Iracema Rodrigues (2016, p. 4)

Em 28 de agosto de 1964, foram criadas as Escolas Reunidas Iracema Rodrigues, na gestão do Exmo. Sr.Dr. José de Magalhães Pinto, DD. Governador do Estado de Minas Gerais, sendo instalado num prédio da C.N.E.G., na Praça Olegário Maciel, n.12.

A escolha do nome partiu do Exmo. Sr. Lucas Tavares de Lacerda, então Prefeito Municipal, em homenagem ao esforço, dinamismo e ideal que a grande mestra, já falecida, dedicara em prol do desenvolvimento do ensino em Machado- MG.

Em 1969, houve a junção de Escola Combinada Anexa ao “Porvir Científico” que funcionava desde 1960 com as E. E. Iracema Rodrigues, com a finalidade de transformação em Grupo Escolar. Para que isso se concretizasse, foi remanejado o corpo docente e o discente

da então Escola Combinada Anexa ao “Porvir Científico”, para a Escola Estadual Iracema Rodrigues, o que se efetivou mediante publicação no Órgão Oficial – MG., de 14 de fevereiro de 1969, à página 8, coluna 4. O decreto n.º 11.785, de 02 de abril de 1969, publicado no “MG”, de 03 de abril de 1969, à página 3, coluna 3 realizou definitivamente a transformação, e assim se estabeleceu o Grupo Escolar, cuja 1.ª classificação tipológica-1.2. foi dada pela Portaria n.º 137/76, publicada no “MG” de 06.76, à página 13, coluna 5, tipologia esta posteriormente alterada para 1.2.0.A, pelo ato n.º 15/78, publicado no “MG”, de 07 de novembro de 1978, à página 21, coluna 4. A 1.ª diretora da escola foi Dona Julieta Mezavila Ferraz, que permaneceu no cargo até 1968, quando a 03 de março desse mencionado ano, assumiu a Professora Francisca de Jesus da Silva.

A 20 de maio de 1974, a direção passou para a Professora Ruth dos Anjos Lima Romanello, que permaneceu até 1985, ficando por apenas um curto período, sendo afastada da função para assumir a Professora Julieta de Souza.

Em janeiro de 1984, com a paralisação das atividades do Centro Educacional “São José”, a municipalidade adquiriu seu patrimônio, a fim de doá-lo ao Estado e concretizar o objetivo de implantação de uma grande escola estadual em Machado através do Iracema Rodrigues.

Durante o ano de 1984, enquanto tramitavam os processos necessários, funcionou, nas dependências do referido prédio, situado na Rua Irmão Arnaldo Isidoro, n.500, o Colégio Municipal de Machado, mas já em janeiro de 1985, a Escola Estadual Iracema Rodrigues foi transferida para o citado endereço e, logo em seguida, efetivada a doação do prédio ao Estado.

Tal mudança foi autorizada pela Portaria n.º 482/85, publicada no “MG”, de 13 de abril de 1985, à página 15, coluna 1. No início de 1985, época da operacionalização do Plano de Expansão de Ofertas Educacionais e Melhoria de Atendimento Escolar da Secretaria de Estado da Educação de MG, foi a Escola Iracema Rodrigues contemplada com a extensão de séries, de 5.ª a 8.ª e com a criação do 2.º Grau. Tal termo de autorização foi publicado no “MG” n.º 16, de 25 de janeiro de 1985, à página 7, coluna 1. Tratou-se, acima de tudo, de uma conquista política do então Prefeito Municipal Dr. Jorge Vieira de Oliveira.

Foi solicitada a extensão de séries e a criação do 2.º grau com aprovação publicado no “MG” n.º 42, de 07 de março de 1985, à página 20, coluna 1. Pela Resolução n.º 5.566/85, publicada no “MG” n.º 44, de 09 de março de 1985, à página 13, coluna 1, foi autorizado o funcionamento da extensão de séries de 5.ª a 8.ª. O Decreto n.º 24.430, de 22 de março de 1985, publicado no “MG” n.º 53, de 23 de março de 1985, à página 19, coluna 3, criou o ensino de 2.º Grau, o qual teve sua autorização de funcionamento pela Portaria n.º 299/85, de

28de março de 1985, publicada no “MG” n.º 56, de mesma data, à página 17, coluna 1.

A nova classificação tipológica da escola, que passou de 1.2.0. A, para

1.4.6. C., foi feita pelo ato n.º 132/85, publicado no “MG”, datado de 11 de maio de 1985, à página 23, coluna 2, com efeito retroativo, a contar de 28de março de 1985.

Figura 13- Vista aérea da Escola Estadual Iracema Rodrigues da cidade de Machado ano (2006).



Fonte: Acervo pessoal da professora Marcolina Alves Pereira Silva – fevereiro, 2010.

A Escola Estadual Iracema Rodrigues se situa em um local privilegiado. Encontra-se localizada à Rua Irmão Arnaldo Isidoro, n.º 500, bem próxima à Praça de São Benedito. A Praça de São Benedito é o espaço onde acontecem diversas manifestação culturais da cidade de Machado-MG, e pode ser vista como polo de resistência do povo afrodescendente que toca seus tambores por meio do congo diante do pátio da igreja que trás a gravura de São Benedito em sua fachada.

A Praça de São Benedito e a Escola Estadual Iracema Rodrigues localizam- se no mesmo território.¹²

¹² Território: O território é uma fato físico, político, categorizável, possível de dimensionamento, onde geralmente o Estado está presente e estão gravadas as referências culturais e simbólicas da população. Dessa forma, o território étnico seria o espaço construído, materializado a partir das referências de identidade e pertencimento territorial, e, geralmente, a sua população tem um traço de origem comum (SANTOS, 2009, P. 115-116).

Figura 14 - Bumba meu Boi do Terno de congo da Escola Estadual Iracema Rodrigues em apresentação na Praça de São Bendito em Machado-MG.



Fonte: Acervo da Escola Estadual Iracema Rodrigues. Foto do ano de 2018.

De localização central, tanto a Praça de São Benedito quanto a Escola Estadual Iracema Rodrigues têm ainda por vizinhança a Rua Dom Hugo, antes conhecida como a Rua 13, ou seja, a rua onde residiam vários negros da cidade de Machado. Essa rua finaliza na Praça de São Benedito. É nesta rua que o Senhor Chico Moreira, – o fundador do Terno Oficial do Boi da cidade de Machado-MG, que inspirou a construção do Boi e do Projeto Griô e Congada da Escola Estadual Iracema Rodrigues – passou a morar.

A proximidade da Escola Estadual Iracema Rodrigues com a Praça de São Benedito, tida como ponto de cultura, influencia diretamente a produção cultural da escola. Os estudantes têm contato com todos os acontecimentos da praça e principalmente com o congado. A escola é ponto de referência da praça e vice-versa. As histórias de ambas se cruzam e uma não existe sem a outra.

A Escola Estadual Iracema Rodrigues traz em seu contexto a tradição da cultura local por meio de seus estudantes e a influência territorial de uma praça que se apresenta carregada de significados culturais e históricos. Cruz e Silva (2010, p.4) pontuam que:

refletir sobre o presente é impossível sem se valer do Passado, pois neste tempo que vivemos encontrou seu nascimento. Refletir sobre o futuro é impossível sem se referir ao passado e o que se viveu nele, seja na forma de vida, na cultura e na formação dos espaços. Para compreender o papel deste espaço não basta enxergá-lo, mas senti-lo. Basta aproveitá-lo, mas apropriar-se dele com consciência!! Como caminho, Para outros caminhos. Espaço escolar tem vida, Memória, histórias que se cruzam.

No ano de 2007, o Governo do estado de Minas Gerais iniciou a proposta de implantação nas escolas públicas de Minas Gerais do Projeto Escola de Tempo Integral, implementado por meio da Portaria Interministerial n.º 17/2007 e pelo Decreto n.º 7083 de 27/01/2010, do Programa Mais Educação.

Assim, no ano de 2008, a Escola Estadual Iracema Rodrigues iniciou seus trabalhos com o Projeto Educação em Tempo Integral. Seu quadro foi composto por três turmas de 25 alunos, sendo 02 no período da manhã e 01 no período da tarde. Metodologicamente, no Projeto Educação em Tempo Integral trabalha-se com oficinas pedagógicas, buscando motivar os estudantes a adquirir novas habilidades, auxiliando-os também nas dificuldades de aprendizagens apresentadas e nas tarefas escolares.

A Educação Integral, conforme o documento orientador, “Caminhos para elaborar uma proposta de Educação Integral” em jornada ampliada, tem por pressupostos e objetivo ampliar as oportunidades educativas dos alunos envolvendo todas as dimensões da pessoa, buscando formar novas habilidades e conhecimentos a partir da ampliação do período de permanência diária dos alunos nas atividades promovidas na e pela escola. Moll (2013, p.39) esclarece quais são os pressupostos da Educação Integral, ou seja:

1. O direito a uma educação de qualidade é a peça chave para a ampliação e a garantia dos demais direitos humanos e sociais; o Plano Nacional de Desenvolvimento da Educação 2007-2022 (PDE) visa assegurar essa qualidade para todos. Planos Municipais e Estaduais de Educação a ele se articulam, seguindo a mesma lógica.
2. A educação não se esgota no espaço físico da escola, nem no tempo de 4 ou 7 horas ou mais. A Educação realiza seu compromisso ético com a inclusão social quando se promovem articulações e convivências entre programas e serviços públicos, entre organizações governamentais e não-governamentais, entre espaços escolares e não-escolares.
3. A escola faz parte de uma rede de espaços institucionais e não institucionais que possibilitam a crianças, jovens e adultos compreender a sociedade em que vivem, construir juízos de valor, saberes, formas de estar no mundo e desenvolver integralmente sua humanidade.
4. Organizações e instituições da cidade precisam fortalecer a compreensão de que também são espaços educadores; diferentes atores sociais podem agir como agentes educativos.
5. A escola precisa fortalecer a compreensão de que não é o único espaço educador da cidade; qualquer outra organização ou instituição pode colaborar com a Educação Integral.
6. Ficar mais tempo na escola não é necessariamente sinônimo de Educação Integral; passar mais tempo em aprendizagens significativas, sim.
7. A escola tem posição estratégica entre os espaços educativos da cidade, como local onde todos os de mais espaços públicos podem ser ressignificados e todos os demais projetos podem ser articulados, construindo-se um Projeto Político Pedagógico que contemple princípios, ações compartilhadas e intersetoriais, na direção de uma Educação Integral.

Anísio Teixeira (1940/1950) e Darcy Ribeiro (1980) já sonhavam com a proposta de Educação Integral e se tornaram seus idealizadores. A Educação em Tempo Integral está presente na proposta educacional da educação mineira e se inscreve no campo das políticas educacionais dirigidas a crianças, jovens e adultos. As bases legais da Educação Integral respaldam Gestores e Educadores em suas ações, oferecendo uma legislação coerente e consistente.

Segundo Moll (2013, p. 40):

EDUCAÇÃO INTEGRAL - A Educação Integral em Jornada Ampliada é meta a ser alcançada com a participação de todos. FUNDEB – O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Lei 11.494/2007) propõe tempo integral. PDE- O Plano de Desenvolvimento da Educação prevê ações para Educação Integral no Plano de Metas Todos pela Educação e no Programa Mais Educação. PNE- O Plano nacional de Educação prevê, nas diretrizes do ensino fundamental a Educação Integral (Lei 10.172/2001)LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.934/1996) afirma que a escola é o lugar central do processo educativo.ECA-O Estatuto da Criança e do Adolescente, (Lei 8.069/1990) assegura os direitos, sendo que o direito à Educação encabeça a maioria deles, logo depois dos direitos à vida, à saúde e à alimentação.CONSTITUIÇÃO DE 1988- A Constituição de 1988 diz, em seu artigo 6º, que a educação é o primeiro dos dez direitos sociais.

O Projeto Político-Pedagógico (PPP) ¹³de uma escola expressa concepções de educação, de sociedade, de ser humano, que apontam novos rumos, partindo do real para o ideal.

Em vista disso o PPP da Escola Estadual Iracema Rodrigues em Machado (MG) almeja¹⁴uma organização partilhada e compartilhada da prática pedagógica, tendo em vista uma escola dinâmica, desafiadora, crítica e criativa, capaz de promover uma educação de qualidade, integradora e consistente, em que a aprendizagem do aluno passe pelo compromisso, pela competência, pelo fazer pedagógico integrado entre professores e pela produção de conhecimentos relevantes e significativos¹⁴.

Contempla um trabalho fundamentado na ética, na justiça, no respeito às diferenças, na construção da autoestima e na arte do bem viver. O cidadão que se pretende formar há de ser crítico, criativo, capaz de estabelecer relações e fazer julgamento; há de ser atuante, responsável e comprometido com o que faz; bem informado, capaz de interpretar sua realidade e nela intervir. Filosoficamente ocupa-se da formação do ser humano para a vida com dignidade, baseada e comprometida com a necessidade do exercício da cidadania.

Oferece as modalidades de Ensino: Fundamental de 6.º ao 9.º ano; Ensino Médio Regular, Ensino Técnico profissionalizante (Administração e *Marketing*), Curso Normal Magistério/Educação infantil e Projeto Educação Integral Integrada.

No ano de 2018, conforme dados da secretaria da escola, a Escola Estadual Iracema Rodrigues contava com 1.500 alunos, num total de 47 turmas, com 70 PEBs– professores de educação básica; 11 ATBs – assistente técnico básico; 25 ASBs– auxiliar de serviço básico; 04 EEBs (Pedagogos, especialista em educação básica): 01 diretor, 03 vice-diretores e 01 inspetor escolar que atendem à comunidade escolar em três turnos.

O projeto educacional “Griôs e Congada na Escola”, vem se consolidando conforme ações desenvolvidas pela Escola Estadual Iracema Rodrigues em Machado-MG.

¹³ PPP: “Projeto Político-Pedagógico da escola precisa ser entendido como uma maneira de situar-se num horizonte de possibilidades, a partir de respostas a perguntas tais como: „que educação se quer, que tipo de cidadão se deseja e para que projeto de sociedade?” (GADOTTI, 1994, p. 42).

¹⁴ PPP. (2017, p.1-2) da Escola Estadual Iracema Rodrigues Machado-MG com bases na leitura da Proposta Educacional do Sistema Educacional de Minas Gerais.

3 O PROJETO GRIÔS E CONGADA NA ESCOLA ESTADUAL IRACEMA RODRIGUES

Até bem pouco tempo, falar de congadas, folias de reis, era coisa de gente simples. De uns tempos para cá, congadas, folias de reis, principalmente nesta região do sul de Minas Gerais, vem despontando como objeto de estudos, pesquisas e trabalhos. Desvenda-se que, a simplicidade das manifestações culturais do povo, registradas como folclore têm presentes nestas manifestações elementos que enfatizam a sua história.

A Congada é exemplo concreto e fecundo dessa fonte histórica: surgiu na zona rural como movimento de resistência dos escravos, como manifestação de celebração e alegria. Migrou para a cidade e junto ao sincretismo religioso, venceu a discriminação da Igreja transformando –se nas festas dos santos pretos apropriados da Igreja católica: Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, como ocorre em Machado-MG.

O nascimento do Projeto Griôs e Congada na Escola Estadual Iracema Rodrigues

O projeto “Griô e Congada na Escola” surgiu na Escola Estadual Iracema Rodrigues no ano de 2007, no decorrer da proposta do Governo do Estado de Minas Gerais de implantação do Projeto Escola de Tempo Integral no espaço escolar.

A Escola Estadual Iracema Rodrigues abraçou a proposta do governo do Estado de Minas Gerais e iniciou as atividades do Projeto Educação em Tempo Integral, formando em seu quadro três turmas: duas no período matutino e uma no vespertino, cada qual com 25 alunos. A Figura 15 retrata a primeira turma a participar do projeto de escola integral.

Figura 1 - Primeira turma de alunos participantes do Projeto Escola de Tempo Integral da Escola Estadual Iracema Rodrigues



Fonte: Acervo da Escola Estadual Iracema Rodrigues. Alunos em sala de aula – fevereiro, 2008.

A Escola Estadual Iracema Rodrigues da cidade de Machado recebe no seu espaço escolar estudantes que trazem grande diversidade cultural, política e religiosa. Portanto, era de se esperar que a instituição abordasse naturalmente em sua rotina essas diversidades, mas, na realidade, não é o que ocorre.

Quando se pontuam questões sobre culturas indígenas, africano e afro- brasileiras, culturas pouco valorizadas no espaço escolar, as discussões se traduzem apenas em datas e celebrações comemorativas, ressaltando em painéis as datas como o Dia do Índio, o Dia da Mulher, o Dia do Trabalho, o Dia da Consciência Negra, o Treze de Maio.

A escola prende-se a uma reprodução conservadora de estereótipos demagogos e burgueses. Isto significa que a escola desenvolve conteúdos que trazem aos estudantes pouca significação. Em vista disso, eles se sentem desinteressados ao que lhes é ensinado. O saber da escola traz significados que se encontram distantes da vida e da realidade dos estudantes. Como um possível caminho de inovação, é preciso mesclar o saber científico da escola com o saber popular da vida dos estudantes.

Para Oliveira (2005, p. 69),

portanto, o entendimento ampliado a respeito das múltiplas e complexas realidades das escolas reais, com seus alunos, alunas, professores e professoras e problemas reais, exige que enfrentemos o desafio de mergulhar nestes cotidianos, buscando neles mais do que marcas das normas estabelecidas no e percebidas do alto, que definem o formato das prescrições curriculares. É preciso buscar outras marcas, da vida cotidiana, das opções tecidas nos acasos e situações que compõem a história de vida dos sujeitos pedagógicos que, em processos reais de interação, dão vida e corpo às propostas curriculares.

Em todas as escolas públicas do estado de Minas Gerais, no mês de agosto se trabalha com o folclore brasileiro, todavia essa folclorização está fora da realidade dos estudantes. Em Machado-MG, isso não é diferente.

Quando as professoras Dalila da Cruz Silva, Fabiana da Silva Oliveira e Luisa de Paula apresentavam aos alunos entre os anos de 2007 e 2008 os personagens tradicionais do folclore brasileiro, eles não se mostraram interessados, visto que esse conteúdo era-lhes pouco significativo. Isso gerou uma certa indisciplina estudantil, hoje entendida como resistência a um ensinamento que para eles nada dizia.

Eles não davam ouvidos às professoras e cantavam e batucavam nas carteiras as falas e os cantos entendidos mais tarde como cantos e falas dos Ternos de Congo, como por exemplo, uma interessante quadrinha: “Esse boi é meu/Esse boi é meu/Ninguém mata esse boi/Esse boi é meu” (Revista Congadas, 2004, p.36).

Sensíveis ao entoar insistente da cantiga e atentas à situação, as professoras entenderam que algo precisaria ser mudado. Trabalhar o folclore no mês de agosto, como previa o currículo da escola, não tinha relevância alguma para aqueles estudantes.

Faltava um aporte de reconhecimento, e por que não?, de identificação com a história contada pelas professoras para os alunos.

A manifestação que parecia ser demonstração de indisciplina, na verdade, mais tarde foi reconhecida como um ato de resistência a um currículo que não valorizava a cultura destes alunos, uma cultura popular forte e presente em suas histórias de vida.

No século XX, a noção de cultura incluiu a ideia de cultura popular. À medida que grupos diversificados, com suas representações populares foram conquistando espaços e pessoas, aumentando, portanto, as representações populares, cresceram as discussões sobre a diferença entre a cultura da elite e a cultura popular.

Moreira e Candau (2002, p.27), a visão antropológica da palavra cultura enfatiza os significados que os grupos compartilham, os conteúdos culturais e a forma geral de vida de um dado grupo social, representando realidades e visões deste grupo.

Desse modo, dentro do espaço do Projeto Escola de Tempo Integral – frequentado em sua maioria por afrodescendentes, muitos deles filhos e netos de congadeiros que trazem consigo a música, o batuque e a poesia dos Ternos de Congo– surgiu o desejo de se criar um Terno de Congo no espaço escolar. Nascia assim ali o projeto “Griôs e Congada na Escola”.

A professora Dalila da Cruz Silva, uma das suas idealizadoras, nos relata em seu depoimento como surgiu a criação do Terno de Congo da Escola Estadual Iracema Rodrigues em Machado-MG,

Este Projeto educacional surgiu da necessidade de atender a vontade de um grupo de alunos nas aulas ministradas no Projeto Escola de Tempo Integral. Lá surgiu a ideia de ter, fazer uma congada na escola; outras escolas de Machado-MG, já tinham terno de congo, então nós resolvemos fazer também um boi porque eles entoavam, cantavam é o boi, é o boi. Entoavam esse ritmo muitas vezes seguidas durante as aulas. No início, a intenção era trabalhar de uma a duas histórias sobre a congada por semana. Só que quando nós iniciamos o trabalho, a ideia não foi bem recebida na verdade. Porque os meninos que faziam parte daquela turma, eles já eram congadeiros e já estavam ensaiando para apresentação na segunda semana de agosto que é quando se inicia a Festa de São Benedito. Os meninos, quando se falava em Folclore, cantavam é o boi... Então, a partir do momento que eles tiveram liberdade de baterem nas carteiras, nas mesas batucando, cantando, dançando foram surgindo outras músicas que iam muito além da congada, da folia de reis. Eles ensaiavam Caiapó. Até então nós sabíamos muito pouco a respeito do caiapó.. Era um outro momento no qual eles gostavam de imitar o Caiapó. Então, eu acredito que aqueles momentos foram os melhores momentos lá na sala do projeto Escola de Tempo Integral. Eles gostavam de cantar e falar da Congada, da Folia de Reis. Até esse momento a ideia de formar um Terno de Congo na escola está resistindo aos olhares, às falas. Na escola, a Banda Marcial tem seu espaço consolidado. O espaço da Banda

sempre foi e será lá. E agora? E a congada? Chegou a escola. Tem dez anos. Existe uma preocupação muito grande em relação a este Terno de Congo porque, com os anos, quem já acompanhou já começa a perceber que, se na escola não tiver pessoas que gostem do Terno Congo além das crianças, essa cultura começa a se extinguir. Porque se percebe que as maiorias dos professores gostam mais da banda do que da congada. Isso é muito difícil e muito triste. Então, quando nós falamos para esses meninos que íamos ter um Terno de Congo na escola a satisfação foi imensa. Ninguém imagina a felicidade que eles ficaram. Só mesmo quem estava junto ali com eles, para ver a alegria, a vontade de começar logo os ensaios, de procurar ou até construir os instrumentos. Então, enquanto agente não tinha instrumentos, eles batucavam nas carteiras mesmo, no quadro, cantavam. Era o que agente tinha para fazer o que eles queriam. A escola conseguiu arrumar alguns instrumentos com o seu Dadu, pois seu neto estudava na escola. Então, essa vontade de fazer uma congada na escola surgiu da vontade dos alunos e nós aproveitamos esse momento e trabalhamos outras questões que eles, até então não sabiam: essa questão do boi; será que é da nossa região, de onde vem? Qual é o Terno de Congo da cidade que tem um Boi? Aí nós fomos fazer uma pesquisa lá com o terno da Vila do Céu, que é o terno fundado pelo Chico Mole. Então, esse Terno de Congo que tem na Escola Estadual Iracema Rodrigues se remete sempre ao terno lá da Vila do Céu. E o mais interessante é que a pessoa que constrói esse boi, que é totalmente artesanal, feito de bambu, é o congadeiro que sempre fez o boi também para o outro Terno de Congo lá da Vila Centenário. É importante deixar claro que o mais precioso a gente tinha ali, que era a vivência dos meninos que já eram congadeiros e tinham a vontade de colocar a congada na rua. Então, cada dia nós aprendemos um pouquinho, a respeito das congadas, a respeito das pessoas envolvidas neste processo. Mais importante, estamos aprendendo a conviver com essa cultura porque, até então; remetendo aos primeiros anos; os anos de 2007, 2008, 2009, as reclamações eram maiores do que agora. O tempo todo as pessoas dentro do espaço escolar falavam que incomodava. Mas, hoje eu já sinto que a aceitação é maior.

(Depoimento cedido pela professora Dalila da Cruz Silva no espaço escolar em 15/08/2018).

Em seu depoimento, a professora Dalila da Cruz Silva refere-se ao conhecimento, à vivência dos estudantes como uma preciosidade que tinham e que estava presente no espaço escolar. Refere-se ainda à escola como o local, o espaço de cultura. “*A Banda tinha seu local, ; seu espaço reconhecido no território escolar e... a congada?*” Todavia, essa cultura popular recebia olhares de recusa, de exclusões, de dominação.

Hall (2003, p.241), ao definir o termo “cultura popular”, diz que:

Neste sentido, a definição retém aquilo que a definição descritiva tem valor. Mas vai além, insistindo que o essencial em uma definição de cultura popular são as relações que colocam a “cultura popular” em uma tensão contínua (de relacionamento, influência e antagonismo) com a cultura dominante. Trata-se de uma concepção de cultura que se polariza em torno de uma dialética cultural. Considera o domínio das formas e atividades culturais como um campo sempre variável. Em seguida atenta para as relações que continuamente estruturam esse campo em formações dominantes e subordinadas. Observa o processo pelo qual essas relações de domínio e subordinação são articuladas. Trata-as como um processo: o processo pelo qual algumas coisas são ativamente preferidas para que outras possam ser destronadas.

As professoras responsáveis pela implementação deste projeto educacional, o projeto “Griôs e Congada na Escola”, mal sabiam que o espaço escolar seria bombardeado por uma riqueza de informações, as quais não se encontram postas no currículo da escola e que precisavam sair do silêncio. Era preciso destronar a cultura dominante e articular a chegada na escola da cultura popular.

Conforme depoimento da diretora Jussara Maria da Silva (2018),

Não foi fácil trabalhar com a cultura do congo; com a chegada da cultura popular na escola. A cada novo ano letivo parecia estarmos recomeçando o projeto educacional que apresenta um recorte de dez anos. Chegam a cada novo ano ao espaço escolar professores que estranham a realização do projeto educacional e chegam a escola familiares de alunos que não reconhecem a congada como cultura. Então, a cada ano era sempre um recomeçar do projeto educacional.

Assim, para a concretização do projeto, inicialmente as professoras Dalila da Cruz Silva, Fabiana de Carvalho e Luisa de Paula buscaram identificar nas turmas do projeto Escola de Tempo Integral, dentre os 75 alunos, quem era filho ou neto de congadeiros, e quais dentre eles tinham algum parentesco com algum membro da congada da cidade de Machado, ou já haviam participado de algum Terno de Congo da cidade de Machado-MG. A partir daí, a escola se organizou para que ocorressem as ações de realização do projeto, que fez referência ao Terno de Congo, fundado pelo senhor Francisco Manoel dos Santos que trazia em seu terno um boi.

Nasceu uma rede de colaboração, em que pais, avôs e bisavôs se conectavam com a escola por meio de um cronograma de visitas, nas quais os ensinamentos eram comunicados em diálogos, rodas de conversa, mostras de fotografias antigas e modernas e também por outras trocas culturais, como cantorias e recitações de versos alusivos à Festa de São Benedito. Em resumo, a construção social destes conhecimentos trouxe à escola traços da cultura local.

A iniciativa de desenvolver esse trabalho foi ganhando espaço entre alunos e professores do Projeto Escola de Tempo Integral. Tentava-se trabalhar paralelamente o currículo usual da escola, mas era impossível, uma vez que os alunos ficaram empolgados, eufóricos e motivados com a possibilidade de se construir um boi no espaço escolar.

Assim, o projeto, dia a dia, foi se moldando e ganhando fôlego, pois se observava que alunos e professores do projeto gostavam da mesma coisa. Existia interesse de ambas as partes pelo folguedo popular das congadas.

Cada pessoa envolvida tinha nascido e crescido ao som dos tambores e se ocupava de dar formato ao projeto “Griôs e Congada na Escola”.

O espaço escolar recebeu referências culturais positivas, vindas da cultura popular, não reconhecidas socialmente e desvalorizadas ora por não serem consideradas acadêmicas, ora pela condição social na qual vive quem produz essa cultura, dada a marginalização imposta por uma sociedade que julga a cultura dominante como a única e verdadeira.

Deu-se a construção do projeto “Griôs e Congada na Escola”.

Os estudantes passaram por um cronograma de oficinas para a confecção de tambores, para resgatar as cantigas e aprender as letras das músicas dos ternos de congo, para construir artesanalmente um boi (o esqueleto e a roupa), para conhecer a história do surgimento do boi, da dança ritmada deste boi e também da historicidade das congadas em Machado-MG.

Aprenderam a percussão, o batuque e cantatas das congadas, construíram instrumentos, participaram da escolha das cores da farda, realizaram visitas a Casa dos Congadeiros da cidade de Machado, visitaram a Praça de São Bendito e também as residências de alunos filhos de congadeiros.

As coisas acontecem em um determinado lugar: a escola. Ela não está num local qualquer. Faz parte de uma comunidade, de um bairro que se articula com outros, compondo a cidade. O lugar onde está a escola denominamos território. Local onde as pessoas vivem.

A Praça de São Benedito e a Escola Estadual Iracema Rodrigues têm localização próxima, o que, de alguma forma, facilita o deslocamento de alunos e professores até o espaço da Praça.

Alguns ternos de Congo da cidade visitaram o espaço escolar, trazendo assim brilho e fundamentos concretos para a realização do projeto “Griôs e Congada na Escola”.

Para a efetivação desse projeto educacional, que une diversas linguagens multiculturais – realizadas pelos protagonistas destas manifestações: pais, avôs, avós e bisavós, todos oriundos de dinastias de congadeiros importantes da cidade que foram ao espaço da escola, transformando-o também em um lugar cultural de fortalecimento da contação de histórias, depoimentos e vivência de memórias – foram elaboradas algumas ações metodológicas.

Para as professoras essas ações metodológicas abrangeram pesquisa e conhecimento sobre o Terno do Boi (componentes, rituais: cantorias, formas de dançar, elaboração do boi, espaços na cidade ligados à congada) e, posteriormente, a elaboração da escrita do projeto.

Já para os estudantes, elas envolveram: o contato com os componentes do Terno do Boi da cidade de Machado que adentraram o espaço escolar trazendo o conhecimento da congada; o conhecimento das letras das músicas entoadas pelos congadeiros do Terno do Boi da cidade; a confecção de tambores ministrada pelo congadeiro Paulo Sérgio, que é professor

na escola e congadeiro; a visita a territórios importantes à manutenção da cultura do Congo: Associação dos Congadeiros de Machado, popularmente conhecida pelos estudantes como Casa dos Congadeiros; as visitas à igreja e à Praça de São Benedito, ao acervo do Jornal *Folha Machadense* e a leituras de livros e revistas sobre a congada.

Obviamente, as ações desenvolvidas no cotidiano da escola influenciaram diretamente a rotina escolar, pois como bem esclarece Barbosa (2002, p.4), a escola:

aparece como espaço privilegiado de produção curricular, para além do previsto nas propostas oficiais. Especificamente no que diz respeito aos processos de ensino-aprendizagem, as formas criativas e particulares através das quais professoras e professores buscam o aprendizado de seus alunos avançam muito além daquilo que poderíamos captar ou compreender pela via dos textos que definem e explicam as propostas em curso. Cada forma nova de ensinar, cada conteúdo trabalhado, cada experiência particular só pode ser entendida junto ao conjunto de circunstâncias que a torna possível, o que envolve a história de vida dos sujeitos em interação, sua formação e a realidade local específica, com experiências e saberes anteriores de todos, entre outros elementos da vida cotidiana. Pensar em alternativas curriculares a partir dessa forma de percepção nos encaminha para um diálogo sem preconceitos com os educadores que, estando nessas escolas, produzem saberes e criam currículo cotidianamente.

A proximidade e a arquitetura elaborada da escola e da Praça de São Benedito possibilitaram o desenvolvimento de ações criativas e culturais pelos alunos que, influenciados pela cultura ancestral que adentrou o espaço escolar, se viram como parte de uma escola que antes lhes causava estranhamento.

A ideia de pertencimento a este espaço se fez forte, e pessoas com experiências reais e conhecidas destes alunos se tornaram parte ou personagens das histórias a serem ali contadas e estudadas. Os personagens folclóricos se tornaram reais. Personagens do cotidiano dos estudantes.

Chamou atenção o cuidado da Escola Estadual Iracema Rodrigues da cidade de Machado-MG com a organização dos documentos do projeto educacional que a escola realiza: o Boi se encontra posicionado no Memorial da escola, existem pastas com escopo do projeto, fotografias, vídeos, *banners* relativos à comemoração de dez anos do projeto educacional e dados trazendo listagem de alunos participantes com datas de chegada à escola, data de entrada no projeto educacional e índices de aprovação destes estudantes. Documentos materializados em forma de portfólios classificados por Gee (1990) como formas diferenciadas de organizar seu currículo, legitimando a posse de conhecimentos.

As observações a respeito do Terno de Congo, o terno do Boi da Escola Estadual Iracema Rodrigues ocorreram antes, durante e após a culminância deste projeto educacional.

Na geração de dados anexados ao final deste trabalho, foram entrevistados cinco estudantes que compõem o terno da escola, sendo dois deles presentes no projeto desde a construção do terno do boi, cinco familiares destes estudantes, incluindo dois deles que estiveram na escola no ano de 2007, quando se iniciou este projeto educacional, e cinco professores incluindo duas das idealizadoras do projeto educacional, que ainda estão em atividade na escola e uma pedagoga.

Portanto, ao final de um ano de um processo de apropriação dos conhecimentos da congada pelos estudantes e apropriação do espaço escolar pelos saberes do congo, foi possível à escola construir o Terno e um boi que dançava conduzido pelo Tripa do Boi, roupas de chitão e fitas coloridas. O boi ia num bailado só, de cabeça, em cima das pessoas fazendo gracejos como num ritual de luta e resistência pela vida. A Figura 16 ilustra o que vem a ser uma tripa do boi.

Figura 16 - O tripa do Boi (Aluno participante do Terno de Congo debaixo do boi, produzindo os movimentos, a cadência e ritmo do Boi).



Fonte: Arquivo da Escola Estadual Iracema Rodrigues – agosto, 2017.

Em suas tradições congadescas, Machado-MG, incorporou em seu festejo popular a presença do Bumba meu Boi (Revista Congada, 2004, p.36).

O boi se apresenta no segundo sábado da festa e é necessária uma elaborada construção do corpo do Boi. Segundo a Revista Congadas (2004, p.18), a tradição da construção do esqueleto do boi em Machado pertence ao Terno de Congo de São Benedito do Bairro Bom Jesus, fundado por Oscar Francisco de Paula e Julieta.

Nos dias atuais, a construção do esqueleto do boi é feita pelo Senhor Antonio Rizzo,

que pertence ao mesmo Terno de São Benedito, dando continuidade a essa tradição.

É esse mesmo Senhor Antonio Rizzo quem constrói o esqueleto do boi do Terno de Congo da escola para que os estudantes em oficina o vistam. O boi é adornado em chita, com saia de cetim vermelha e adornado com muitas fitas coloridas. A cabeça, a boca, os olhos são pintados pelos alunos durante as aulas, preparando a alegoria para apresentação.

Vale ressaltar que “Chico Mole”, fundador do Terno de São Benedito, trouxe essa tradição do Boi da Bahia, uma vez que, em visita àquela região, se encantou com o Boi.

Em cada região o bumba-meu-boi assume denominações próprias.

Diante de tamanha riqueza cultural que adentrou o espaço escolar, a realização do projeto “Griôs e Congada na Escola” desestabilizou a rigidez do espaço escolar. Gerou mobilização de alunos, professores, diretores, elencando um processo de desconstrução de ideias preestabelecidas pelo currículo da escola e fortaleceu as culturas outrora silenciadas.

Para Freire (1996, p.81),

como educador preciso ir “ lendo” cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior do que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político- pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo.

Uma riqueza cultural pouco valorizada se instalava na Escola Estadual Iracema Rodrigues. Os alunos envolvidos no projeto “Griôs e Congada na Escola” se sentiram parte importante e integrante da escola, ao reviver saberes que tinham para eles significados.

Sem dúvida, estava sendo recriado ali, dentro do Projeto Escola de Tempo Integral da Escola Estadual Iracema Rodrigues, um espaço de lutas, de expansão das capacidades humanas que oportunizaram, e continuam oportunizando, a criação de uma ação pedagógica inovadora. Segundo Freire (1995, p. 9), “a mudança é uma luta histórica”.

A Cultura popular no espaço escolar

A Escola Estadual Iracema Rodrigues da cidade de Machado-MG surge como palco de uma prática pedagógica inovadora, instalada em seu espaço por meio da implementação de um projeto educacional.

Projeto que permite a manifestação da cultura popular no espaço escolar trazido pelos saberes dos alunos e abraçado por professores sensíveis ao desencanto, à resistência deles perante pelos conhecimentos ministrados e regidos pelo currículo escolar.

Segundo Forquin (1989, p.213), o currículo escolar pode ser definido como um,

[...] percurso educacional, um conjunto de experiências de aprendizagens efetuadas por qualquer um sob o controle de uma instituição formal ao curso de um dado período. Por extensão, a noção designará menos um percurso efetivamente cumprido que um percurso prescrito por uma instituição escolar, quer dizer um programa, ou um conjunto de programas de aprendizagem organizado em curso.

A tradição de mais de cem anos de festejos a São Benedito, a presença das famílias afrodescendentes na cidade de Machado, os rituais de reis e rainhas, o cortejo e a coroação do Rei congo realizados pelas ladeiras da cidade na segunda semana de agosto na festa do congo saudando a São Benedito, o gostar dos tambores e batuques tanto de alunos quanto de professores, o colorido das fardas dos Ternos de Congo e a proximidade da escola com o centro de apresentação dos ternos foram importantes elementos que contribuíram para que a cultura popular adentrasse o espaço escolar. A escola tornou-se um território de luta em busca de reconhecimento de uma cultura vinda de conhecimentos que são marginalizados mas que fazem parte da vivência destes estudantes.

Para Simon e Giroux (1994, p.96),

a cultura popular representa não só um contraditório terreno de luta, mas também um importante espaço pedagógico onde são levantadas relevantes questões sobre os elementos que organizam a base da subjetividade e da experiência do aluno. Situada no terreno do cotidiano, a cultura popular quando valorizada e legitimada no currículo escolar é, em consequência disso, apropriada pelos alunos e ajuda a validar suas vozes e experiências.

Neste contexto, foi significativa a sensibilidade das professoras. ao sentirem o momento propício, no espaço escolar, para entrelaçar com apoio destes alunos os conhecimentos populares da congada.

Muitos pais dos alunos frequentadores do espaço escolar, onde se desenvolveu o projeto a ser discutido neste trabalho, vivem a tradição da contar histórias para seus familiares. São eles os participantes e os mantenedores dos ternos de congo da Tradicional Festa de São Benedito que ocorre em Machado-MG durante todo o mês de agosto.

Para esses sabedores da cultura popular, a cultura das congadas decorre de um longo período de aprendizado e de experiências vividas. A palavra contada é reveladora, e é privilégio de poucos falarem, darem depoimentos pela sua comunidade.

Há que se considerar as múltiplas funções e os diferentes nomes que esses contadores de histórias presentes nas comunidades podem receber. Para a efetivação deste estudo, trabalhamos com depoimentos de Congadeiros, chefes do Congo e familiares dos alunos que frequentam a Escola Estadual Iracema Rodrigues.

Assemelham-se aos Griôs Africanos, pois não apresentam registros escritos, mas, sim, momentos, testemunhos orais. Tal qual a tradição familiar dos Griots Africanos, a cultura popular das congadas em Machado tem em sua manutenção a tradição familiar que transmite o saber popular, neste caso específico, os saberes do congo para suas gerações.

As famílias afrodescendentes assimilam valores sociais vigentes, situando-se ao mesmo tempo dentro e fora desses valores. Conservam seus saberes no meio familiar e os transmitem às futuras gerações.

Na prática realizada pela Escola Estadual Iracema Rodrigues, os professores idealizaram a escrita do projeto “Griôs e Congada na escola” por meio de depoimentos de familiares dos estudantes pertencentes ao Terno de Congo, o Terno do Boi.

No congado, a tradição familiar é forte, pois quase todos os componentes da família participam do Terno de Congo construído com base nos laços familiares: avôs, avós, netos (as), tios (as), primos (as).

Para Pereira (2007, p.43),

[...] uma vez constituído o núcleo familiar, afirmam-se de maneiras sutis, mais vigorosas, as heranças dos ancestrais. Isso equivale dizer que a partir de certas famílias católicas se ramificam as famílias responsáveis pelo Congado e pela difusão do complexo cultural banto- católico. Isto é, as famílias de afrodescendentes que rezavam nas palavras do catolicismo oficial criaram, também, possibilidades de resgatar os valores vinculados a Zambi, a Calunga e aos antepassados.

Ao tratar das populações afro-brasileiras e seus saberes, modo bastante expressivo de relatar e preservar até mesmo as contingências e os fatos históricos do tráfico negreiro e da reformulação de identidades, desenham-se os dizeres afros que são expressos por meio da tradição oral. A oralidade surge como um dos mais importantes aportes comunicativos, constituindo-se como eixo para elaborar, difundir e preservar informações e saberes ao longo da história do povo afrodescendente. A voz é um dos segmentos mais fortes, conhecidos e utilizados da oralidade. A tradição oral caracteriza-se pelo testemunho transmitido oralmente.

Ao pensarmos na oralidade, encontramos um sujeito social que, partindo da história de sua família e de sua comunidade, utiliza os recursos do corpo, da voz e do espaço para dançar, entoar cantos e contar eventos do passado no tempo presente. Assim, mantém-se viva a tradição do congo, e com ele os conhecimentos afrodescendentes do congo.

Conforme Pereira (2007, p.107 apud ZUMTHOR, 1997),

[...] depreende-se que a oralidade não se limita às percepções de mundo desencadeadas pela voz (tais como as evocações de alegria, do prazer, da perda etc.), mas diz respeito também ao corpo. Ou seja, os gestos e os movimentos que realizamos estão grávidos de significações culturais, que variam no tempo e no espaço.

Portanto, os gestos e os movimentos auxiliam como suporte de comunicação na articulação da oralidade. A oralidade implica uma relação de presença, aproximando o falante de sua plateia e vice-versa. Entra em ação a fala, o que se fala e quem fala, o local de onde fala. A abordagem precisa ser aberta para nos posicionarmos, e posicionados estaremos, de formas distintas, em dados momento de nossa experiência e existência.

Os indivíduos que utilizam o recurso da oralidade desempenham papéis importantes em seus grupos sociais. É o que ocorre com os Griô, em diversas sociedades africanas, os quais aproximam as realidades afro-brasileiras com os narradores tradicionais, como os contadores de história do Congado.

No Brasil, Griô é aquele indivíduo que, numa comunidade no âmbito religioso ou folclórico, detém a memória do grupo e funciona como difusor de tradições. Segundo o Dicionário de Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda, a origem da palavra remonta a *griot*, de *guiriot*: poeta, cantor e músico ambulante das áreas sudanesa e guineense.

Em Pereira (2007, p. 68) aprendemos que:

no tocante aos griot da região do Mali, Senegal, Gâmbia e Guiné Bissau, chamam atenção os seguintes aspectos: o exercício de sua atividade como uma tradição de família, o emprego de instrumentos como o Kora durante as suas funções, a apresentação de canções épicas e de narrativas míticas durante as cerimônias. Em suas atuações, um griot tem na oralidade um de seus principais suportes de sua comunicação. O seu prestígio depende, em grande parte, da habilidade para transmitir com eficácia os seus saberes. Para alcançar esse objetivo, os griots combinam dança, música e narrativa.

Na cultura afro-brasileira também há indivíduos que se destacam como narradores privilegiados em seus grupos sociais. Privilegiados por guardarem as histórias. Vivenciam realidades históricas e tempos diferenciados dos vividos no continente africano. Porém, em virtude da ligação entre a cultura brasileira e a africana, do congo ou da congada que se utiliza de tambores, da dança, do colorido, alguns traços dos contadores de histórias brasileiros assemelham-se ao dos narradores africanos. Temos nas comunidades homens e mulheres rezadores de terços, benzedoras, benzedores, conhecedores de ervas que curam, recebedores de títulos como Reis, Rainha, capitães, capitãs, mestres e contramestres, principalmente quando falamos em grupos pertencentes aos Ternos de Congo. Eles invocam divindades, realizam orações, cantam e dançam mantendo a sabedoria popular da comunidade.

Pereira (2007, p. 127) nos ensina que:

ao *griot* compete várias atividades decorrentes do espaço social que revela a sua imagem como um sujeito multimeios. Defini-lo segunda outra função reduz o alcance de sua expressividade, visto que sua significação é articulada a partir da simultaneidade de funções que desempenha. O *griot* se apresenta como um sujeito de múltiplas faces (historiador, genealogista, musicista), requisitado para

celebrações e rituais, instâncias em que a sua atuação se consagra com a voz da coletividade.

O Griô tem uma relação intercomplementar com a comunidade por representar o grupo ao qual está ligado por laços afetivos, religiosos e econômicos. O prestígio de um Griô vem, também, do fato de esse passar por um longo período de aprendizagem e treinamento, sendo tutelado por um familiar mais velho. Ninguém melhor do que o velho para realizar o ato de lembrar, rememorar, repassar esses ensinamentos, os quais sustentam a sabedoria dos ancestrais e restabelecem a comunicação com seus descendentes. A Figura 17 ilustra uma visita dos congadeiros, mestres Griôs à Escola Estadual Iracema Rodrigues.

Figura 17- Visita dos mestres Griôs à Escola Estadual Iracema Rodrigues



Fonte: Arquivo pessoal da professora Marcolina Alves Pereira Silva – agosto, 2009.

Machado conta aproximadamente com mais de 20 Ternos de congo, que trazem a presença dos Congadeiros mais velhos como Capitães do Congo, que podemos denominar também como Griôs, pois conhecem a história do congo.

Alguns deles são membros das famílias dos alunos da escola. Portanto, temos em Machado uma grande representação congadesca que, por meio de seus conhecimentos sobre a cultura afrodescendente das congadas, possibilitaram implementar o projeto “Griôs e Congada na Escola”, levando para dentro do espaço escolar a cultura popular com riqueza de conhecimentos. Conhecimentos produzidos a partir de lembranças; lembranças de velhos congadeiros – capitães dos ternos de congo.

Para Bosi (1994), a função social do velho é lembrar e aconselhar – *meminimoneo* –, ou seja, unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir.

O projeto educacional “Griôs e Congada na Escola”, implementado na Escola Estadual Iracema Rodrigues da cidade de Machado, trabalha com depoimentos, com a tradição oral e memória, retomando o conhecimento vindo da cultura local dos sujeitos que a frequentam.

Afinal, como Nora (1993, p.9) esclarece

a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante demandam análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica.

A memória é vida, e ela só existe e persiste enquanto a vida está presente nos sujeitos. O hoje resulta do que se plantou no passado e que está guardado na lembrança.

O registro do relato oral é uma estratégia de pesquisa muito relevante, quando se trata de conhecer grupos pouco estudados e famílias que guardam a história dos subalternos. Quando se tem como foco conhecer a importância da cultura popular na construção dos saberes escolares, nesse caso por meio do projeto educacional Griô e Congada da Escola Estadual Iracema Rodrigues, essa modalidade se torna uma ferramenta capaz de levantar a história afrodescendente relatada na expressão do congo, das congadas, das festas.

Pesquisa-se uma história oral caracterizada pela coleta de depoimentos escalonados em três gêneros distintos: a tradição, a história de vida e a temática.

Enfim, utilizar os saberes da tradição oral na investigação sobre a manifestação do congo confere significados sobre a história da população africana, seus descendentes e a composição de sua cultura. São memórias que atravessaram o Atlântico nos navios negreiros pelos malungos¹⁶ e no seu cotidiano e permanecem vivas nas lembranças, nos contos. Memórias que foram criadas no âmago da diáspora africana em louvor a santos negros e em homenagens a reis e rainhas do Congo.

A história oral permeia a subjetividade, a memória, o discurso e o diálogo.

Permite compreender muitas abordagens sobre a “verdade” histórica.

Ao utilizar fontes orais, estaremos lidando com pessoas dispostas a rememorar fatos de suas vidas. Estaremos ouvindo sujeitos históricos e, de alguma forma, contribuindo para que eles sejam ouvidos por outros grupos. Portanto, é necessário respeitar a história do

indivíduo. É importante ter consciência de que as pessoas com quem conversamos enriquecem nossa experiência. É um trabalho conjunto entre depoente e o entrevistador que respeitará a sequência memorialista do depoente.

A construção histórica e social dos indivíduos passa pela sua relação com o outro, com a natureza. É uma construção da história que compreende as relações sociais por meio da comunicação, da linguagem e também relações de função psicológica pelas esferas de interação com espaço social, cultura e papéis a serem assumidos.

No pensamento de Vigotski (1989, p.56) “nos tornamos nós mesmos através dos outros” e (p. 67) “eu sou uma relação social de mim comigo mesmo”.

As histórias lembradas não são molduras exatas do passado, mas que, ao serem implementadas nas ações atuais, trazem aspectos que podem ajustar nossas identidades à Escola. Assim sendo, nas ações atuais, novos saberes poderão ser construídos.

Como afirma Souza (2002, p.195-196),

[...] um novo saber, em quaisquer de suas manifestações, é construído a partir de saberes anteriores. Um novo saber não é formulado diretamente a partir da prática, mas da reflexão, análise e /ou da interpretação da prática a partir de saberes pré-existentes (populares e científicos).

O projeto Griôs e Congada na Escola Estadual Iracema Rodrigues inseriu o espaço escolar no universo simbólico da memória e da história oral, permitiu a entrada dos saberes populares no espaço da escola, por intermédio de homens e mulheres que podem ser chamados Griôs, culminando na formação de um Terno de Congo.

Os sujeitos formadores do Terno do Boi da Escola Estadual Iracema Rodrigues são, na sua maioria, descendentes de mestres e mestras congadeiros. Trazem consigo a tradição das congadas e, no projeto educacional “Griôs e Congada na Escola”, puderam ver seus conhecimentos, anteriormente desprezados, agora valorizados.

¹⁶ Malungos: [De quimbundo *ma* „luga, „camarada, companheiro“, ou do quicongomalungo, „no mesmo navio“.]

1. Camarada, companheiro. 2. Título que os escravos africanos davam àqueles que tinham vindo da África no mesmo navio. FONTE: <http://www.osdicionarios.com/c/significado/malungo>. Termo usado pelos cativos para nomear um companheiro durante a desafortunada viagem dos navios negreiros (PEREIRA, 2007, p.12)

3.2 A construção do Boi Bumbá no pátio da escola

Para além dos variados Ternos de Congo da cidade de Machado, a cidade conta com um terno especial, que é o Terno do Boi.

Este se apresenta com um Boi, todo colorido, vestido de chita, fitas e veludo que passeia pela Praça de São Benedito no segundo sábado da festa, num ritual gracejado de afrontamento às pessoas que ali se encontram, criando uma brincadeira prazerosa. A população da cidade se reúne lá pelas 21h na Praça de São Benedito, no pátio da igreja, após a novena, à espera do Boi que entra pela praça num rodopio ritmado chamando a atenção de todos.

A presença do Boi se configura como uma tradição forte, muito esperada nos dias de festa de São Benedito. E porque não seria marcante para os alunos do Projeto Escola de Tempo Integral, o ritual realizado por esse Boi?

Essa vivência/memória afetiva foi a responsável pela atitude de “rebeldia” dos alunos nos momentos de aula nas salas do Projeto Escola de Tempo Integral, quando as professoras tentavam trabalhar os conteúdos oficiais que não lhes despertavam interesse. Ao bater nas carteiras o ritmo das congadas, ao dizer *oi congadeiro* e fazer alusão ao Terno de Boi, ao cantar: *Esse boi é meu, esse boi é meu, Ninguém mata esse boi, esse boi é meu*, demonstravam alegria e desejo de expressar ali suas origens.

Essas manifestações inquietaram as professoras, que antes silenciadas, se encantaram pelo assunto e foram em busca de pesquisas, agora, relativas ao Boi. Abria-se, assim, um leque de produtividades e, porque não, de aprendizagens inovadoras no espaço escolar. “*Como surgiu o Boi na Festa Religiosa do Santo São Benedito?*”, queriam saber os alunos.

Conta-se que o Boi de Machado tem origem nas manifestações folclóricas do Norte e do Nordeste do país (Revista Congadas. 2004 p.12), quando Francisco Manuel dos Santos (Chico Mole) andou por aquelas bandas, se apaixonou pelo bailado e pelo colorido do Boi e o trouxe cá para Minas.

O Bumba meu Boi é uma tradição da Festa em Machado, que por alguns anos foi abandonada. A partir de 1991, reapareceu resgatando a tradição. O Boi sai no segundo sábado da Festa.

A Mulinha retrata a condução das boiadas feita pelos boiadeiros nos lombos das mulas. Também esteve fora dos rituais da Festa, retornando a partir de 2001.

Ambos são representados no mesmo dia. O Boi sai no Terno do Sr. Jairo Fernando de Souza (Terno de São Benedito), e a Mulinha no Terno do Capitão Paulo Oscar (Terno de São Benedito do Bairro Bom Jesus).

(REVISTA CONGADAS, 2004, p. 36)

Empolgados com essas histórias, as professoras junto com aos estudantes decidiram

pela construção do Boi, conforme conta em seu depoimento a professora Dalila da Cruz

(2017):

A escolha pela construção do “Boi ” aconteceu justamente pelos alunos, fazerem alusão ao Terno de São Benedito que apresenta todo segundo sábado da festa, o Boi. O Boi foi construído de forma artesanal por seu Antonio Riso. A cabeça, os olhos e a boca foram pintados pelo artista, ex aluno da escola Juliano Santos, voluntário na época. Meados de 2007 e 2008. É importante frisar que “Chico Mole” trouxe esta tradição da Bahia, uma vez que em visita naquela região o se encantou com o “Boi.”

Assim, “puseram a mão na massa” para realizar a construção do boi, pesquisaram na Casa do Congadeiro as origens do Boi do Terno do Boi da Festa de São Benedito, receberam na escola o senhor Antonio Rizzo, que enriqueceu a proposta educacional das professoras, ao contar aos alunos casos sobre o Boi, sobre o nascimento da história do boi na cidade de Machado até a sua construção.

O senhor Antonio Riso (balaieiro da cidade, o mesmo que confeccionou durante anos o Boi do Terno de São Benedito) se prontificou a construir o Boi, desejado pelos alunos e professoras. Assim, no pátio da escola, ele com os meninos fizeram uma carcaça de esteira que compunha o corpo do boi e, no decorrer dos dias, também de esteira, a cabeça. O rabo foi construído de tecido. E os pés? Ora, os pés seriam dos meninos do projeto que logo, efusivamente, se instalaram debaixo do boi.

Como se percebe os estudantes participaram atentamente e acompanharam tudo de maneira curiosa. Por exemplo, quando foi moldada a cabeça, um ex aluno do projeto, Juliano Santos, fez junto com a professora de Artes, de papel marchê, os olhos, a boca e o chifre. Outras pessoas da escola também participaram desse processo, como uma servidora, que dominava a arte da costura, ajudou a vestir o boi de chitão, fitas coloridas e veludo. O congadeiro Altiéle adentrou o espaço escolar para ensinar o bailado, o ritual desta tradição, as investidas de condução do boi quando ele está em apresentação.

Para os estudantes, este foi o ponto crucial do projeto: estavam conduzindo um Boi no pátio da escola e despertando interesse e curiosidades nas demais turmas da escola.

Dadas as atuais circunstâncias, esses alunos, diante da tradição apresentada, não estavam cristalizando o passado, mas, sim, efetivando uma prática para se organizar o tempo futuro.

A professora Fabiana de Carvalho, uma das idealizadoras do projeto “Griôs e Congada na escola”, entre os anos de 2007 a 2008, relata com muito carinho e entusiasmo como se deu a construção do Bumba meu Boi no espaço escolar:

Então, o Projeto Bumba meu Boi surgiu pois, observamos que nossos alunos, a maioria deles eram oriundos de uma rica cultura que é a cultura popular das congadas. Em nossa cidade, Machado-MG, existem Ternos de Congo mirins. Então,

estudando com eles sobre folclore, juntos em sala de aula do Projeto Educação Integral, diante de um grande burburinho deles, um falatório, um desinteressar pela minha aula, tivemos eu e eles a ideia de recriar o Bumba meu Boi na escola. Recriar porque já existia um Bumba meu Boi na tradicional Festa de São Benedito, realizada na cidade. Buscamos então, saber mais sobre a cultura do Bumba meu Boi na cidade de Machado-MG. Juntamente com os alunos começamos a pesquisar como a cultura do boi chegou em Machado, como foi o processo. Apresentamos a direção da escola nossa intenção, nosso interesse que foi tomando forma na escrita de um projeto educacional. A direção escolar nos apoiou em tudo. Ao pesquisar, descobrimos na cidade quem poderia construir o Boi. Descobrimos um balaeiro que já construía o Boi da Tradicional Festa de São Benedito. Era o Boi lá das Oliveiras. O corpo era feito de bambu; esteira de bambu. O esqueleto foi construído em sua casa. Eu e um grupo de alunos que compunha o terno de Congo formado na escola acompanhamos a construção e depois levamos o esqueleto construído para o espaço escolar. Mas, era só o esqueleto do corpo. Faltava a cabeça do boi para confeccionar. Contamos com a ajuda talentosíssima de um ex-aluno que foi à escola ajudar na confecção da cabeça do boi juntamente com nossos alunos. Foi uma oficina espetacular. Trabalhamos com atividades manuais que envolveram a moldura da cabeça em papel machê; aprendemos juntos a técnica. Trabalhamos com tecido, pintura, desenhos para que construíssemos a cabeça do boi. Após a cabeça e o esqueleto do Boi confeccionado faltava a vestimenta do Boi. Para fazer a roupa do boi contamos com a ajuda de uma funcionária da escola que também é costureira. A ornamentação foi feita com todos os alunos do Projeto Educação integral no pátio da escola. Enfeitamos o boi com chitão, fitas coloridas e muito brilho. Isso chamava muita atenção! Daí, partimos para uma nova etapa. Para formar o “terno”, material humano tínhamos de sobra. Faltavam os instrumentos. Nossa escola não tinha nenhum e não tínhamos na época condições de comprar. Então, fomos atrás da congada de seu Dadu e do Sr Deca. Os mesmos nos ajudaram emprestando os instrumentos e nos passando a sabedoria do congo: cantar, dançar, recitar. Montamos uma rede de colaboradores que adentraram o espaço escolar trazendo seus ensinamentos. Aprendemos a entoar algumas letras com os congadeiros. Nosso Terno de Congo estava começando a se formar. Ouvíamos os familiares dos alunos nas primeiras aulas e ensaiávamos de fato nos horários pós-almoço dos alunos do Projeto escola de Tempo integral que passavam o dia todo na escola. Aproveitávamos também as trocas de turno, o que para eles, enquanto aguardavam para retornarem as salas de aula, era uma alegria só. No início, os capitães dos Ternos de Congo da cidade, muitos eram familiares dos alunos do Terno da escola vinham ao espaço escolar ajudarem na formação do terno da escol cantando, tocando junto, dançando e mostrando como se dança, relatando sobre a devoção deles ao santo e no decorrer dos anos, os

alunos que já eram congadeiros foram assumindo o Terno. Estes, já traziam impregnados em seus corpos a batida do congo. E assim formamos o Terno de Congo e um Boi no espaço da Escola Estadual Iracema Rodrigues. Eu, Fabiana, sinto orgulho em fazer parte da fundação Bumba meu Boi da Escola Estadual Iracema Rodrigues. Me arrepio quando vejo as apresentações. É emocionante. Quero passar isso tudo para meu filho, meu pequeno Miguel!(Depoimento cedido pela professora Fabiana de Carvalho no espaço escolar em 14/08/2018)

Assim, respeitosamente ergueu-se no pátio da escola um Boi Bumbá. Segundo relato da professora Fabiana de Carvalho, o ambiente escolar era, agora de total felicidade tanto para alunos quanto para professores participantes do projeto educacional.

A construção do Boi bumbá no espaço escolar ilustra e marca a vida destes estudantes. O trabalho educacional desenvolvido na Escola Estadual Iracema Rodrigues de Machado-Mg, ressalta a sociabilidade, a interação entre pares e suas origens; suas identidades sociais.

A valorização da cultura popular e o despertar do sentimento de pertença nos estudantes provocado pelo adentrar da cultura popular ao espaço da escola, trouxe embates e resistências ao currículo de escola. A escola é o espaço onde circulam múltiplas culturas encarnando histórias de vida dos diferentes sujeitos que ela recebe.

Portanto, a prática do congo da cidade de Machado-Mg, destacou-se no ambiente letrado ao adentrar o espaço da escola e, em consequência disso, diante das narrativas de alunos, professores e pais surgiu “ um outro olhar ”sobre o currículo da Escola Estadual Iracema Rodrigues.

Uma vez dentro da escola, articulado por professores e alunos, o conhecimento da congada que trás a história de vida destes sujeitos, tornou-se currículo. Currículo de reexistência.

4 OUTRO OLHAR SOBRE O CURRÍCULO DA ESCOLA ESTADUAL IRACEMA RODRIGUES

A Escola Estadual Iracema Rodrigues recebe em seu espaço uma variedade de sujeitos ricos em suas origens. Portanto, essa escola é local privilegiado para realizar um trabalho que aborde a origem destes sujeitos que trazem em seus corpos criatividade e um repertório cultural popular que pode apresentar à escola formas diversas de como eles veem e constroem, no mundo, suas identidades, uma vez que as identidades não estão prontas, acabadas, mas sempre em processo de construção.

Para Hall (2006, p.39, grifo no original), a identidade é algo formado ao longo do tempo, pois:

assim, em vez de falarmos da identidade como coisa acabada deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir do nosso exterior, pelas formas através das quais nos imaginamos ser vistos pelos outros.

Nessa expectativa, é relevante despertar nestes estudantes a consciência de que eles, para além do currículo, do conhecimento que escola lhes impõe, produzem conhecimento. Conhecimento construído e reconhecido no olhar diferenciado que alguns professores lançaram sobre a Escola Estadual Iracema Rodrigues com a realização do projeto educacional “Grios e Congada na Escola”, desenvolvido por meio de uma interação sociocultural entre o passado e o presente. O fio condutor é o passado destes estudantes que integra valores culturais afrodescendentes representados na congada, e a continuidade se apresenta na diversidade cultural que adentra o espaço escolar. Assim, estes estudantes, despertados pelos professores na consciência de que também são produtores de sua própria cultura, poderão construir uma outredade sobre suas realidades.

A realidade vivida pelos estudantes, ao adentrarem o espaço da escola, faz com que eles experimentem além de sua cultura pessoal, a cultura acadêmica oferecida pela escola. Cultura acadêmica produzida pela e para a elite. Cultura que confere e guarda poderes construtores de realidades que atendem às necessidades dos dominantes em detrimento da cultura dos dominados.

Para além de dominantes e dominados, acredito ser a escola o local para conferir a seus estudantes, não apenas o conhecimento acadêmico, mas também o conhecimento popular.

A escola, se apropriando destes aportes da cultura popular, poderá oportunizar aos

estudantes se verem incluídos no espaço escolar para além dos estereótipos da cultura da escola: horários, grades curriculares apresentadas em disciplinas isoladas, tempo e espaço predeterminado e ensinamentos de conhecimentos pouco articulados com a sua realidade.

Para Julia (2001 p.10),

poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos: normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).

A Escola Estadual Iracema Rodrigues em Machado-MG desenvolve o projeto educacional “Griôs e Congada na Escola” há dez anos.

Elegeu o repertório da cultura afrodescendente como currículo, uma vez entendido currículo como vida, e entendido o projeto como consolidado no espaço escolar pelo seu tempo de atuação.

Por dois bimestres distintos, de junho a final de setembro, quando se trabalha o folclore, estudantes e professores participantes do projeto educacional acessam um riquíssimo arcabouço da cultura popular que adentra o território da escola representado na figura dos familiares dos estudantes.

Um arcabouço cultural riquíssimo que provoca debates sobre culturas marginalizadas e esquecidas no Brasil. A cultura das classes menos favorecidas. É um repertório que se encontra no imaginário popular, mas com poucos registros.

As culturas negadas pela sociedade, a cultura afro, as africanidades encontram dificuldades para suas vivências, pois a sociedade valoriza a cultura da elite, negando a significância da cultura popular. Todavia, mesmo diante desta negação elitista, a cultura popular resiste.

Hall (2003, p. 232) explica assim a cultura popular:

É o terreno sobre o qual as transformações são operadas. No estudo da cultura popular devemos sempre começar por aqui: o duplo interesse da cultura popular, o duplo movimento de conter e resistir, que inevitavelmente se situa em seu interior. O estudo da cultura popular tem oscilado muito entre esses dois pólos da dialética da contenção/resistência. Algumas inversões surpreendentes e admiráveis tem ocorrido.

Hall (2003), em seu livro *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, apresenta a revolução ocorrida na compreensão histórica da sociedade refinada e da aristocracia do século XVIII revirada pelo acréscimo da história do povo turbulento e ingovernável, que estava pressionando essa sociedade “refinada” por meio de inúmeras tradições e práticas.

Os estudantes, vindos de classes subalternas, ao adentrarem o espaço da escola, se

despem de sua própria cultura, de suas raízes, uma vez que os processos escolares não as valorizam, resultando um sentimento de não pertencimento a essa coletividade.

O currículo oficial não prestigia o conhecimento trazido por esses estudantes, sua cultura, seu eu no tempo e no espaço, sua identidade. Há uma alienação cultural.

Dá a significância de um projeto educacional que abarque uma prática educativa capaz de fugir da habitual rotina escolar, que veja diferente, que desperte a criticidade, que dê espaço a novos olhares. Mas para isso é preciso contar com educadores sensíveis a essa maneira de entender a realidade presente na escola. Para Freire (2013, p. 137), é assim que uma prática educativa vai se firmando como prática desocultadora de verdades escondidas e não alienante.

O espaço escolar sob um olhar diferenciado e sensível às diversidades poderá tornar-se local propício para recriação de culturas marginalizadas. Culturas que surgem como forma de resistência e caminho afirmativo de construção de identidades.

Baségio e Medeiros (2014, p. 151) explicam que:

a construção da identidade se dá por meio de um processo de reconhecimento e valorização de nossa história e de nossa cultura. Não falamos aqui em cultura e em histórias oficiais, mas sim na cultura e na história de nosso meio, as quais permitem não só que nos localizemos dentro da sociedade, como também diante da história e da cultura dos diferentes grupos que compõem a sociedade e que lutam pela afirmação de suas representações do mundo social.

A congada, ao adentrar o espaço da Escola Estadual Iracema Rodrigues com valores da cultura afrodescendente, possibilitou uma análise da riqueza de significações presentes nessa cultura popular, nos permitindo enumerar vários elementos desse universo cultural referentes ao período escravocrata brasileiro e à história de seus descendentes.

São elementos fortes e lúdicos como o batuque, o ritmo, a música, a farda, a ancestralidade, a ritualidade, o canto, a recitação de versos, as orações, as bandeiras e o conhecimento dos rituais do congo, que representam muito bem o que ocorre na Festa de São Benedito.

Essa riqueza de significações abarca a fé e a religiosidade de matrizes africanas (por exemplo o candomblé), de um povo e de uma cultura que se recusa historicamente a ser subjugada.

Destacamos no Terno de Congo construído pela escola a construção do Boi. O ritual realizado pelo Terno de Congo, o Terno do Boi, tem muita importância dentro da tradição do Congo em Machado. É o tripa do Boi (o ser humano que dança debaixo da carcaça do boi) quem conduz o Boi e guarda os segredos e os mistérios dessa tradição, usando suas

habilidades para manter vivo esse ritual: é o Boi que mantém o seu grupo unido.

Segundo depoimento do Congadeiro Moacir Ferreira, Capitão do Terno de Congo de São Benedito (2008), o Boi é convidado a participar da Festa de São Benedito e trazer alegria aos presentes na praça naquele momento.

A Escola Estadual Iracema Rodrigues, ao desenvolver este projeto educacional, obteve excelentes resultados na opinião dos professores e diretores envolvidos. Pois foram trabalhados também valores como autoestima, respeito pelo outro, solidariedade e a autossuperação.

Os estudantes foram seduzidos pela ludicidade, alegria e leveza do projeto educacional. Foram envolvidos por elementos que já faziam parte de seu universo cultural, simbólico e cotidiano, agora reelaborados pela escola.

Professores trouxeram à superfície da cultura da escola a primeira cultura dos alunos, com uma outra visão e outras possibilidades.

Antes do projeto “Griôs e Congada na Escola”, os estudantes pouco se interessavam sobre o que lhes era ensinado sobre Folclore. Contudo, a partir dele, suas vivências passaram a ter significância, a representar os saberes a serem ensinados, ou seja, construiu-se um conhecimento diferente daquele imposto pelo currículo oficial.

Os professores viram nestes estudantes pessoas capazes de produzir cultura e influenciar alunos de outras turmas do espaço escolar. Vozes foram ouvidas e intervenções diretas na realidade educacional ocorreram: melhoria da qualidade de vida destes estudantes, bem como conscientização política.

Fatores importantes para que esses indivíduos adquiram autonomia, emancipação. Aprenderam sobre a vida, a igualdade, o equilíbrio, a humildade, a importância da manutenção dessa tradição, que é um grande legado ancestral.

O Terno de Congo da Escola Estadual Iracema Rodrigues, o Terno do Boi foi registrado na Associação dos Congadeiros de Machado no ano de 2104. Este é um dos primeiros indícios de comprovação do processo de mudança; mudança social e conseqüentemente mudança política.

Segundo a Diretora da escola Jussara Maria da Silva (08/ 2018) é possível relacionar o processo de melhoria da qualidade de vida dos estudantes quando:

Observamos as ações desenvolvidas pela Associação dos Congadeiros de Machado no que diz respeito ao oferecimento de cursos de informática, cursos de corte e costura, oficinas de produção de instrumentos do congo, confecção de fardas e rodas de conversa sobre cultura e política. Quando, na Associação dos Congadeiros se realiza o processo para eleição do Presidente da Associação. Os participantes dos Ternos de Congo da Cidade de Machado-MG, participam democraticamente por

meio do voto. Os alunos da escola, componentes do terno de congo da escola participam, acompanham também estas ações. Ocorreu o empoderamento do saber e a valorização da cultura popular. Quando o estudante entende o que é a congada e ao participar do Terno de Congo da escola, se faz ouvir pela sociedade, se faz cidadão e está se oficializando como ser político. deixando de ser por meio do Congo apenas uma apresentação artística.

Numa operação inversa, os professores levaram a escola até o aluno. Deixaram de trabalhar apenas com o currículo da escola e partilharam conhecimentos da cultura popular. Romperam com a prática tradicional do ensino acadêmico e se apropriaram de um currículo produzido pela vida dos estudantes do projeto educacional.

Para Cuche (2002, p. 146), evocar a questão das culturas dos grupos dominantes é inevitavelmente evocar o debate em torno da noção de “cultura popular”.

Assim, entendendo a cultura popular como alternativa a um currículo determinado pelas secretarias de educação, professores do projeto educacional otimizaram os ensinamentos e a forma de ensinar. Identificaram as simbologias, as imagens e os ritmos do congo, que trazem significações indicativas de formas de resistência e pertencimento a um grupo.

A cultura popular é uma cultura de contestação, diz Cuche (2002, p.147). E essa contestação, força resistente, vem sendo notada no espaço da Escola Estadual Iracema Rodrigues em pequenos detalhes: recoloca-se a reprodução do velho e se constrói o novo.

Anteriormente ao projeto “Griôs e Congada na Escola”, observava-se que os estudantes tinham certa vergonha em dizer que admiravam ou dançavam o congo, uma vez que eles próprios não valorizavam muito suas origens afrodescendentes ao menos diante da escola.

Mas, após a realização do projeto educacional, o espaço escolar aos poucos foi se modificando aos olhos destes estudantes.

Assumiram o uso dos cabelos crespos e livres, a presença de turbantes, o orgulho em fazer parte da congada, as cantorias pelos corredores em momentos de intervalos e devoção aos santos pretos: São Benedito, Santa Terezinha e Santa Efigênia. Em suma, os estudantes do projeto educacional “Griôs e Congada na Escola”, diante do reconhecimento de sua cultura pela escola, encontraram caminhos de resistir a tentativas de serem outra vez “colonizados culturalmente”.

Portanto, a cultura popular foi, na realização deste projeto educacional, a demonstração mais notável de que o sujeito popular e cultura outrora invisibilizada pode trazer para o espaço escolar a possibilidade da produção de conhecimentos mais relevantes acerca da vida e das realidades locais dos estudantes.

Certeau (1980) define a cultura popular, como a cultura “comum” das pessoas

comuns, isto é, uma cultura que se fabrica no cotidiano, nas atividades ao mesmo tempo banais e renovadas a cada dia.

A escola precisa incorporar, em seu contexto, o conhecimento produzido na realidade de seus estudantes. Deveria também conhecer e compreender a cultura local, trazê-la para o currículo. Neste estudo, a cultura local se refere à cultura afro-brasileira.

Cumpra aqui recuperar os aspectos legais que embasam essa nova perspectiva do ensino escolar, como a Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “ História e Cultura Afro-brasileira”. Destaca-se nesta legislação o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação social nacional.

Integrar nos processos realizados pela escola as práticas culturais e as experiências históricas dos seres que a frequentam torna-a mais atrativa. A escola é local onde as diversidades se apresentam em múltiplos corpos. Local privilegiado para a valorização dessas especificidades culturais resultantes de processos primeiro de escravização, guerras, colonização e, depois, de tantos outros resultados, como opressão, preconceitos e marginalização.

No entanto, o currículo da escola tende a apresentar uma abordagem excludente, que valoriza uma única cultura, reduzindo a escola a sentidos que podem soar como insignificantes para os estudantes.

Inteirar-se do entorno escolar e sua cultura pode permitir à escola conhecer sujeitos históricos que produzem conhecimentos capazes de enriquecer e impactar o currículo da escola e inovar sua prática educacional.

Afinal, como afirma Freire (2013, p. 137, grifo no original):

enquanto prática docente e discente, a educativa é uma prática por natureza gnosiológica. O papel por isso do educador e da educadora progressista é desafiar, enquanto ensina, a curiosidade ingênua do educando no sentido de, com ele, “partejar” sua criticidade. É assim que a prática educativa vai se afirmando como prática desocultadora de verdades escondidas e não alienante.

Para tal afirmação, o desafio da curiosidade ingênua do estudante pelo educador identifica o conhecimento já existente, os saberes cotidianos. O educador encontra formas mais ricas de ensinar e aprender. São conhecimentos não formalizados mas, codificados pelos gestos, pela voz, pelos olhares nascidos das experiências vividas dos sujeitos que adentram o espaço da escola.

O trabalho com a diversidade na Escola Estadual Iracema Rodrigues.

Toda comunidade possui um repertório cultural local rico e variado. E a Escola Estadual Iracema Rodrigues da cidade de Machado-MG, inserida na comunidade, não foge disso. Sua população apresenta uma grande diversidade cultural, que se manifesta nitidamente, por exemplo, nos Ternos de Congo da cidade de Machado-MG.

Observando a necessidade de resgatar o histórico cultural do município, a história de vida dos estudantes – a maioria negros, muitos descendentes de congadeiros –, a necessidade de ressignificar os conteúdos e o desejo dos estudantes, a escola implementou o projeto educacional “Griôs e Congada na Escola”, pautado na diversidade cultural popular, especialmente na cultura afro-brasileira.

Assim sendo, cumpre aqui relatar agora quais ações foram desencadeadas por professores e alunos para pôr em prática o projeto educacional. No capítulo anterior, apresentamos as origens do projeto, em que foi enfatizado que a resistência dos alunos perante saberes que não lhes eram significativos – o folclore tradicionalmente trabalhado nas escolas no mês de agosto – foi a mola propulsora dessa ideia.

Partindo do desejo dos estudantes de criar na escola um termo de congo, no ano de 2007, o primeiro passo foi dialogar, de modo informal, com aqueles do Projeto Escola de Tempo Integral sobre o congo, as congadas da cidade, na intenção de investigar o conhecimento deles sobre o tema.

Para duas das professoras envolvidas tudo era novidade, nada sabiam sobre o assunto, entretanto outras três já mantinham alguns vínculos e gostavam, assim como os alunos, da cultura do congo. Assim com o intuito de se inteirar sobre a matéria, elas passaram a estudar, a se capacitar, a pesquisar a cultura das congadas em Machado, principalmente sobre o Terno do Boi, do qual os estudantes tanto gostavam. Iniciaram a seleção de literatura sobre a congada e, principalmente, a reunião de revistas do congo, produzidas pela Associação dos Congadeiros em Machado.

De posse de literatura afro-brasileira, de literatura sobre o congo e de um entendimento já iniciado sobre as Congadas em Machado, as professoras se lançaram a escrever o projeto educacional: justificativa, introdução, objetivos gerais e específicos, desenvolvimento, cronograma de ações e avaliação; até o findar do ano de 2007.

No início de 2008, com o do projeto educacional elaborado e intitulado “Griôs e

Congada na Escola”, era hora de executar as ações:

- I. identificar no espaço escolar quais e quantos eram os filhos de congadeiros que frequentavam o Projeto Escola de Tempo Integral e que gostariam de participar do projeto educacional: “Griôs e Congada na Escola”;
- II. realizar o cadastro destes estudantes, quem eram seus pais e, se ainda, esses pais e estudantes pertenciam a algum Terno de Congo da cidade de Machado-MG;
- III. organizar a literatura sobre as Congadas;
- IV. identificar, além dos congadeiros da cidade de Machado-MG, quais pessoas poderiam vir à escola para participar das oficinas sobre o Congo, o Terno de Congo do Boi o qual a escola faria referência.

Assim, uma rede de colaboração foi se formando no espaço escolar. Familiares dos alunos, pessoas da comunidade envolvidas com as congadas se conectavam à escola por meio de visitas, nas quais iam acontecendo rodas de conversas, mostras de fotografias familiares antigas e atuais, leitura de jornais e revistas entre outras trocas culturais.

Em consequência disso, este território educacional estava sendo inundado de referências culturais positivas: a cultura afro-brasileira, as histórias, as imagens e as memórias ancestrais foram sensibilizadas.

Essas referências culturais positivas foram de encontro a teorias eurocêntricas que enfraquecem o respeito à diversidade. Dessa forma, a Escola Estadual Iracema Rodrigues iniciou o trabalho com a diversidade cultural local em detrimento de uma cultura estabelecida arraigada.

Para Hall (2003, p. 246), a cultura popular estabelece uma luta engajada a favor ou contra a cultura dos poderosos; é também o prêmio a ser conquistado ou perdido nessa luta.

No Brasil, o coletivo negro silenciado, mas não passivo, ainda permanece às margens, mas a produção cultural é um amparo para se buscar a liberdade. Nesse contexto as ações educativas firmam-se como espaços formadores de projetos para desencadear reflexões de conscientização.

Portanto, durante o processo de implementação do projeto educacional, foram desenvolvidas ações metodológicas que se tornaram elos multiculturais garantidas pelos protagonistas destas manifestações, em sua maioria, familiares pertencentes a dinastias de congadeiros. O espaço escolar transformou-se em lugar de cultura dos sujeitos populares, de fortalecimento das culturas orais que se apropriam de depoimentos.

Nos meses de abril, maio, junho e julho de 2008, ocorreram rodas de conversas, oficinas de confecção de tambores e do boi, de aprendizagem dos cânticos da congada, do ritmo percussivo, de como se dança.

Após um ano de estudos iniciado em julho de 2007, e com o acúmulo de

conhecimentos e elementos culturais, criou-se, enfim, em início de agosto de 2008 na Escola Estadual Iracema Rodrigues, um Terno de Congo com quase 40 ritmistas, 20 dançantes e 1 boi.

Dessa forma, a Escola Estadual Iracema Rodrigues explorou a diversidade cultural local, conferindo maior significado aos saberes para os estudantes do projeto educacional e ressignificando a prática pedagógica.

Impactos socioculturais do Terno do Boi na escola.

O fato de o Congado adentrar o cotidiano escolar propiciou a todo corpo educacional a possibilidade de trabalhar histórias de vidas locais, promovendo estudos sobre a história de vida africana e afro-brasileira.

O Capitão do Terno de Congo da Escola Estadual Iracema Rodrigues; Daniel Moreira ao ser indagado sobre ser ou não importante se trabalhar com a cultura afrodescendente em sala de aula por meio da congada responde:

É muito importante. Estamos falando da nossa vida. Eu vivo o congo. Danço em outro Terno da cidade também. Danço no cordão. Puxo a cantoria. A escola aqui é cheia de congadeiro. Nossas famílias são famílias de congadeiro. E a gente vem estudar aqui.

A professora do Projeto Escola de Tempo Integral, Dalila da Cruz Silva sobre os conhecimentos sobre a congada e histórias de vida locais relata:

Cada dia nós; alunos e professores participantes do projeto educacional, aprendemos um pouquinho a respeito da congada, a respeito da história de vida das pessoas envolvidas neste processo. Mais importante ainda, é que estamos aprendendo a conviver com essa cultura porque, até então não sabíamos quase nada sobre os festejos do congo em Machado-Mg, e suas origens na cultura afrodescendente.
(Entrevista concedida pela professora Dalila da Cruz Silva no pátio da Escola Estadual Iracema Rodrigues em 07/08/2018.)

Esses estudos oportunizaram, para os estudantes, o conhecimento da própria diversidade social, entretanto, para a escola como um todo, ocorreram conflitos e tensões, uma vez que o modelo educacional vigente da escola ainda resiste a considerar a diversidade como importante construtor da sociedade brasileira e significativo meio de inovação curricular.

O Capitão do Terno de Congo da escola, Daniel Moreira vem ,em sua entrevista expondo tensões vividas no espaço escolar relativas ao trabalho com a congada. Daniel ao ser questionado se os professores falam sobre a congada em suas aulas demonstra, trás em sua

fala a representação da aceitação e da recusa da entrada da cultura popular no espaço escolar pelos professores. Estes são os responsáveis pelos processos de ensino-aprendizagem. Segundo Daniel Moreira, os professores:

Bom! Trabalham. Mas nem todos. Tem professor que não fala e nem apoia a congada. Acha ruim o barulho. “Tem vice-diretor que acha ruim agente vir no outro turno, entrar na escola para ensaiar.” Sei que agente faz muito barulho, mas tem vice- diretor que não colabora, não gosta da congada.

Diante deste indício demonstrado por Daniel Moreira, é relevante propormos duas reflexões: a primeira, acerca do não reconhecimento dos valores afrodescendentes no espaço escolar por alguns profissionais, e a segunda, sobre a exclusão que é feita desses mesmos valores, ao se trabalhar o currículo oficial.

Para Pereira (2007, p.54),

se a escola e os currículos, por um lado, têm sido simultaneamente palco e cartilha ideológica que geram situações nas quais os afrodescendentes são constrangidos em função de sua procedência sociocultural, por outro lado, a escola e os currículos apresentam instâncias propícias aos debates e às ações que poderão levar à superação das referidas situações de discriminação. A esse propósito, a inserção de valores que dão forma e sentido às culturas afrodescendentes contribui para gerar práticas pedagógicas que atendam não só o interesse dos afrodescendentes, mas dos diferentes atores envolvidos no processo ensino-aprendizagem. Ou seja, muito do que se aprende ou se ensina pode ser transmitido através de diferentes representações culturais.

A inserção dos elementos referentes à cultura afrodescendente nos currículos escolares brasileiros tem sentido político, pois oferece aos professores e aos estudantes a oportunidade de pensar a realidade social brasileira a partir da diversidade e também de revisar criticamente o currículo da escola.

Considerando que o ensino e a aprendizagem ocorrem de forma processual, é significativo que professores e estudantes estejam atentos às mudanças dos valores culturais e a forma como eles podem ser apropriados em modelos dominantes ou em modelos rejeitados pela sociedade. É relevante citar que, durante as entrevistas ficou claro que foi oportunizado aos estudantes participantes do projeto educacional aprendizagens significativas para suas vivências.

Segundo Daniel Moreira, o entendimento dos ensinamentos da congada tem trazido contribuições à sua vida:

Entendo os ensinamentos da congada. A congada tem lá suas regras e você precisa seguir, senão não pode ficar. Aprendi a ter um pouco mais de disciplina. Sou um pouco sossegado. Respeitar horários e acatar as regras. Como Capitão tenho que dar exemplos. Eu ensaio os launos, conduzo o terno, ensino para eles o que eu sei: cantar, dançar, tocar instrumentos. Esses ensinamentos reforçaram em mim a fé em São Benedito e me levaram ao entendimento da importância deste Terno de Congo em minha vida.

Portanto, os diferentes processos de ensino-aprendizagem contribuem para a visão do meio social no qual vivemos e estimulam o interesse pelo contato com as referências culturais que nos chegam em linguagens diferentes.

Daniel Moreira, Capitão do Terno de Congo da Escola Estadual Iracema Rodrigues deixa indícios em sua entrevista que os ensinamento da Congada emergiram em sua vida para além dos ensaio e odicinas realizadas entre os muros da escola. A responsabilidade de ser o exemplo para os outros estudantes! Segue o trecho da entrevista de Daniel Moreira:

Com o convite para participar do Terno de Congo da escola, entendi que tenho que ter compromisso, responsabilidade pois, os outros dançantes vêm em mim um exemplo. Tenho que ter fé, disciplina e seguir com coragem esses conhecimentos da congada. Preciso aprender cada vez mais tudo sobre o congo.

O valor sociocultural do Congado, referência para a criação do projeto “Griôs e Congada na Escola”, executado na Escola Estadual Iracema Rodrigues em Machado-MG, convergiu para um terreno de recriação de identidades culturais.

A prática educacional elaborada é inovadora, dialógica e envolveu sujeitos diferentes que convivem, embora invisibilizados na escola, principalmente pelo currículo escolar que não os aborda. Na realização desta prática, os valores da cultura do Terno de Congo foram revitalizados por meio de registros escritos e orais.

O resultado de aspecto contemporâneo do encontro do passado e presente, mesmo que incompleto, está representado positivamente dando configuração, essência e vitalidade à cultura do congo que foi recriada na escola.

Para Dalila da Cruz Silva (08/ 2018) , encontrar os Griôs, pais e avôs dos estudantes foi um dos caminhos utilizados para se recriar a congada na escola. Não tem outro jeito de recriar os conhecimentos afrodescendentes por meio da congada senão participando dela. Por que? É a questão da vivência:

O que já se viveu: é o parar e relacionar o que deve ser melhorado, recriado e o que deve permanecer. Por mais que os livros descrevam é o dia a dia, é o passado que já foi vivido. É valorizar a cultura que o outro vem trazendo porque os afrodescendentes na verdade têm pouca oportunidade de levar para a escola os seus conhecimentos. Então, hoje eles levam a dança, a música, a culinária e suas histórias. No Brasil, quando começamos a estudar história do povo afrodescendente, estudamos a cultura do povo, suas necessidade, ansiedades, sentimentos, aflições para chegarmos a um ponto: o que deve permanecer, o que deve ser mudado e a garantia dos direitos. Se eu não conheço a história, jamais vou lutar pelos direitos. Tudo começa pelo estudo da cultura. Quando eu conheço a vivencia do outro começo a refletir, a respeitar e a exigir mudanças.

(Entrevista concedida em 07/08/2018 no pátio da Escola Estadual Iracema Rodrigues.)

Destacamos dentre os itens trabalhados, a importância da musicalidade, da circularidade, corporeidade e cooperatividade, bem como da força da oralidade, dos testemunhos e da contação de histórias.

O Projeto educacional Griôs e Congada na escola, diante da riqueza cultural apresentada, explorou habilidades da música, da circularidade de saberes que chegavam com os estudantes bem como com a força da dança exibida em seus corpos e na oralidade de seus familiares ao contarem histórias do congo.

Histórias do congo contadas pelo viés dos familiares, que são congadeiros reivindicando uma realidade ignorada pelos coletivos dominantes.

É falar de lutas, de resistência, de cultura, falar do povo que protagoniza essa luta. Ainda em entrevista do Capitão do Terno de Congo da escola; Daniel Moreira fala sobre suas aprendizagens:

Como já disse, o Boi faz o Terno de Congo da Escola ficar diferente. Mas gosto da cantoria, da dança, de ver os outros apreciando nosso ensaio e apresentação na escola. Aprender sobre a subida do mastro, as bandeiras dos ternos, a troca de coroa, as visitas pelos familiares à escola. Bater o tambor e poder ensinar como se bate e como se canta. (Entrevista cedida em agosto de 2018.)

A estudante participante do projeto educacional Dhayra dos Santos Barbosa, dançante do Terno de Congo da escola e neta de Natalino Baltazar dos Santos- congadeiro do Terno do Rosário em Machado-MG, e fundador do Terno do Caiapó, fala sobre a congada e sobre o que aprendeu com seu avô:

Meu avô conhece e canta os cantos da congada. Ele aprendeu com o pai dele. E está passando para nós. Não tem escrito, mas ele canta, e ele ensina como dança. Ele nos conta a história do congo e a história da Festa de São Benedito em Machado-Mg. Ele fala até de demandas feitas pelos congadeiros para tudo dar certo no dia da apresentação na festa. As demandas são promessas para o Santo em troca de guardas e proteção. Tudo tem de dar certo na saída e na chegada do congo. (Entrevista realizada em 08/2018 na residência do Congadeiro Natalino Baltazar dos Santos.)

Ressaltamos o quão difícil é inserir no currículo da escola a cultura afro-brasileira, que, ainda que esteja prevista em lei, ela ocorre apenas na forma de projeto educacional.

Portanto, é positivo, para além das diferenças ou até mesmo semelhanças, o esforço feito pelo grupo de professores idealizadores do projeto “Griôs e Congada na Escola” para gerar esta nova prática diante de uma escola com alguns profissionais resistentes a ela por estarem acostumados a desenvolver o trabalho focado na cultura da elite.

Considerando que possuímos no Brasil um histórico político sociocultural higienista, eurocêntrico, ter a possibilidade de ouvir histórias de vida dos familiares dos estudantes, de pessoas da comunidade, assim como personagens de classes marginalizadas, se configura

como algo desafiante e inovador.

Isto pode conferir oportunidades de se contribuir para o protagonismo negro, o que já caracterizava uma vitória, uma ressignificação de valorização dos corpos muitas vezes invisíveis pela comunidade no espaço escolar.

Para o Congadeiro Natalino Baltazar dos Santos, a experiência de ter ido à escola foi;

Uma experiência inesquecível, principalmente quando vi o Terno da Escola e o boi montado. Ficou muito bonito. Me senti importante, valorizado. Meu neto ficou muito feliz por eu ter ido lá. (Entrevista realizada na residência de Natalino Baltazar em agosto de 2018.)

Contudo, infelizmente, no decorrer deste processo no espaço escolar, alguns casos de intolerância foram vistos entre os sujeitos escolares, tanto na representação de alunos quanto na representação de professores.

Neste contexto inicia-se um processo de desconstrução de ideias e, ao mesmo tempo, paradoxalmente o renascimento de subjetividades dentro uma cultura historicamente marginalizada.

Os ensinamentos que adentraram o espaço da escola pela coleta de depoimentos, utilizaram os jeitos de ensinar afrodescendente. A voz foi o principal instrumento de ensino: a oralidade, a contação das histórias familiares, as rezas, as danças e os cantos. Para que isso ocorresse, coube aos professores buscar sólidos conhecimentos e fundamentação simbólica da cultura do congo (os tambores, o mastro, as bandeiras), a percepção dos sistemas sociais, políticos e econômicos, principalmente do Terno oficial do Boi da cidade o qual o Terno de Congo da Escola Estadual Iracema Rodrigues faz referência.

Dentre os depoentes que adentraram o espaço escolar, apenas um deles, no ano de 2007, o do congadeiro Natalino Baltazar dos Santos, levou para as salas de aula do Projeto Educação Integral, algumas obras escritas, dentre elas os livros: *Ternos de Congos Atibaia*, de Élsie da Costa Girardeli, ; *São Benedito, o santo negro: vida de São Benedito narrada para o homem de hoje por Cleusa Matos de Barros*.

Segundo depoimento da professora Dalila da Cruz Silva, uma das idealizadoras do projeto educacional, o fato de o congadeiro Natalino Baltazar dos Santos chegar à sala de aula do projeto Educação Integral com livros causou espanto, Segundo admiração e curiosidade nos estudantes, isso porque Natalino, componente do Terno do Rosário da cidade de Machado-MG e criador do terno Caiapó, tem apenas o antigo quarto ano, mas carrega grande sabedoria sobre as congadas da cidade de Machado-MG.

Sua presença no espaço escolar enriqueceu a formação do Terno de Congo da escola.

Descreveu para os estudantes os aspectos das congadas de Machado-MG, desde o importante relacionamento das congadas com as festividades, que vêm a ser o ritual próprio, característico delas, até as danças, a música, as rezas e os figurinos.

Natalino conta em sua entrevista como se deu sua participação na construção do Terno do Boi da Escola Estadual Iracema Rodrigues:

Na escola primeiramente eu conversei sem compromisso com os alunos que estavam curiosos. Depois junto as professora fomos vendo o que elas precisavam. Partimos desde contar a eles o que é uma congada, o que ela representa em nossa vida, que a maioria dos participantes são familiares e que um terno de Congo é uma herança pois os pais passam a tradição para seus filhos. Acho que fiz entre 6 e 7 visitas no começo do projeto à escola. Cada dia íamos conversando sobre um assunto da congada. As fardas, as danças, as cantorias, os santos, apresentando os instrumentos legítimos de uma congada, etc. (Entrevista concedida em agosto de 2018 no Pátio da Escola Estadual Iracema Rodrigues.)

Ao olharmos para os demais espaços da escola, nas salas de aula que não eram salas do Projeto Escola de Tempo Integral, onde se ministravam aulas seguindo o planejamento do currículo oficial, o que se via era que o projeto educacional, pelo seu movimento no espaço escolar, pelo adentrar de pessoas estranhas àquele espaço, ao mesmo tempo em que incomodava professores, despertava curiosidade dos demais estudantes e a vontade deles de também participar daquele movimento todo. Isso fez com que, aos poucos, estudantes de outras turmas também se interessassem pelos ensinamentos da Congada – motivados e empolgados pelos ensaios do Terno de Congo, pelo som atrativo do batuque, pela movimentação diferente, pelas visitas das pessoas da comunidade e até mesmo pela a exibição das aprendizagem dos alunos envolvidos no projeto – apesar da insistência de alguns professores em trabalhar apenas o currículo oficial da escola, por achar que a cultura do congo estava atrapalhando o rendimento dos estudantes.

Em vista disso, nos meses de julho e agosto, o embate entre a cultura popular e o currículo da escola se efetivava no espaço escolar.

Para Hall (2003, p. 255), o campo da cultura se configura,

nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtém vitória definitiva, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas e perdidas.

O embate se oficializava quando os demais estudantes da escola, voltavam olhares para o que ocorria fora do espaço da sala de aula.

Segundo o professor Carlos Alberto Francisco da Escola Estadual Iracema Rodrigues, a experiência de se criar um Terno de Congo na escola foi muito interessante. Durante esse processo de criação do Terno da escola o professor relata em sua entrevista evidências de

ações indicativas de resistência no espaço escolar a chegada da cultura popular:

A primeira questão observada se refere ao barulho do congo durante as oficinas. A questão de se liberar alunos das salas de aula para os ensaios. O professor acredita que seu aluno está perdendo aula. Exemplo: está deixando de aprender matemática naquele momento para aprender a tocar caixa, a cantar e a dançar. A segunda questão observada passa pela rivalidade religiosa que, na cidade de Machado-Mg, é grande. É uma falta de entendimento não só de Protestantes como também de Católicos que estão ligados a cultura da congada que aparece com o sincretismo com a religião católica. (Entrevista realizada em julho de 2018.)

Quando, ao final de um ano, o Terno de Congo já fardado com um Boi e seus aparatos se apropriaram do espaço da escola a dançar, cantar, recitar versos e orar a São Benedito, a escola rompeu com as atividades do currículo oficial e constitui-se cultura na forma do congo. Os olhos e a atenção destes estudantes se voltavam para o pátio da escola. Era o momento, então, de apresentar, de trocar valores culturais, de exhibir tudo o que foi construído, de tocar, dançar, cantar, recitar. Os estudantes do projeto educacional se viram valorizados, protagonistas de suas histórias, o centro das atenções. Era o diálogo social instalado, interrompendo o discurso oficial. Todos os olhares voltados para o projeto educacional.

Ações que só se tornaram possíveis, porque os professores do Projeto Escola de Tempo Integral entenderam o lugar privilegiado que é a escola, principalmente ao refletir diante das diferentes perspectivas do desafiador enredo da cultura popular.

Articularam-se importantes redes de convivência que resultaram no ensino de aprendizagem dos saberes da cultura local. O cotidiano dos estudantes adentrou o espaço da escola. E... tudo que adentra o espaço da escola de alguma forma não se torna currículo?

Para Barbosa (2002, p. 4), o cotidiano, assim entendido, aparece como espaço privilegiado de produção curricular, para além do previsto nas propostas oficiais. Portanto, a escola recebe essa diversidade e convive com os antagonismos e também desafios. Mas é bem possível que exista um campo onde seja possível o diálogo, o discurso cultural onde todos possam se manifestar em suas diferentes culturas.

Segundo Juliá (2001, p.11), a

[...] cultura escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular. [...]

Como bem explica a autora, a cultura escolar não pode ser estudada sem considerar as relações conflituosas que mantém com a cultura popular. São contradições e refletem não passividade e sim enfrentamentos e negociações.

A educação, seja ela formal ou não, tem por função estabelecer o diálogo, a

comunicação dos seres humanos entre si, com os outros, com o mundo para que eles se façam membros da sociedade, integrando os seres humanos, como protagonistas de sua cidadania.

Na realização das entrevistas com os estudantes que compõem o Terno de Congo da escola, ao ouvir também os relatos dos congadeiros que são pais e avôs dos estudantes, vê-se a importância da Festa de São Benedito para todos, a significância dela, desde muito cedo, na trajetória vida dessas pessoas. Positivamente, as maiorias dos estudantes entrevistados manifestou gosto maior pela escola.

Segundo o professor da Escola estadual Iracema Rodrigues Paulo Césas Fagundes, e, também congadeiro participante do Terno da escola sobre contar e ouvir histórias;

Ouvir é adquirir conhecimento sobre nossos antepassados com suas origens e tradições, contar é transmitir e preservar esse bem cultural. Me tornei um contador de histórias por meio das rodas de prosa nos terreiros de congada. Participando ativamente de tudo que cerca as congadas, desde curso de construção de instrumentos de percussão para o congado, até a subida do Reinado, no ápice da festa. (Entrevista realizada durante ensaio da Congada no pátio da Escola Estadual Iracema Rodrigues em 03/08/2018)

Por outro lado, a Festa de São Benedito, originada na simplicidade do congo, emergida das classes populares, composta por negros e pobres, moradores de vilas e periferia da cidade, não atrai o olhar diferenciado de algumas pessoas, e na escola não é diferente. Alguns não se interessam em participar e muito menos em conhecer a cultura das congadas e nem a influência desta cultura na vida dos alunos. Já aqueles que se envolvem com a Festa da Congada, além da questão pessoal, há ainda a questão profissional, que os motiva a acompanhar as apresentações do Terno de Congo. É pelo sagrado que cumprem e pagam as promessas feitas ao santo padroeiro da festa. É o vínculo entre prometedores e prometidos que sustenta a tradição religiosa.

Para Brandão (1985, p.83), para se trabalhar a Congada com a expressão devocional de aspecto religioso, é preciso ser devoto de Nossa Senhora do Rosário, pois as promessas a ela feitas são atendidas.

Entre os dançadores da Congada há um verdadeiro sistema de razões religiosas e desenvolvimento pessoal com a dança. Eles atualizam os ternos e as relações do mito de origem e conservam em plena vigência, no modo como são a crença de todos, os motivos consagrados, pela fé e pela tradição local, da reprodução do ritual como envolvimento dos seus figurantes, quase sempre antigos “pagadores de promessa” a Nossa Senhora do Rosário.

A resistência de alguns professores, e até a perplexidade de outros, talvez tenha raízes na ideia de que a cultura popular é incerta, inferior e pertencente aos desprovidos. Entretanto, como bem explica a Arroyo (2000, p.213), é bom e arejante que os currículos escolares sejam contaminados pelas incertezas fecundas postas no campo do conhecimento e da cultura, do pensamento e dos valores, pois essas incertezas podem trazer sentido de vida para os estudantes e produzir aprendizagens significativas.

O elo escola e comunidade, na diversidade complexa dos territórios, no modo de existir, tem na educação um dos instrumentos para a democracia dos saberes, possibilitando a todos os atores envolvidos entenderem a sociedade e participarem das decisões que afetam o lugar onde vivem.

Assim sendo, a sistematização dos ensinamentos do congo por meio do projeto educacional pôde favorecer aos alunos a construção de uma identidade mais positiva e o entendimento de suas origens.

Em entrevista, Dhayara Santos Barbosa – 13 anos – neta de Natalino capitão do Terno Congo de São Benedito, relatou que aprendeu um pouco da cultura afrodescendente, da história da congada e que cada congada tem uma tradição a ser seguida. Gostou mais da história do Boi e se sentiu feliz em saber que seu avô Natalino que tanto conta causos pode ser considerado um Griô; um contador de histórias.

Conforme dados arquivados na secretaria da Escola Estadual Iracema Rodrigues, do ano de 2007 ao ano de 2018, passaram pelo Projeto Escola de Tempo Integral aproximadamente 825 estudantes, observando que muitos deles frequentaram o Projeto Escola de Tempo Integral por anos sucessivos.

Foi possível constatar que os alunos participantes do projeto educacional melhoraram seus rendimentos escolares, tornaram-se mais assíduos às aulas, entenderam e cumpriram mais as regras escolares e, sobretudo, mostraram-se mais confiantes e com elevada autoestima. Ao se fazer o levantamento de dados na secretaria da escola, observa-se também, que os alunos que frequentam o Projeto Escola de Tempo Integral e participam do projeto educacional terminam seus estudos na mesma escola. São em média de cinquenta a setenta alunos que chegam a escola para frequentar o sexto ano, se inscrevem para o Projeto Escola de Tempo Integral e permanecem na escola até 3º ano do Ensino Médio relatando que a escola é bem melhor com o Terno de Congo.

Portanto, o coletivo de alunos que permaneceram na escola por gostarem do congo aumentou consideravelmente o número de alunos da escola. Em média são necessários 75 alunos para a formação das três turmas do projeto Escola de Tempo Integral.

Conforme o professor e congadeiro Carlos Alberto Francisco, os alunos de outras escolas da cidade de Machado-MG, acabam se transferindo para a Escola Estadual Iracema Rodrigues pelo projeto que a escola desenvolve.

Segundo entrevista de Daniel Moreira, o fato da escola desenvolver o projeto educacional Griôs e Congada torna a escola mais atrativa. Em roda de conversa, juntamente a outros alunos; Dhayra Santos Barbosa, Jeferson de Souza Mendes, Michelle Tocacelli Morais, relatam que gostam mais da escola pela oportunidade da congada e que a escola ficou mais gostosa de frequentar trazendo alegria.

A Pedagoga Dirce Alves da Silva em sua entrevista pontua os benefícios do projeto educacional para este grupo de alunos quando questionada sobre:

Você viu nos estudantes, após a criação do terno de congo um olhar diferenciado para o espaço escolar? A Pedagoga Dirce Alves da Silva relata que sim, os alunos que fazem parte da Congada passaram a serem mais assíduos e ampliaram o grupo de amizade. (Entrevista realizada em agosto de 2018)

Afinal, o congo é também um movimento de formação humana e de conhecimento da sociedade, do grupo cultural ao qual pertence e da realidade na qual os estudantes do projeto estão inseridos.

Apesar de tantos resultados positivos, não foi possível incluir temas da cultura popular em todas as 43 turmas da escola. Para além das três turmas do Projeto Escola de Tempo Integral que participam do projeto educacional podemos relatar de 8 a 10 turmas que se envolveram efetivamente com o projeto educacional e outras que ficaram em olhares e observações do que ocorria no espaço da escola.

Segundo depoimento do Diretor (a) escolar Jussara Maria da Silva:

A Escola Estadual Iracema Rodrigues sempre foi uma das escolas com o maior número de turmas e alunos da cidade de Machado-Mg, pertencente a SRE-Sistema regional de Ensino com sede em Varginha- Mg. Funciona em três turnos: manhã, tarde e noite e devido a abundância de diversidade humana participa de todos os projetos oferecidos pela Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais. Tendo como referência o ano de 2018, a escola conta neste ano com 43 turmas distribuídas em três turnos. Três delas participantes dos Projeto Escola de Tempo Integral com 25 alunos em cada turma, sendo atendidas duas turmas no período da manhã e uma a tarde num total de 75 alunos participantes do Projeto Escola de Tempo Integral. O projeto educacional Griôs e Congada na escola foi desenvolvido com aproximadamente 50 alunos formadores do Terno de Congo. Portanto, são três turmas participantes do projeto educacional e outras quarenta que acompanharam o movimento, a chegada da congada na escola. O trabalho efetivo com a chegada da congada ocorreu na realização do projeto educacional com as três turmas especificamente citadas e nas demais turmas ocorreu em movimentos esporádicos de comentários dos professores e alunos não participantes, ora olhares de recusa, ora olhares de curiosidade e admiração. (Depoimento cedido pelo Diretor Escolar em 07/08/2018).

Esse fato se ancora, segundo depoimentos colhidos dos demais professores, na insegurança de fugir do currículo oficial, na formação religiosa pessoal, no desconhecimento do tema e na falta de interesse em se aprofundar no assunto.

Para a Pedagoga Dirce Maria da Silva:

os professores das demais turmas da escola valorizam a cultura popular apenas em datas do calendário. Para ela, a congada adentrou o espaço da escola, porém há muito o que se fazer para que a congada permaneça e não seja vista apenas como um grupo de alunos, na maioria negros batendo diferentes instrumentos. Tal mudança requer principalmente o olhar e a postura dos educadores promovendo oportunidades de reflexão e discussão sobre o tema. São necessários debates, orientações e capacitação dos profissionais sobre a importância de valorizar a Cultura local. (Depoimento cedido pela pedagoga em 07/08/2018.)

A professora Fabiana de Carvalho relata em sua entrevista sobre a resistência, a aceitação de trabalhar com a cultura dos alunos do projeto educacional:

No início da realização das atividades do projeto educacional a aceitação foi legal, até eufórica. Aos poucos, foi reduzindo a euforia e também o número de professores interessados em participar. É um projeto trabalhoso. Acabou envolvendo o místico, o sagrado, a crença em Santos pretos. Envolveu pesquisas, visitas a outros locais da cidade e necessidade de se abrir no dia a dia da escola, espaço para esses ensinamentos. Muitos professores ficam presos aos conteúdos que têm que passar e neste sentido, a escola precisa se reorganizar para a entrada do novo, do diferente ao espaço escolar. Precisa aceitar mudanças e incluir conhecimentos que serão pontes para práticas diferenciadas que levem os alunos a entenderem suas identidades. Acabam abandonando o projeto e não validando tais conhecimentos. (Depoimento cedido pela professora Fabiana de Carvalho em 09/08/2018 no pátio da Escola Estadual Iracema Rodrigues em Machado-Mg.)

Pelo tema do projeto estar ligado às congadas e essas ao sincretismo da devoção aos santos da igreja católica: São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário, muitos professores de outras religiões não se sentiam confortáveis em acompanhar as apresentações do Terno de Congo nas praças e ruas da cidade, a procissão, em participar do Concurso de Poesias durante a festa de São Benedito.

Para Pereira (2007, p.77),

essa religiosidade continua a ser de importância referencial, sobretudo se entendemos como uma das maneiras que o homem das camadas desprivilegiadas possui para analisar o mundo, tomando consciência da realidade de si mesmo. Por isso, os conhecimentos da religiosidade popular- a partir de sua diversidade nos leva a percebê-la como lugar de identidade dos grupos desfavorecidos, como manifestação de resistência e de sobrevivência de modelos culturais que em relação ao modelo dominante se coloca com disposições de diálogo e/ou contestação.

Interessante observar que o projeto educacional, ao transcender os muros escolares, ao dar voz aos familiares dos alunos, ao permitir a apropriação de saberes locais, ao resgatar saberes da cultura popular, empoderou os estudantes participantes, tornando-os agentes da sua

própria educação. Esse empoderamento, segundo entrevista do professor e dançante de congo Carlos Alberto Francisco se deu:

Quando professores do projeto educacional tentaram conciliar o momento da entrada do congo no espaço escolar. E o mais importante: os alunos, os membros da congada, a maioria deles indisciplinados acabam melhorando o comportamento e a aprendizagem. Por que? É uma relação de troca. Se ele não produz na sala de aula; não participa da congada. Obviamente ele acaba assumindo compromisso com os professores e os professores sabem aproveitar isso obtendo um resultado extremamente positivo. Em relação a isso, da valorização da questão do boi e da congada no espaço escolar surge ainda a questão da autoestima. Alguns deles não tem protagonismo algum dentro da escola. E, aí, quando vem esse momento da congada, o fato do próprio estudante afinar a caixa que ele vai bater, ou que o outro vai bater, zelar pela dança, arrumar instrumentos emprestados já é motivo de recriar a auto-estima, a valorização. Então se sentem realmente protagonistas, empoderados quando o olhar de toda escola se volta para eles. Então entra o aspecto humanitário das ciências humanas que é minha área de conhecimento. (Entrevista cedida no espaço escolar pelo professor Carlos Alberto Francisco em 08/08/2018).

Criou-se, assim, na Escola Estadual Iracema Rodrigues, como diz Michel de Certeau (Alves 2011) um currículo do cotidiano.

O desafio, agora, é transformar esse projeto educacional em proposta oficial que possa dialogar com os múltiplos saberes e não apenas trabalhado como folclore.

Segundo relatos da Pedagoga Dirce Alves da Silva, sobre a importância de se trabalhar a cultura local, pontuamos ser,

Muito importante, porque a cultura local enriquece as práticas e ajuda na elaboração de conceitos e ideias a respeito dessa cultura. Tudo isto abre caminhos para discussões considerando manifestações, expressões do povo. Mas não cabe apenas à escola valorizar a cultura local, torna-se necessário que toda a Comunidade o faça vendo –a como ferramenta de desenvolvimento humano, inclusive de trabalho, renda que devem ser aplicadas na elaboração de Projetos que contribuam para a valorização da Cultura, Inclusão Social e intervenção na realidade dos envolvidos. Sem dúvida o poder público também precisa se voltar para estas questões, e cultura mais importante que outras. Todos os saberes devem ser levados em consideração e não somente o da classe dominante como na maioria das vezes ocorre. O que aumenta a responsabilidade da escola e para tanto deve priorizar que os conhecimentos sejam tratados igualmente, ou seja, de todo o seu público. Neste aspecto deve levar em conta os métodos de ensino, seleção de conteúdos e se preciso capacitar os professores e conscientizar a todos que fazem parte do processo sobre a importância de se valorizar a Cultura popular.

(Entrevista Cedida em 07/08/2018 na sala do projeto Escola de Tempo Integral)

Em suma, o projeto educacional vem produzindo muitos frutos significativos, mas o mais precioso deles é a satisfação dos estudantes diante do reconhecimento, da valorização, da visibilidade de sua cultura. Houve a promoção de vínculos, aprendizagens, afetos e dignidade humana. Recriaram-se nestes estudantes identidades e autoestimas.

Segundo entrevista de Jeferson de Souza Mendes, dançante do Terno de Congo, o Terno do Boi da Escola Estadual Iracema Rodrigues:

Gosto mais desta escola agora, por causa do Boi, do Congado. Minha vontade de vir para a escola melhorou. Até levanto um pouco mais cedo. Aprendo nos ensaios. Toco

surdo e gosto mais do dia da apresentação. Todos têm alegria em apresentar. Aprendi a cantoria, a tocar tarol, tambor, meia lua, pandeiro e malacacheta. (Entrevista concedida por Jeferson em no pátio da escola.)

4.3 Tensões socioculturais apresentadas nas narrativas dos atores envolvidos no projeto educacional.

Foram realizadas várias entrevistas com os atores envolvidos no processo de concretização do projeto escolar – estudantes, professores, pais, congadeiros – nas quais os depoimentos revelaram indícios de concordâncias, discordâncias e tensões.

Tensões relativas à aceitação da equipe diretiva da escola para fazer ali um terno de congo no espaço escolar; à confirmação que os saberes dos menos favorecidos estariam saindo do silêncio e ocupando espaço entre os saberes só disponíveis aos privilegiados.

Discordâncias quanto ao arcabouço humano que adentrava o espaço escolar e parecia estranho aquele lugar, pois ali não era o espaço daquela cultura; aos ensaios que quebravam a rotina silenciosa da escola; ao barulho do congado, embora apreciado por muitos; “nem cultura é”, diziam alguns. Concordâncias e discordâncias diante da delicadeza de questões que permeiam o religioso e o profano.

Marcos Silva Santos (15 anos, aluno do 1.º ano do Ensino Médio e congadeiro) que compõe o terno de congo, e o Capitão Daniel Moreira mostraram claramente em suas entrevistas – ocorridas na escola, durante os ensaios para apresentações em agosto de 2018 – indícios de que muitas pessoas não gostam das congadas tanto no espaço escolar quanto na cidade de Machado-MG. Suas falas revelaram um embate entre classes sociais, pobres e ricos, pretos e brancos.

O congadeiro Marcos ainda, ao ser perguntado sobre o preconceito em relação às congadas afirmou:

Percebo que na escola, quem mais incentiva a nossa congada são as professoras do projeto integral. Tem outras professoras que acham que nós não estamos aprendendo nada mexendo com a congada na escola. As professoras do projeto integral gostam igualzinho nós. Tem ainda a diretora Jussara que agente vê que gosta muito. Mais tem também gente que não gosta, critica sem saber a história e chama nossa atenção. Na cidade também tem gente que não gosta. Principalmente pessoas de outras religiões que até falam mal da congada. Pessoas da religião católica também.

Ele deixa claro em sua fala o descontentamento de alguns professores em relação à

realização do projeto educacional na escola. Faz a diferença entre professores que gostam e os que não gostam da cultura popular da congada. Aqueles que gostam entendem também o valor e a potencialidade dessa cultura como didática e ferramenta para o ensino. Não se consegue pensar na cultura de forma consensual. É inconcebível. A cultura é forma de resistência. É uma maneira explícita de se falar o que não é permitido ser falado. É no conflito emergido da cultura que se abrem oportunidades de recriar identidades.

É questão de trocas que configuram a essência e a valorização da cultura dos sujeitos populares. Apresente-se a cultura da forma que vier: na máscara do palhaço folia de reis, nos congos e nos caiapós que, ao tocarem, nos lembram de histórias de vida, de fatos históricos ou não, que não queremos esquecer, de sentidos e sentimentos.

A compreensão do conflito de classe por meio do plano cultural é muito valiosa para os historiadores.

Para Thompson (1991, p.17),

[...] uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um “sistema”. E na verdade o próprio termo “cultura” como invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto.

Na verdade, o termo cultura abre caminhos de contestação, tornando o processo de recriação de identidades mais visíveis. Constroem sentidos que organizam ações nas quais os estudantes adquirem concepção deles mesmos.

As trocas ocorridas entre o escrito e o oral se materializaram em entrevistas realizadas com os estudantes componentes do Terno de Congo, professores e os pais. Estudantes, professores e pais perceberam como positivas a experiência de participar no projeto educacional desenvolvido nas 03 turmas do Projeto Escola de Tempo Integral.

O congadeiro José Otávio Filho, o Senhor Dadu relata em sua entrevista:

A congada representa na minha vida e na vida de minha família, muita paz, muita alegria, muita coisa boa. Ter essa fé firme em Deus, em São Bendito. Ver tudo arrumado. É uma maravilha. Comecei a dançar congada com treze anos no Terno dos Baianos em Machado-Mg. Bati caixa e passei para o cordão. Agora tenho o meu Terno. Agora tem Terno de Congo nas escolas. Precisa ter o Terno nas escolas. Os congadeiros mais velhos que conheci tão indo embora.. Já tô com 74 anos. Porque senão vai acabando tudo. Não sei muita coisa, mas sei um pouco. Temos que ensinar essas crianças que vem vindo para levantar essa festa. Precisamos valuar (valorizar) esta festa, os congadeiros.

Em seus depoimentos, os componentes do terno de congo da escola enfatizaram gostar muito

mais de ir à escola, após o projeto, sentindo-a mais colorida, divertida e acolhedora.

O professor Renato Signoretti,

percebeu nos estudantes participantes do projeto educacional não apenas um olhar diferenciado para a escola após a criação do Terno de Congo mas, também gestos, palavras e olhares de aprovação e agradecimento.

A partir da vivência possibilitada pelo projeto, os estudantes disseram ter entendido que o que produzem é cultura, cultura representada no povo negro, cultura dos antepassados. Aprenderam um pouco da história, da tradição onde cada terno tem a sua tradição, seu clã familiar com perfis identitários que o sujeito afrodescendente desenha para si baseado em suas vivências.

Em entrevista o Capitão do Terno de congo da Escola Estadual Iracema Rodrigues; o Terno do Boi Daniel Moreira se identifica e identifica seu clã familiar da seguinte maneira:

Meu avô era congadeiro. Sou neto de congadeiro. Ele era guarda de honra do Congo. Minha família toda gosta do congo: meus primos, primas, tios e tias. Aprendi com eles as danças, os cantos, os rituais: a subida do mastro, o reinado, a procissão dos congadeiros, a troca da coroa, as visitas as famílias, as comidas típicas até a descida do mastro.

Para além da história, da economia e das ideologias, a família como organização social interfere na prática religiosa. Práticas que, na intimidade, resguardam valores culturais rejeitados pela classe dominante. A cultura do terno de congo é uma forma de resistir ao domínio da cultura da classe dominante. Ser participante de um terno de congo é questão de orgulho, de autoafirmação, de superação a restrições impostas a uma raça.

Daniel Moreira, o capitão da congada, expressou sua satisfação em participar do projeto. Toda a sua família dança congo. É filho e neto de congadeiro e carrega consigo, como Capitão da Congada muitas responsabilidades. Segundo Daniel Moreira, o capitão é o mestre, o chefe, quem mantém o grupo unido e que zela pela qualidade da dança e do canto de sua gente. Dele vem a função de puxar a cantoria – tanto aquela que já está na memória, quanto aquela que é improvisada – na rua, na casa de alguém ou até mesmo para homenagear o santo festejado.

O capitão Daniel Moreira fala da forma de conversar com os festeiros e de buscar o rei e a rainha. “ Tem que saber chegar”. Segundo Daniel Moreira:

Tem de saber chegar. Quando chega na casa para tirar o rei ou a rainha reza o Pai Nosso, a Ave Maria, o Creio em Deus pai. Canta o verso que chama o festeiro: Vamos simhora com Deus. Vamos simhora com Deus. O anjo da guarda que me mandou lhe chamar. Se eu fosse rezar... o Bendito seja. Se eu fosse rezar... o Bendito seja. O Senhor festeiro... Foi o anjo da guarda quem mandou lhe buscar ...

Bosi (1994, p.31), escrevendo a substância social da memória, diz que

você nos mostra que o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo

transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e como lembra faz que fique o que signifique.

Daniel Moreira, o Capitão do Terno, foi aluno do projeto Escola de Tempo Integral desde o 6.º ano do Ensino Fundamental quando chegou à instituição. Atualmente frequenta o curso noturno. Está no 1.º ano do Ensino Médio e foi convidado pela diretora Jussara Maria da Silva para continuar no congo e conduzir o terno da escola no ano de 2018 por ter acompanhado toda a formação do terno. Nos anos anteriores dançava sempre no Cordão. O cordão segundo Daniel Moreira (2018) é a fila de dançantes e tocantes do congo. Como Capitão venho a frente e no centro do Terno.

Segundo ele, o Congo em seu ritual tem uma formação bastante rígida. Todos ali obedecem ao Capitão, existindo, inclusive regras para ingressar e sair dele. Um exemplo de regra é a necessidade de presença constante para acompanhar o congo onde quer que ele for.

Em depoimento, Daniel Moreira, Capitão do Terno de Congo da Escola Estadual Iracema Rodrigues, contou sobre a aceitação e a rejeição de se fazer um terno na escola.

Na escola nem todos aceitam o congo. Muitos criticam e falam que é coisa boba, de gente boba, coisa de preto e por isso tem gente que apoia e gente que não. Na cidade também tem preconceito, rejeição. A maioria dos congadeiros é negro, é pobre e eles (o povo) nem aceitam. (Entrevista concedida em 18 de julho de 2018 na Escola Estadual Iracema Rodrigues)

A tensão apresentada na narrativa do congadeiro Daniel Moreira faz referência aos ensaios que acontecem no seu início dentro do espaço escolar. Os componentes, ainda nas salas do Projeto Educação em Tempo Integral, recebem as orientações sobre o ensaio, organizam os instrumentos e se preparam para sair em cortejo da escola até a Praça de São Benedito.

Enquanto ocorre esse deslocar, as outras turmas da escola estão em atividades em sala de aula. O barulho que advém dessa movimentação acaba por desgostar os demais professores, que, fechados em suas salas, trabalham suas disciplinas prescritas pelo currículo oficial. Ou seja, aos olhos deles, romper o silêncio escolar, sair da zona de conforto, subverter o ensino do currículo oficial da escola incomoda.

Mas, para o professor e dançador de congo Paulo César Fagundes, são com projetos como o Bumba meu Boi, com objetivos coesos e concretos que iremos preservar o pouco que nos resta da nossa cultura secular.

Diante desse cenário, há relatos de atores que se sentiram desanimados ou deixaram de

participar do projeto educacional. Afinal não é fácil se defrontar com olhares de rejeição, caretas, caras viradas, desprezo e até alguns xingamentos. Alguns professores pontuaram que houve alunos que, por ter de sair para o ensaio, acabaram perdendo o ano escolar. São alguns profissionais da escola que não sabem aproveitar o saber cotidiano para motivar mais e melhor seus alunos.

Isso tudo revela uma certa exclusão do saber histórico (porque são trajetórias que permanecem sem registros oficiais, sem documentos de identidades); uma exclusão econômica (sem suporte financeiro para se formar o terno da escola); uma exclusão religiosa (por se diferenciarem dos grupos religiosos reconhecidos à sua volta) e o geográfico (grupos culturais localizados sempre nos lugares mais distantes e com piores vias de acesso).

Por outro lado, há outros profissionais que conseguem entender a grande significação do trabalho realizado pela escola. A importância das referências aos sujeitos que contribuíram na formação do terno. São famílias que vêm transmitindo de geração a geração os saberes, os cantos, as narrativas ou os rituais da congada, permeados de afetos, conhecimentos e dedicação na construção do Terno de congo.

A Pedagoga da Escola Estadual Iracema Rodrigues, Dirce Alves da Silva relata em sua entrevista a importância significativa do trabalho realizado pela escola:

Muito importante, porque a cultura local enriquece as práticas e ajuda na elaboração de conceitos e ideias a respeito dessa cultura popular. Tudo isto abre caminhos para discussões considerando as manifestações e expressões culturais de uma povo.

Segundo a professora Dalila da Cruz Silva,

a formação afetuosa do Terno de Congo da escola se deu: porque alguns alunos e professores gostavam da mesma coisa e o mais precioso eles tinham ali; a vivência e os saberes familiares dos alunos que foram transmitidos de geração em geração.

No relato do congadeiro José Otávio Filho – DADU aparecem indícios de aprendizagens familiares:

Lá em casa, meu pai, meu avô, minha mãe já tocavam a congada. Cantavam, dançavam, faziam rimas pro Santo São Benedito. Aprendi com eles desde os 13 anos. Estou com 75 anos. Agora, ensino meus filhos a rezarem e a tocarem a congada para São Benedito. A congada não pode acaba. Precisa continuar.

Esses relatos vão ao encontro das ideias de Magalhães (2000, p.37):

As gerações são mais que cortes demográficos. Envolvem segmentos sociais que comportam relações familiares, relações entre amigos e colegas de trabalho, entre vizinhos, entre grupos de esportes, artes,

cultura e agremiações científicas. Implicam estilos de vida, modos de ser, saber e fazer, valores, ideias, padrões de comportamento, graus de absorção científica e tecnológica. Comporta memória, ciência, lendas, tabus, mitos, totens, referências religiosas e civis.

Magalhães (2000) nos afirma que, de geração para geração, ocorre o envolvimento dos modos de ser, agir, de valores e ações de comportamento, memória, tabus e mitos. Os congadeiros herdaram de suas gerações vários comportamentos: a reverência ao mastro assim que entram na Praça de São Benedito, o pedido de proteção para que tudo corra bem durante a festa, a saudação ao santo padroeiro. Portanto, os congadeiros Marcos e Daniel, alunos da Escola Estadual Iracema Rodrigues, herdaram de seus familiares o gosto pelas congadas. As relações entre as gerações percorrem um caminho de troca, de repasse de conhecimento dos mais velhos para os mais novos. O idoso é considerado o guardião do saber, o qual, na especificidade do congo, se transmite por meio de versos, músicas e gestos.

Dumazedier (1992, p. 9) complementa que:

As velhas gerações continuam a ter uma função de transmissão de conhecimentos às novas gerações. Há uma atitude seletiva com respeito aos ensinamentos da tradição e às lições da experiência, seja no trabalho, seja nas relações sociais, na vida familiar, no lazer etc.; porque as pessoas idosas representam, antes de mais nada, uma memória coletiva.

Cada geração tem interesses próprios, vindos de vontades individuais e de influências políticas, econômicas, sociais e culturais, como também apresentam interesses comuns diante de questões relacionadas à vida, à atualidade, à política.

É por essa diversidade nascida na cultura popular que surge a possibilidade de produzir, transmitir e adquirir novos saberes a partir das semelhanças e das diferenças de cada geração.

Segundo a pedagoga Dirce Maria da Silva, em entrevista sobre o reconhecimento da entrada da congada no espaço escolar,

Reconheço esta entrada, porém ainda há muito o que fazer para que a congada permaneça e não seja vista apenas como um grupo de alunos na maioria negros batendo diferentes instrumentos. Tal mudança requer principalmente o olhar e a postura dos educadores promovendo oportunidade de discussões sobre o tema. Discussões, debates estimulando, incentivando e orientando sobre a importância de valorizar a cultura local.

O retrato que consigo fazer da entrada da cultura popular da congada no espaço escolar apresenta tensões por conta da diferença de entendimentos e olhares postos sobre essa

cultura e sobre esse currículo hegemônico.

Durante esse processo de investigação, na construção de um lugar e de um olhar de pesquisadora precisa se construir uma escuta que acolha e interprete tais saberes. Precisa-se capacitar os profissionais que estão na escola para que tenham um olhar sensível e entendam a preciosidade cultural que os estudantes trazem de seus clãs familiares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar o Projeto “Griôs e Congada na Escola” nos permitiu refletir e analisar as potencialidades que foram descobertas por alunos, professores ao terem eleito os saberes da cultura popular como forma propulsora de ensinar os conhecimentos da cultura popular.

Durante a realização, na Escola Estadual Iracema Rodrigues da cidade de Machado-MG, de uma prática educacional inovadora, baseada na diferença étnica e cultural dos sujeitos presentes no espaço escolar, foi possível observar o envolvimento de um grupo de pais, de alunos e de professores. Entretanto, como em todo processo educativo, houve evidências de manifestações positivas e negativas.

Ao ser desenvolvido na Escola Estadual Iracema Rodrigues, o projeto educacional, numa perspectiva sócio-histórica, alinhou conhecimentos do saber popular, transmitidos pelos congadeiros, possibilitando que estudantes positivamente redimensionassem suas identidades, os papéis e os lugares sociais que lhes são atribuídos dentro e fora do espaço da escola. Em suma, resultou na reconstrução de histórias de vida, na valorização de culturas esquecidas e na recriação de identidades.

Podemos considerar essa prática educacional como uma prática de resistência, uma vez que as práticas educacionais que envolvem eventos culturais estão relacionadas às identidades de contestação dos jovens estudantes.

A identidade contestadora dos estudantes foi, a princípio, a motivação para a escrita do projeto educacional. E aos poucos foi se configurando como uma instância de educação para a transformação, na qual os estudantes reconheciam suas origens, suas histórias de vida, as histórias locais no contexto cultural no qual estão inseridos.

O trabalho realizado pelos professores, inicialmente pautado na cultura popular destes estudantes e no contexto sociocultural da cidade de Machado-MG, paulatinamente entrou no universo dos demais bairros da cidade, da topografia da região, da localização e características arquitetônicas da escola, das especificidades econômicas, enfim por uma série de fatores complexos que podem e foram explorados pelo projeto educacional.

Nesse movimento foram realizadas atividades como a visita à Casa do Congadeiro, à biblioteca municipal, à casa de cultura, à Praça de São Benedito, à Igreja de São Benedito, à Tenda do Congo durante realização da Festa de São Benedito, aos familiares dos estudantes que compunham o terno de congo da escola. Todos esses locais, verdadeiros centros culturais, foram muito importantes para os estudantes se reconhecerem, revitalizarem seus vínculos e fundamentarem suas identidades com a comunidade e com o meio.

Considerando o histórico dos componentes do Terno de Congo da escola, na sua maioria negros, para além de resistir, eles reexistem por meio do batuque, do canto, da fé.

Faz-se necessário destacar que as ações do projeto educacional trouxeram ao espaço escolar reflexões cruciais que impactaram sensivelmente os processos de ensino formais ali adotados.

Por tudo isso, acreditamos ter caracterizado esse projeto educacional como inovador, uma vez que a escola não tem dado conta de reconhecer outras culturas que as que já estão dentro da escola e outras formas de ensinar que não seja a sua; *hegemônica*. Esse movimento de prática educacional inovadora está nos gestos, nas roupas, nas falas dos alunados, e na forma de se reportarem às situações cotidianas. Portanto, entender as condições de formação cultural de nossos estudantes é compreender o espaço-tempo em que eles vivem e validar o repertório cultural que eles carregam.

É importante se estabelecer uma ponte entre o que está dentro da sala de aula e o que está fora, ouvindo as diferentes vozes que estão na escola. Trabalhar no reconhecimento destas vozes é romper com um sistema de violência simbólica que nada mais é do que a aceitação do significado do dominador pelo dominado. Reconhecer estas vozes no espaço da escola rompe com as estruturas do currículo dominante. Freire (1987) lembra que é preciso quebrar com as estruturas que levam o oprimido a interiorizar a mentalidade do opressor que faz com que o oprimido pense ser justa a ação do opressor.

Para tanto, o professor não pode ser ingênuo a ponto de não perceber que os valores e os padrões culturais da burguesia não são os mesmos que podem reconstruir identidades e autoestimas dos filhos das classes trabalhadoras.

Assim sendo, concluímos que a *cultura popular* pôde ser vista e entendida como forma de tanto no âmbito regional propiciar aos estudantes do projeto educacional “Griôs e Congada na Escola” o acesso ao saber popular das congadas, no que diz respeito aos conhecimentos quanto no local. Em outras palavras foi possível observar ainda no espaço escolar, segundo Hall (2003, p. 240), o princípio estruturador do “popular”: as tensões e as oposições entre aquilo que pertence ao domínio central, ou da cultura dominante e da cultura da “periferia.” Dizer que estas culturas dialogaram seria até ironia, na verdade o embate ocorre no interior delas.

A Escola Estadual Iracema Rodrigues, ao permitir que a congada adentrasse seu espaço, circunscreveu lugares e papéis. *Valorizou a cultura local* como transmissora de saberes significativos aos estudantes do projeto educacional. Saberes que contribuíram também para que esta cultura geracional não caísse no esquecimento e fosse valorizada.

Focalizou dimensões sociais e políticas ainda existentes no racismo e na forma como a existência dele prejudica o reconhecimento pelos estudantes de suas identidades.

De certa forma, o adentrar da congada ao espaço escolar pôde oferecer um olhar diferenciado sobre o grupo de estudantes que formam o terno de congo da escola, pois, dialogicamente, foram compartilhados fios de saberes e sentidos que deram vida às vozes sociais que sustentaram o projeto educacional. Nos demais estudantes, os que não participavam do projeto educacional desenvolvido no Projeto Escola de Tempo Integral, delineou interesses e curiosidades. Nos demais professores, aqueles que não ministravam suas aulas no do Projeto Escola de Tempo Integral moveu análises, reflexões sobre a prática educacional e a compreensão do lugar que estão e que falam.

O que poderá ter mudado na cabeça dos estudantes, nos professores, na escola, no currículo?

Sem dúvida, receberam não apenas dados da história escrita, mergulharam em histórias de vida, sobrevivida de pessoas que contribuíram para suas socializações.

A articulação da cultura do congo com a escola via projeto educacional estimulou questões complexas que foram confirmadas em nossas observações.

Ressalto que a aproximação da pesquisadora com os integrantes do próprio grupo não trouxe ao trabalho a minimização de tensões e conflitos. Foi construído um espaço de interação dialógica, onde sempre buscamos mais ouvir do que falar; mediar.

Nas narrativas dos estudantes que compõem o terno da escola, dos pais e dos professores, em uma perspectiva dialógica entre pesquisador e pesquisados, vimos uma arena de tensões, em que diferentes valores se enfrentaram imbuídos nas diversas posições sociais ocupadas. Pudemos notar no coletivo de professores da Escola Estadual Iracema Rodrigues preocupações com o currículo prescrito a ser cumprido; com os horários para os ensaios tanto dentro quanto fora do espaço escolar; com as reuniões com todos os estudantes que formam o Terno de Congo da escola; com o recebimento dos familiares dos estudantes na escola; com o barulho dos instrumentos rompendo com a rotina de silêncio tão “normal” a toda escola; com as questões religiosas no espaço escolar, pois os ternos de congo espiritualizados oravam a São Benedito; e também com as formas de ensinar dos congadeiros que falavam de maneira tão simples e prazerosa que os estudantes ficavam atentos a todo tempo.

As análises se concentraram nos dados existentes na secretaria da escola, depoimentos, entrevistas semiestruturadas, produção de vídeos e imagens, rodas de conversa com os envolvidos.

Concluimos que o objetivo das idealizadoras do projeto foi em parte atingido.

Os fatores que consideramos como limitantes foram:

- a) a falta de envolvimento por parte de alguns professores;
- b) a associação que alguns profissionais da escola fazem das congadas à crença religiosa do congo; os santos pretos. Isso denota um desconhecimento da religião de matriz africana, implicando, portanto, a rejeição à cultura popular;
- c) a não aceitação dos saberes da cultura popular, local. Alguns professores não a consideram como currículo;
- d) a rotatividade de profissionais na escola. A cada ano novos profissionais chegam à escola desconhecendo o valor da cultura popular e não valorizando o trabalho que a escola realiza com o conhecimento de vida dos estudantes.

As narrativas dos sujeitos entrevistados mostraram indícios de que, mais do que mobilizar a escola para se trabalhar com a cultura popular, é necessária uma releitura da valorização da *diversidade cultural*, e de conteúdos que tenham significados para os estudantes. A escola precisa privilegiar a cultura como meio de aproximar os estudantes de sua realidade e, nesse sentido, valorizar sua importância para os estudantes.

Para além dos ensinamentos oficiais, cumpre considerar as experiências de vida dos envolvidos, as metas propostas a serem cumpridas, a organização, o interesse, as reflexões, as ações e as avaliações, a fim de que seja feita uma releitura sobre a visão que se tem e o que se quer para o aluno, as táticas e estratégias.

Para Certeau (apud SOUZA, 2011, p.38):

as táticas e estratégias ainda pouco conhecidas, por meio das quais a população negra busca educar-se, experimentadas em meio a negociações e subversões, a dribles de uma série de mecanismos mais ou menos visíveis de interdições, em confronto com uma estrutura política, econômica e cultural historicamente desfavorável.

A feitura do Terno de Congo da Escola Estadual Iracema Rodrigues favoreceu ao corpo docente e discente fazer reflexões importantes relativas aos processos de ensino e aprendizagem. Para o corpo docente, exceto para aqueles que já gostavam da cultura da congada, foi difícil compreender e aceitar a congada dentro do espaço escolar, pois até então na visão desses profissionais a escola estaria deixando de lado sua função que era trabalhar a cultura escolar imposta pelo currículo. Currículo formalizado em práticas educacionais ultrapassadas que homogeneizam os estudantes, tratando de forma igual os desiguais, configura por si só uma forma de exclusão.

A escola recebe sujeitos vindos de diferentes cenários.

Conforme Hall (2003),

os povos africanos adentram diferentes cenários levando em seus corpos um construto milenar - os saberes, a palavra, a arte, a musicalidade, a estética, os valores-, fontes de ritos de práticas políticas, culturais e sociais que os sustentaram em suas mais diversas formas de reinventar a vida em meio a escravização.

As práticas educacionais precisam se ligar às importantes configurações da cultura, as quais exigem a compreensão dos múltiplos caminhos para entrever o processo de aquisição do conhecimento. É por meio do conhecimento da cultura de seus estudantes e das relações dessa cultura com a sociedade, que a escola poderá evitar o avanço dos preconceitos e dos estigmas segregatórios.

Segundo Hall (2003, p.242), será uma luta cultural que, naturalmente, assume diversas formas: incorporação, distorção, resistência, negociação, recuperação.

O ser humano vem se tornando um pouco mais tolerante às questões raciais e religiosas, porém é um processo ainda em evolução. Houve avanços, mas as divergências e as rejeições, ao se trabalhar com os saberes da cultura popular ainda existem.

Com isso a escola ainda se mantém receosa em trabalhar a temática da cultura local, fundamentada na cultura popular. Vale ressaltar que, para a inserção da temática da cultura popular na escola e para que ela seja um ponto significativo na cultura das pessoas, é preciso que os professores tenham uma leitura de mundo mais qualificada e mobilizadora. Na sua maioria os professores de todas as áreas detêm uma leitura acadêmica aprendida na escola e eles, em geral, pouco se interessam pela temática do contexto cultural, social, político e econômico vivido pelos menos favorecidos. É crucial que eles se aproximem mais das histórias de vida dos estudantes, do local onde vivem, do entorno escolar. É a escola chegando até o aluno.

O trabalhar com a cultura envolve oposições e embates, tendo em vista o contexto da congada adentrada no espaço escolar. Esse embate fica evidente quando percebemos os conflitos gerados por questões relacionadas à religião, à mudança de paradigma e até mesmo às práticas pedagógicas. Como bem lembra Hall (2003), a cultura popular é organizada em torno da contradição: as forças populares versus o bloco do poder.

Acreditamos que, se professores perceberem o grande aliado encontrado no trabalho coma contextualização da cultura dos alunos conferindo significados a essas aprendizagens, teremos encontrado uma forma de inclusão e inovação curricular. Estaremos abandonando, segundo a visão de Freire (1985,p.72), a educação que apresenta o claro objetivo de proteger o poder das elites e manter o povo submisso.

Nas escolas públicas e particulares brasileiras, o estudo da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena se apresenta regido por uma nova legislação (a 10.639/2003 que veio a alterar a Lei 9.394/96), estabelecendo que o conteúdo programático incluía diversos aspectos da história e da cultura que formaram a população brasileira: os índios e os africanos.

Todavia, é, com certeza, um grande desafio desenvolver na escola, novas práticas educacionais que valorizem as múltiplas identidades que integram a identidade do povo brasileiro.

As professoras responsáveis pelas aulas no Projeto Escola de Tempo Integral tiveram papel importante na realização do projeto educacional, primeiro pelas ligações que algumas mantinham com a tradicional festa de São Benedito de Machado (MG) e segundo, pelo entendimento do manifesto de resistência dos alunos ao currículo oficial. Assim motivadas, elas foram em busca de respaldo metodológico para a embasar a realização dele: pesquisaram cultura afro-brasileira, selecionaram literatura sobre o assunto e, na cidade de Machado-MG procuraram obter informações sobre os Ternos da cidade, focando especificamente sobre Terno do Boi, que motivou a formação do Terno da Escola Estadual Iracema Rodrigues.

Apesar dessa ideia exitosa, as professoras revelaram em seus relatos que vivenciaram situações de incertezas e dúvidas quanto à viabilidade de uma atividade que especificamente era pouco valorizada e tinha a aprovação de poucos no espaço da escola, mas por entenderem ser a escola, a família e a sociedade responsáveis pela elaboração e pela transmissão de conhecimentos, por reconhecerem a valorização da cultura do outro a formação da personalidade social dos indivíduos, todas as suas hesitações caíram por terra.

Cumprir frisar que a Escola Estadual Iracema Rodrigues, se tornou referência na elaboração desse projeto educacional, inovador que compreendeu mais e melhor aquilo que estava perto de seus estudantes e conseguiu desenvolver com eles conceitos inclusive já formalizados pela ciência. Tornou mais eficiente e atrativo o trabalho na sala de aula, ao compreender o local e a cultura do meio no qual os estudantes estão inseridos, buscando relacionar esses conhecimentos com a totalidade.

Mostraram aos alunos do coletivo do Terno de Congo que eles possuem história e que são portadores de conhecimento. Todo conhecimento nasce de uma construção social e traz traços culturais do local e da cultura na qual foram gerados. Faz-se necessário destacar que o projeto educacional “Grios e Congada na Escola” desenvolveu atividades que envolvem costumes de uma festa que abarca a vida cultural da população. São elementos por meio dos quais os estudantes se percebem pertencentes a um grupo, a uma comunidade possuidora de uma identidade social.

A escola deve, portanto, fornecer a seus estudantes elementos para que reconstruam suas identidades. Ter identidade é sentir-se parte de um grupo, de uma comunidade. É uma questão política, pois se trata de romper com os esquemas de dominação impostos pela classe dominante.

Concluimos que a escola na contemporaneidade é local de diversas subjetividades inscritas na história de vida dos estudantes sendo, portanto, naturalmente o ambiente propício para aprendizagens que inclua as culturas populares.

Com a entrada do conhecimento da cultura afrodescendente no espaço da escola, formou-se um público interessado em suas próprias raízes, não envergonhados, mas orgulhosos delas, protagonistas com espírito aberto o suficiente para redescobrir e valorizar a cultura guardada na memória de seus pais e avós.

Neste sentido, a cultura popular poderá ser reconhecida e respeitada, poderá alcançar o patamar da legitimidade de que hoje goza a cultura da elite, na escola ou fora dela.

A criação do Terno do Boi na Escola Estadual Iracema Rodrigues contribuiu para a ocupação e a revitalização de novos espaços na escola que favoreceram aprendizagens significativas no contexto cultural dos estudantes e de suas famílias.

Com a efetivação do projeto educacional na escola, foram vivenciadas situações de resultados positivos ao rendimento escolar e as subjetividades dos estudantes.

Houve melhora na frequência escolar e, como consequência, a redução de evasão. Houve planejamento das aulas, buscando integrar os saberes da cultura popular ao cotidiano da escola. Ocorreram aprendizagens significativas, e os estudantes se tornaram mais pontuais e assíduos. Compreenderam e entenderam mais e melhor as regras escolares, uma vez que, antes do projeto educacional, era difícil para os componentes do Terno de Congo acatarem as normas.

Ao sentirem a sua cultura reconhecida no espaço da escola, seu olhar se modificou em relação a ela. Enquanto na comunidade escolar alguns aplaudiam e validavam o projeto educacional, outros professores, entretanto, não o aprovavam, chegando a afirmar que ele atrapalhou os ensinamentos de sua disciplina, o que significava ensinar o currículo oficial. Foram até um pouco mais longe, afirmando que os alunos que saíam da sala para ensaiar e aprender essa cultura popular estavam sendo prejudicados em suas aprendizagens.

Nota-se que, na Escola Estadual Iracema Rodrigues da cidade de Machado- MG a visão tradicionalista; a que se compromete apenas com a transmissão de conhecimentos disciplinares e eurocêntrica ainda é bem presente entre alguns componentes da equipe escolar.

Já a direção escolar mostrou-se bastante receptiva, sempre esteve presente em todas as

suas etapas. Este interesse facilitou as parcerias com o público necessário para que o projeto educacional pudesse ser desenvolvido e alcançasse os resultados previstos pelas suas idealizadoras: a melhora da autoestima, a recriação das identidades dos estudantes, a valorização da cultura local e da cultura dos estudantes que formaram o Terno da escola, as aprendizagens mais significativas para os estudantes, a valorização da cultura popular como forma de motivação para as aulas no projeto Escola de Tempo Integral.

Outro fator positivo a ser considerado é a influência do projeto educacional para minorar as disparidades étnico-sociais discriminatórias, possibilitando aos diferentes participantes o uso da voz, da imagem, do sincretismo religioso da congada para divulgar a importância de recriar a história desse povo que foi escravizado.

Na história dos Ternos de Congo, as hierarquias são respeitadas, não por imposição de leis e, sim, pela tradição, historicidade e moralidade que envolve a estrutura das Congadas desde a sua origem.

Diante de tais caracterizações, a capacidade de integração social dos diferentes corpos favoreceu a ampliação do diálogo entre as pessoas da congada e as pessoas da escola, fator essencial para a socialização eficaz almejada pelos educadores para com os estudantes do terno da escola.

Eles aprenderam por meio de pessoas experientes, familiares ou não, a ouvir e a contar sobre as raízes que dão suporte ao povo brasileiro, uma vez que o negro está nas origens do Brasil, dos mais sofridos. Também é o povo que mais contribuiu com a cultura brasileira em todas as áreas. Isso requer uma viabilidade maior da socialização.

Por meio dessas tensões, conflitos e embates é que se tornam cada vez mais importantes o estudo e o entendimento das diferentes culturas para que não se percam as identidades culturalmente readquiridas.

O projeto educacional possibilitou, a projeção da escola diante da comunidade, de seu entorno escolar que lançou sobre a escola um outro olhar.

O estudo de caso situacional – a história do terno de congo, o Terno do Boi da Escola Estadual Iracema Rodrigues – nos conduziu por uma viagem histórica, permeada de encantamentos pela memória e lembranças de um lugar.

Do ponto de vista institucional, a realização do projeto educacional acarretou um distanciamento da pedagogia da instituição (que ministra o ensino e aprendizagem na escola do governo) e uma aproximação com a pedagogia da experiência (aquele ensino aprendizagem que se vale da escola da vida). Mas isso sempre envolve muitas tensões.

De um lado a escola oficial estabelecida em programas, currículos, calendário escolar,

dias letivo. De o outro o adentrar de grupos locais repletos de culturas e ansiosos pelo olhar e pelo reconhecimento dos dominantes.

Reconhecer as tensões, os embates existentes na escola entre a cultura popular tensionando a cultura escolar implica um complexo empreendimento: localizar na comunidade pessoas que sabem a história dessa cultura popular e estejam dispostos a rememorá-la.

Reconhecer pessoas no espaço escolar que dêem continuidade ao projeto educacional para além destes 10 anos de atuação.

Portanto, é interessante analisar como a cultura popular utiliza as festas populares para reelaborar e elaborar sentidos e como estas culturas dialogam com as atividades pedagógicas na escola. Cada vez mais o fator cultural vai se confirmando como resistência, luta, oposição. O ser humano aprende, comprovadamente, por múltiplos canais e por diversas vertentes.

Para Souza (2002), segundo Freire, nós, os seres humanos, nascemos inconclusos, inacabados.

Ensinamos e aprendemos na convivência familiar, no interior das culturas, nos locais de trabalho, de recreação e em ambientes apropriados para o exercício do conhecimento.

Deve-se pensar a cultura popular como decorrência da vida, repleta de pessoas que estejam interessadas em pensar propostas mais humanistas para a educação. O que se ensina e se aprende poderá ou não nos dar respostas para nossos anseios juntos com a sociedade.

Portanto, é possível no cotidiano das práticas educacionais recontextualizar as mensagens escolares. Valorizar os conhecimentos culturais presentes no espaço da escola.

Traduzir a cultura do aluno, nesta questão a cultura afrodescendente possibilitará um processo de aproveitamento das diferenças dentro da escola e dentro das salas de aula.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamira R. de; FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ALVARENGA, Oneyda. **Música popular brasileira**. Porto Alegre: Globo, 1960.

BASEGIO, Leandro Jesus; MEDEIROS, Renato da Luz. **Fundamentos teóricos e metodológicos das Ciências Humanas**. Curitiba: IbpeX, 2008. v.1.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade. Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. **O tempo vivo da memória: ensaios de vida social**. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2004.

BURKE, Peter. **A cultura popular na Idade Moderna. Europa 1500-1800**. São Paulo: Companhia de Bolso, 1989.

CANO, Márcio Rogério de Oliveira. (Coord.). In: OLIVEIRA, Regina Soares de, OLIVEIRA, Vanusia Lopes de; FONSECA, Vitória Azevedo da. **A reflexão e a prática de ensino**. São Paulo: Edgard Blucher, 2012.

CAPRONI, Caproni Gonçalves; REIS, Marilda Signoretti. **A festa de São Benedito em Machado**, Gráfica Folha Machadense, 1979.

CARVALHO, Murilo et alli, **Artista e festas populares**. São Paulo: Brasiliense, 1977.

CENDALES, Lola; MARIÑO, Germán. **Educação não formal e educação popular. Por uma pedagogia do diálogo cultural**. São Paulo: Loyola, 2006.

COSTA, José Aparecido (Capitão do Congo). Esse boi é meu. **Revista da Associação dos Congadeiros**, 2014, [p. 98].

DAMASCENA, Adriane Alvaro. Jovens negros e manifestações religiosas: congadas de Goiania/GO e cacumbi de Laranjeiras/SE (o louvor e a brincadeira). In: SIMPÓSIO NORDESTE DA ABHR-ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, 2., 2015, Goiânia. **Anais ...** Goiânia: ABHR, 2015. p. 1-7.

FEBVRE, Lucien. **Profissões de fé à partida. Combates pela história**. Lisboa: Presença, 1989.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1886.

FORQUIN, J. C. **Ecole et Culture. Le point de vue des sociologues britanniques**. Bruxelles: De Boeck Université, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, Irlen Antônio; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História das culturas e das práticas escolares: perspectivas e desafios teórico-metodológicos. In: SOUZA, Rosa Fátima; VALDEMARIN; Vera, Teresa. (Org.). **A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicos e desafios para a pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2005 p.31-57.

GIROUX, Henri. Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular. In: MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994.

HALL, Stuart. **Da Diáspora – Identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Tradução de Celina C.Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MATINADA, Ubiratã. **Entrevista Campanha do Catupé do Martins**. Concedida a Larissa Oliveira e Gabarra. Uberlândia/MG, set.2000.

MELLO, Adilson da Silva; SILVA JÚNIOR, Otávio Candido da. Uma leitura da “Circularidade” entre culturas em Carlo Ginzburg. **Janus**, Lorena, v. 3, n. 4, 2006.

MELLO E SOUZA, Antonio Candido. Roger Bastide e a literatura brasileira, In: MELLO e SOUZA, A. C. **Recortes**, São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

MOLL, Jacqueline. **Caminhos para se elaborar uma proposta de Educação Integral em jornada ampliada: como ampliar tempos, espaços e oportunidades educativas para crianças, adolescentes e jovens aprenderem**. Brasília, 2013. 66 p.

NIDELCOFF, María Tereza. **Uma escola para o povo**. Tradução de João Silverio Trevisan. Rosário: Editorial Biblioteca / Departamento de Publicaciones de La Biblioteca C.C, Vigi, 1985.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, 1993.

OLIVEIRA. Barbosa Inês. **Currículos praticados. Entre a regulamentação e a emancipação**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar**. 3. ed. São Paulo: T.A.Queiroz-Edito, 1993.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação**. São Paulo: Paulinas, 2007.

PORTELLI, Alessandro. Formas e significado na história oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História**, São Paulo, PUC, n. 14, p. 7-24, fev.1997 a.

_____ O que faz a história oral diferente. **Projeto História**. São Paulo, PUC, n. 14, p. 25-39, fev. 1997b.

_____ Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**, São Paulo, PUC, n. 15, p. 13-50, abr. 1997c.

_____ História oral como gênero. Revista **Projeto História**, São Paulo., v. 22, jun. 2001. ISSN 0102-442.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MACHADO. **Localização geográfica**. Machado, 2018.
Disponível em: <http://www.prefeituramachado.mg.gov.br/cidade.html>. Acesso em: 18 jun. 2018.

RABAÇAL, Alfredo João. **As congadas no Brasil**. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Cultura, 1976.

REBELLO, Ricardo Moreira. **O município de Machado até a virada do milênio**. Machado, 2006. Tomo I - II.

REVISTA CONGADAS. Machado, anual, 1942.

_____. Machado, anual, 2004.

_____. Machado, anual, 2014.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido de Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SHIMA, Sonia Mari; TULESKI, Silvana Calvo. **Vigotski: o homem cultural e seus processos criativos barrocos**. Araraquara: GT: Psicologia da Educação, n. 20 – CNPQ e CAPES. 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche. A poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUZA, João Francisco de. **Atualidade de Paulo Freire: contribuição ao debate sobre a educação na diversidade cultural**. São Paulo: Cortez, 2002. (Biblioteca Freireana, v.3)

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: Editora 34, 2000.

ZAMITH, Rosa Maria Barbosa. Aspectos internos do fazer musical num Congado de Minas Gerais. **Revista Música**, São Paulo, v.6, n.1/2, p. 190-202, maio/nov.1995.

ANEXO A - Escopo do Projeto educacional elaborado pelas professoras Dalila da Cruz Silva, Fabiana de Carvalho e Luiza de Paula no ano de 2007. Ano de surgimento da montagem do Terno de Congo na Escola Estadual Iracema Rodrigues em Machado-MG.(Escopo arquivado em sala com memorial da escola)



E.E. “IRACEMA RODRIGUES” DE ENS. FUND. E MÉDIO
CRIAÇÃO: 1964

1º GRAU: EXTENSIVO ÀS SÉRIES: RESOLUÇÃO CEE 5.566/85
2º GRAU: CRIAÇÃO DECRETO Nº 24.430 DE 22/03/1985

Rua Irmão Arnaldo Isidoro, 500 – 37750-000 – Machado/MG Telefax – (35) 3295 1139 - e_mail: Caixarodrigues@ig.com.br

Título: Griôs e Gongada: A cultura popular adentrando ao espaço escolar.
 Proponentes: Prof^a Dalila da Cruz Silva, Prof^a Luiza de Paula,
 Prof^a Fabiana de Carvalho, Prof^a Jussara Maria da Silva.

Viva o Brasil, viva Minas Gerais
 Viva o Brasil, viva Minas Gerais
 Viva o povo dessa terra
 Morador desse lugar
 Sua visita esteve boa
 Vai deixar muita saudade
 Vamos nós pedir a Deus
 A Senhora do Rosário
 E ao Senhor São Benedito
 Proteção pro seu trabalho
 Viva o Brasil...
 Quando eu vim lá de Machado
 No coração só bondade
 Rezo a Santa Efigênia
 Pras Almas Santas Beneditas
 Agradeço a Santo Onofre
 “E à Senhora Aparecida”

(Música composta por Martinho da Vila em visita à Casa dos Cingadeiros da cidade de Machado- MG.
 Ano: Agosto 2014.)

Nome do projeto:

“Griôs e Congada: A cultura popular adentrando ao espaço escolar”.

Objetivo do projeto:

Este projeto tem como objetivo trazer para dentro do espaço escolar, os conhecimentos das congadas como manifestação cultural e religiosa, a fim de difundir para as novas gerações e promover a sensação de pertencimento cultural e identitário dos sujeitos frequentadores do espaço escolar.

Introdução:

A Escola Estadual Iracema Rodrigues localizada no centro da cidade de Machado - MG., possui atualmente dois mil e quinhentos alunos com a faixa etária de 11 á 18 anos, a grande maioria de regiões periféricas da cidade de Machado e da zona rural. Dentro da proposta escolar, iniciamos no começo de 2007 o projeto Escola de Tempo Integral, que assiste 70 crianças de 11 á 16 anos, a maioria em situação de vulnerabilidade social, onde além do currículo escolar básico, ações de educação não formal são colocadas.

Analisando as problemáticas sociais envolvidas, o desinteresse escolar, os conflitos diante da auto-estima e das questões raciais, e observando a necessidade de promover além do fortalecimento educacional a consolidação de um resgate histórico, já que a maioria dos alunos são filhos e/ou netos de congadeiros(as), surgiu através de um diálogo entre as professoras responsáveis, a proposta “Griôs e Congada, A cultura popular adentrando ao espaço escolar”; que possui como principal ação a difusão dos conhecimentos tradicionais difundidos a mais de 100 anos pelas congadas de Machado.

Neste sentido a proposta se baseia em ações de diálogo e escuta, entre os alunos e seus familiares que conseqüentemente são grandes mestres da cultura popular Machadense, onde possuem um vasto conhecimento oral, sobre os costumes e a história de um povo anos marginalizado.

O projeto se apoiará através de pesquisas fotográficas, artigos jornalísticos, revistas, depoimentos, visitas as famílias tradicionais da Congada Machadense e a espaços importantes para a cultura na cidade (Casa do Congadeiro, Praça de São Benedito), contação de histórias com os grandes mestres, oficinas de elaboração de instrumentos e oficina de confecção do boi; onde posteriormente após todo conhecimento obtido iniciaremos a estruturação e a difusão de um terno de Congo do Boi, infanto-juvenil.

Justificativa:

Analisando o histórico de desinteresse escolar dos alunos para com o currículo escolar tradicional, aliados a necessidade criativa dos mesmos em buscar ações que trouxessem a música e a dança para a sala de aula, e a herança cultural que trazem de suas famílias, sobretudo diante da Congada, manifestação cultural altamente presente nos costumes Machadenses, é possível justificar claramente a importância de valorizar a cultura tradicional popular da Congada e trazê-la para dentro do Espaço Escolar.

A cidade de Machado com histórico econômico agrícola, e com um alto índice de desigualdade social e conservadorismo, é fortemente bombardeada por suas manifestações tradicionais culturais e religiosas, a Congada, que em sua maioria é ministrada por homens e mulheres socialmente marginalizados, pela cor de suas peles e pelas suas origens sociais, é o carro chefe de muitas outras ações que pautam a diversidade étnica e regional dos povos Machadenses, sobretudo é uma das principais manifestações de cultura negra presentes no território que resiste por mais de um século, ao que se tem registro. Conseqüentemente, qualquer cidadão Machadense seja ele de qualquer geração, possui descendência direta ou já teve contato com algum(a) mestre (a) Congadeiro(a).

No entanto, apesar de sua grande difusão entre a população, poucas são as ações de fortalecimento desta manifestação, tanto pelo poder público quanto pelo poder privado, o que em conseqüência coloca em risco sua permanência, já que a Congada é uma manifestação tradicional que possui a oralidade como ponto de difusão, onde se não passada adiante perde força e futuramente corre risco de extinção.

Neste contexto, percebe-se a importância de valorizar o conhecimento tradicional diante das próximas gerações, que além de herdeiras co-sanguíneas, carregam a responsabilidade de dar continuidade a esta manifestação, além de fortalecer e sensibilizar o currículo escolar para com a realidade de seus educandos.

Objetivos gerais:

Promover a difusão da Congada Machadense para as novas gerações.

Valorizar a cultura oral e tradicional afro-brasileira através do espaço escolar.

Valorizar a bagagem e a herança cultural dos educandos.

Promover a sensação de pertencimento dos educandos diante do espaço escolar.

Objetivos específicos:

Promover o fortalecimento e a difusão de conhecimentos sobre a Congada Machadense para as turmas de período integral da E.E.I.R.

Despertar a sensação de pertencimento dos educandos para com a Congada e a Escola, através do resgate histórico e das ações.

Criar após os conhecimentos obtidos um terno de Congo do Boi, infante juvenil.

Metodologia:

As atividades do Projeto Griôs e Congada: A cultura popular adentrando ao espaço escolar, são pautadas por diferentes tipos de abordagem e pesquisa que podem se alterar organicamente através da observação e do desenvolvimento dos alunos.

As ações se dividem em dois eixos, Pesquisa e Ação.

EIXO	ATIVIDADE	DESCRIÇÃO
Pesquisa	Sensibilização – Primeiros diálogos com os educandos sobre congadas.	Primeiro diálogo com os educandos sobre Congada, para saber sobre suas vivências e experiências com o tema.
Pesquisa	Sessão de vídeos e fotografias.	Vídeos com o tema Congada.
Pesquisa	Dialogo com os familiares dos educandos. Tema: Congada	Conversa com pais e parentes.
Pesquisa	Pesquisa junto dos familiares. (Fotos e histórias)	Resgate de fotos familiares. Tema: Congada
Pesquisa	Rodas de Conversa com os Griôs	Roda de conversa com os Griôs.
Pesquisa	Visita a Casa dos Congandeiros- Visita histórica.	Visita externa.
Pesquisa	Visita a Praça São Benedito	Visita externa.
Pesquisa	Visita a Casa dos Congandeiros mais antigos.	Visita externa.
Ações	Oficina de confecção de instrumento.	Confecção de instrumentos tocados na congada. (Chocalhos, tambores).

Ações	Oficina de dança/ congada.	Oficina de danças das Congada.
Ações	Oficina de percussão	Aulas de percussão com os congadeiros.
Ações	Oficina de elaboração de Bumba-Meu Boi. (A história do Boi na cidade.)	Aulas de confecção de Bumba-Meu- Boi, com os artesãos do terno da Congada.
Ações	Estruturação Terno de Congo Infanto-Juvenil.	Organização do terno.
Ações	Elaboração de poesias (Tema Congadas).	Confecção de poesias tema Congada.
Ações	Ensaio – Terno de Congo Infanto Juvenil.	Ensaio do Terno de Congo Infanto Juvenil.
Ações	Apresentação: Poesias e Terno Congo Infanto Juvenil.	Apresentação na Praça de São Benedito e na procissão de São Benedito.

Cronograma:

ATIVIDADE	PERÍODO - AGOSTO DE 2007 A AGOSTO - 2008.
Sensibilização – Primeiros diálogos com os educandos sobre congadas.	1 mês (4 aulas)
Sessão de vídeos e fotografias.	2 mês (4 aulas)
Dialogo com os familiares dos educandos. Tema: Congada	3 mês (4 aulas)
Pesquisa junto dos familiares. (Fotos e histórias)	4 mês (4 aulas)
Rodas de Conversa com os Griôs	5 mês (4 aulas)
Visita a Casa dos Congandeiros	6 mês (1 aula)
Visita a Praça São Benedito	6 mês (1 aula)
Visita a Casa dos Congadeiros mais antigos.	6 mês (1 aula)
Oficina de confecção de instrumento.	7 mês (4 aulas)
Oficina de dança/ congada.	8 mês (4 aulas)
Oficina de percussão	9 mês (4 aulas) e 10 mês (4 aulas): Total (8 aulas).
Oficina de elaboração de Bumba-Meu Boi.	11 mês (2 aulas)

Estruturação Terno de Congo Infante-Juvenil.	11 mês (2 aulas)
Elaboração de poesias (Tema Congadas).	12 mês (1 aula)
Ensaaios – Terno de Congo Infante Juvenil.	12 mês (3 aulas)
Apresentação: Poesias e Terno Congo Infante Juvenil.	12 mês (1 aula/dia)

Orçamento:

Trabalho voluntário, feito com os recursos disponíveis na Escola e em parceria com a Casa dos Congadeiros de Machado.

ANEXO B - Imagens cedidas pela Escola Estadual Iracema Rodrigues.
(Arquivadas no memorial da escola.)



Figura 18 - Terno de Congo: Terno de São Benedito do Bairro Bom Jesus em visita à Escola Estadual Iracema Rodrigues em Machado-MG. Agosto 2008.

Fonte: Arquivo de eventos da Escola Estadual Iracema Rodrigues.



Figura 19 – Oficina de ornamentação do Bó-Bumbá no pátio da Escola Estadual Iracema Rodrigues em Machado–MG. Agosto 2018.

Fonte: Arquivo de eventos da Escola Estadual Iracema Rodrigues.



Figura 20 – Estudantes e Professores (a) da Escola Estadual Iracema Rodrigues preparando o Boi-Bumbá para apresentação no espaço escolar. Agosto 2008.

Fonte: Arquivo de eventos da Escola Estadual Iracema Rodrigues.



Figura 21 - Oficina de vestimenta do Boi-Bumbá no pátio da Escola Estadual Iracema Rodrigues em Machado-MG. Agosto 2018.

Fonte: Arquivo de eventos da Escola Estadual Iracema Rodrigues.



Figura 22 - Boi-Bumbá elaborado e exposto na sala do Projeto Escola de Tempo Integral na Escola Estadual Iracema Rodrigues em Machado-MG. Agosto 2008.

Fonte: Arquivo de eventos da Escola Estadual Iracema Rodrigues.

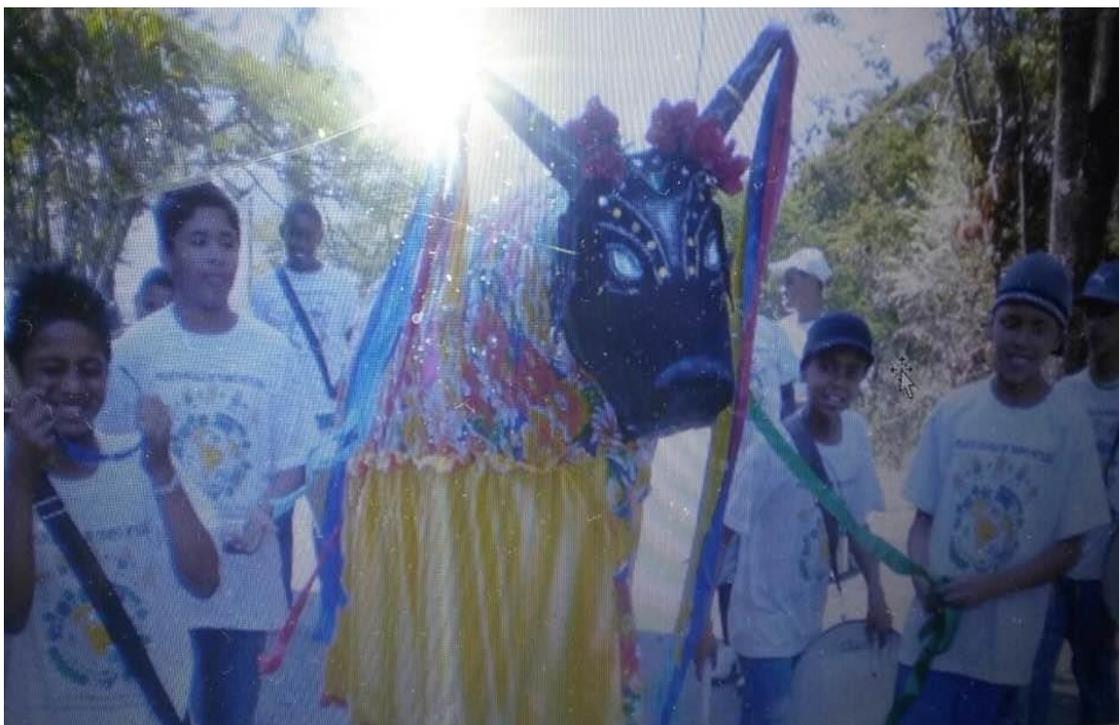


Figura 23- Alunos do Projeto Escola de Tempo Integral participantes do Terno de Congo formado na Estadual Iracema Rodrigues em Machado-MG. Agosto 2008.

Fonte: Arquivo de eventos da Escola Estadual Iracema Rodrigues.



Figura 24 – Terno de Congo do Boi em apresentação à Comunidade Escolar Iracema Rodrigues. Agosto 2018.

Fonte: Arquivo de eventos da Escola Estadual Iracema Rodrigues.



Figura 25 – Terno de Congo do Boi saudando o Mastro de São Benedito na Praça de São Benedito em Machado-MG. Agosto 2018.

Fonte: Arquivo de eventos da Escola Estadual Iracema Rodrigues.



Figura 26 - Terno de Congo da Escola Estadual Iracema Rodrigues em apresentação na Praça de São Benedito. Ano 2018.

Fonte: Arquivo de eventos da Escola Estadual Iracema Rodrigues.



Figura 27 - Terno de Congo da Escola Estadual Iracema Rodrigues em visita a Igreja de São Benedito. Ano 2018.

Fonte: Arquivo de eventos da Escola Estadual Iracema Rodrigues.



Figura 28 - Terno do Caiapó em visita à Escola Estadual Iracema Rodrigues em Machado-MG. Agosto 2018.

Fonte: Arquivo de eventos da Escola Estadual Iracema Rodrigues.



Figura 29 – Terno do Boi em dia de apresentação no espaço da Escola Estadual Iracema Rodrigues em Machado-MG. Agosto 2018.

Fonte: Arquivo de eventos da Escola Estadual Iracema Rodrigues.



Figura 30 – Terno do Boi em dia de apresentação no espaço da Escola Estadual Iracema Rodrigues em Machado-MG. Agosto 2018.

Fonte: Arquivo de eventos da Escola Estadual Iracema Rodrigues.

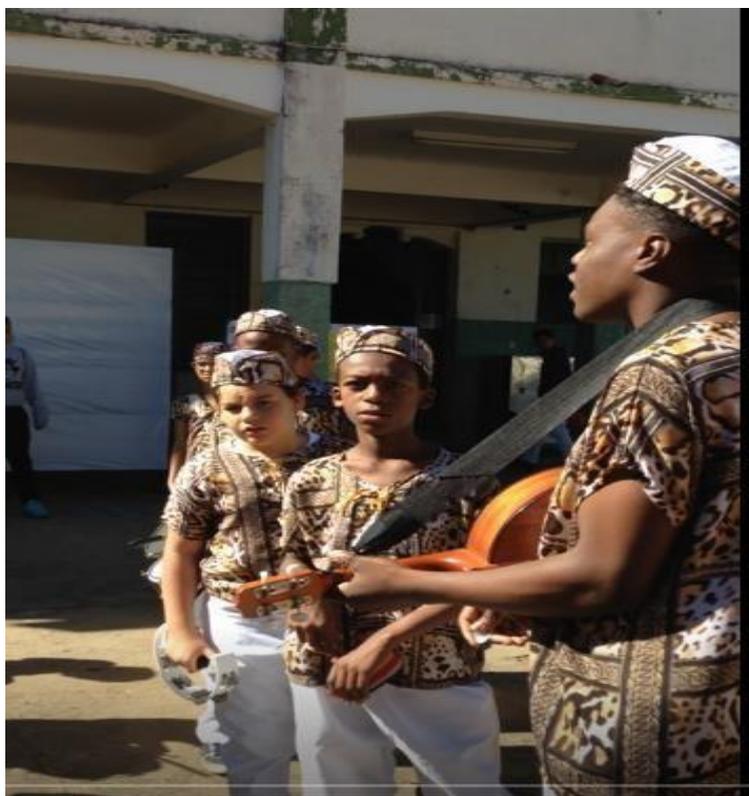


Figura 31 - Daniel Moreira. - Capitão do Terno do Boi da Escola Estadual Iracema Rodrigues. Agosto 2018.

Fonte: Arquivo de eventos da Escola Estadual Iracema Rodrigues.



Figura 32 – Dançantes do Terno Congo no espaço da Escola Estadual Iracema Rodrigues em Machado-MG. Agosto 2018.

Fonte: arquivo de eventos da Escola Estadual Iracema Rodrigues



Figura 33 – O Boi - Bumbá no pátio da Escola Estadual Iracema Rodrigues Agosto 2018.

Fonte: arquivo de eventos da Escola Estadual Iracema Rodrigues.